



BALZAC

A MULHER DE TRINTA ANOS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



BALZAC

A MULHER DE TRINTA ANOS



Honoré de Balzac

A MULHER DE TRINTA ANOS

Tradução de
Marina Appenzeller

Prefácio de
Philippe Berthier

3ª edição



Tradução do prefácio Luciano Vieira Machado

Revisão Armando Nei e Marcelo Rondinelli

Assistência editorial Tomoe Moroizumi e Fábio Bonillo

Composição Pedro Barros e Marcelo Higuchi

Ilustração e projeto gráfico de capa Natanael Longo de Oliveira

Editores Angel Bojadsen e Edilberto F. Verza

Produção do livro digital Booknando

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Balzac, Honoré de, 1799-1850.

A mulher de trinta anos / Honoré de Balzac ; tradução de Marina Appenzeller ; prefácio de Philippe Berthier. – São Paulo : Estação Liberdade, 2000.

Título original: La femme de trente ans.

ISBN 978-65-86068-90-0

1. Romance francês I. Berthier, Philippe. II. Título

99-1681 CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura francesa 843

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e sempre em conformidade com a legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto no 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Editora Estação Liberdade Ltda.

Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda

01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180

www.estacaoliberdade.com.br

Sumário

DEUS ESCREVE CERTO POR LINHAS TORTAS

Prefácio de Philippe Berthier

PRIMEIROS ERROS

SOFRIMENTOS DESCONHECIDOS

AOS TRINTA ANOS

O DEDO DE DEUS

OS DOIS ENCONTROS

A VELHICE DE UMA MÃE CULPADA

Deus Escreve Certo por Linhas Tortas*

Philippe Berthier

Os defeitos de *A mulher de trinta anos* saltam aos olhos e já foram por demais salientados para que neles nos detenhamos: tendo se estendido por dezesseis anos (1828-1844), a redação costura seis partes preexistentes, que se harmonizam antes mal que bem. A cronologia interna é incoerente, o gênero e o tom das diferentes partes destoam (o que há de comum entre a análise psicológica de “Sofrimentos desconhecidos” e o folhetim desvairado de “Os dois encontros”, de que o próprio Balzac dizia ser um melodrama indigno dele?). Apesar disso, mesmo com esses disparates, a obra cativa. Ela é de uma riqueza notável e toca alguns pontos essenciais da obra balzaquiana.

Trata-se, antes de mais nada, de uma meditação complexa, mas profundamente conservadora, sobre os danos da transgressão social e moral, o inelutável cortejo de catástrofes que ela implica: os “primeiros erros” inauguram uma fatalidade que, de elo em elo, semeará a desgraça numa família, inevitáveis sequelas da irresponsabilidade e da desobediência. Julie é uma jovem encantadora, mas principalmente uma desmiolada que se enamora pelo que há de mais superficial (a beleza física) para ligar sua vida à de um imbecil e egoísta: de nada adiantam as advertências do pai (numa cena que se repetirá na geração seguinte por duas vezes, ilustrando a triste verdade prática segundo a qual, para sua grande desgraça, os filhos não ouvem jamais as advertências dos pais, eterno retorno da cegueira das paixões). Apesar dos sinistros presságios de um número maldito — o décimo terceiro domingo de 1813 —, e já às vésperas da *débâcle* histórica em que a nação vai se precipitar, um destino individual sela, por frivolidade, seu desastre. Filha rebelde, Julie toma o caminho da afirmação do desejo pessoal a qualquer preço, que, para Balzac, é sempre fatal, porque ignora a necessidade da submissão às altas exigências da existência social.

O trauma de uma noite basta para aquilatar a brutalidade de Victor, que não tem a menor ideia das expectativas de sua esposa. Incapaz de fazer com que ela partilhe seus prazeres, ele a trata como mero objeto sexual. Esse medíocre inconsciente não vê praticamente nenhuma diferença entre seu cavalo e sua mulher, que logo passa a sentir por ele apenas piedade e desprezo. Balzac não é condescendente com a fatuidade masculina e tampouco com a leviandade feminina. O casamento aparece

então como uma odiosa impostura, uma prostituição legal. Nesse mercado de tolos, a mulher tem infinitamente mais a perder que o homem, pois a opinião pública costuma ser indulgente com todas as faltas deste, enquanto que ela permanece prisioneira de seus deveres; a reprovação geral que sancionaria qualquer falta de sua parte afigura-se a Balzac como a punição pela infração às leis ou o sintoma de “tristes imperfeições das instituições nas quais repousa a sociedade europeia” (leia-se: os casamentos “arranjados” por questões de interesse). Armadilha mortal para a mulher que não soube (ou não pôde) escolher seu esposo, o casamento exige, com razão, que se honre o pacto solene firmado diante de Deus e dos homens; ele garante aos indivíduos imensas vantagens, mas também exige sacrifícios, e é o cúmulo do ilogismo interessado pretender se furtar a suas obrigações, ao mesmo tempo que se tira partido de suas prerrogativas. Afinal de contas, comenta ferozmente Balzac, os infelizes sem pão, que respeitam a propriedade alheia, não são menos de lamentar que as mulheres infelizes em função de uma má escolha conjugal. Julie recebe o funesto pagamento à sua imaturidade juvenil, à sua incompreensão dos grandes imperativos — prescritos pela sociedade para que possa subsistir — e do alcance destes. O amor de Arthur — sublime, mas, de forma masoquista, repellido — apenas confirma *a contrario* o caráter carceral da instituição do casamento para a mulher.

É no duro confronto entre Julie e o cura de Saint-Lange que Balzac salienta a incompatibilidade entre as reivindicações do eu, por definição anárquicas, e as exigências da moral e da vida em sociedade. Afirmando reiteradas vezes que ela não é religiosa, ele a chama de excluída e de transgressora, corpo estranho, não passível de integração, fadada à solidão errática das pulsões pessoais. Seu discurso apaixonado contra a hipocrisia à qual está condenada por força da indissolubilidade do laço matrimonial certamente aponta uma verdadeira e profunda chaga social, mas exprime sobretudo a tomada de consciência demasiado tardia de alguém que se comprometeu às tontas, sem compreender o caráter irreversível de um ato impensado. Ela chega a rejeitar a família, a considerar sua filha apenas como “uma negação” (fórmula mortífera, pela qual ela se coloca fora da ordem sagrada do ser vivo), e se mostra incapaz de alargar sua estreita visão de mulher frustrada e revoltada para chegar a uma vasta compreensão e aceitação das regras de organização humana sob o olhar de Deus.

O que tem que acontecer acontece, e depois de quatro anos de louvável fidelidade à lembrança do morto adorado, Charles de Vandenesse colhe o fruto longamente amadurecido: termina-se sempre por pagar os pecados. O hino aos encantos irresistíveis da balzaquiana (vibrante de gratidão autobiográfica) não consegue ocultar o princípio capital: “A santidade das mulheres é inconciliável com os deveres e as liberdades da sociedade. Emancipar as mulheres é corrompê-las (...) É preciso

aceitar essa teoria em todo o seu rigor, ou absolver as paixões”. Impossível passar por cima dos termos dessa dialética em estado bruto: o desejo e a lei são absolutamente incompatíveis e se excluem mutuamente. Quem decide servir a um deve aceitar as consequências devastadoras da negação do outro. Que se trata, no fundo, de um dilema metafísico, dado que é a lei divina que afiança a lei humana — Balzac o aponta, de forma não muito sutil, dando o título de “O dedo de Deus” ao relato do assassinio da criança adúltera de Julie pela “filha do dever”: é a cena mais perturbadora do romance, e também a mais freudiana, onde se podem entrever terríveis subterrâneos de ciúmes e de ódio, revelando também, e principalmente, uma patética necessidade de amor. Balzac faz aqui sondagens divinatórias nos abismos de uma psique infantil atormentada, por onde vagam monstros tão atrozes quanto os fantasmas e as tentações dos adultos. Hélène vinga seu pai, numa dessas tragédias domésticas que sempre haverão de escapar à justiça dos homens. Quando discorre sabiamente sobre esses dramas clandestinos que se deixam adivinhar naquelas “tristes preferências”, ou nas “predileções que o mundo chama delicadamente de indefiníveis”¹, dos pais em relação a alguns de seus filhos, o tabelião representa, no interior da ficção, o próprio romancista, decifrador dos hieróglifos sociais e testemunha dos crimes impunes que se cometem a cada dia no recesso impenetrável das famílias. A denúncia de terríveis desvios sociais e morais combina-se aqui com a exploração de um filão romanesco em larga medida inédito, que alimenta em Balzac essas histórias “de transpiração contida”, como imaginará mais tarde seu discípulo Barbey d’Aurevilly.

Em compensação, é à exterioridade do romantismo inflamado, ao *roman noir* e ao romance de aventuras de seus primeiros tempos que Balzac volta para o ato seguinte da expiação. Hélène busca resgatar o sangue que derramou oferecendo sua vida a um assassino heroico (ele também mata, mas por uma causa nobre: primeiro eliminando um criminoso que escapou à punição da justiça, depois pirateando pelos mares em favor da libertação das colônias espanholas). Que ele se chame Victor (como o pai dela), que o meio-irmão afogado por ela se chame Charles (como o irmão biológico dele), e também que o filho que ela tem do pirata se chame Abel (como seu outro meio-irmão) mostra, de forma quase excessivamente explícita, com que sádico encarniçamento Balzac quis dobrar e redobrar sobre ela própria a maldição familiar, sugerir que é sempre a mesma história que recomeça sem cessar. Roída de remorsos há dez anos, Hélène dedica-se a uma missão sagrada de redenção de seu próprio crime, colocando-se a serviço de um homem que está além do bem e do mal. A cena em que ela acaba com o mentiroso idílio familiar pretende ser uma prova de verdade, mas soa falsa, e é tão difícil acreditar nela quanto no episódio corsário que se lhe segue, ou na triste morte de Hélène que serve de fecho; Balzac volta a uma linha

quase popular contra a qual ele próprio se levantara. Para além desses acontecimentos insanos, divertidos por seu caráter implausível, o que é preciso notar é o cumprimento do plano de Deus que, como diz o provérbio português citado por Claudel na epígrafe de *Soulier de satin*, “escreve certo por linhas tortas”. Querendo reparar o atentado de outrora, Hélène engana-se mais uma vez e apenas executa cegamente o plano de uma fatalidade: ela repete e agrava a transgressão de sua mãe. Longe de apagar os terrores da culpabilidade, seu doloroso fim confirma que não é possível lavar-se do pecado original. Em seu leito de morte, ela finalmente compreendeu: “a felicidade nunca pode ser encontrada fora dos limites da lei”. O que é confirmado sentenciosamente por Julie, de quem o mínimo que se pode dizer, porém, é que não deu o bom exemplo!

Mas essa mensagem suprema nunca haverá de ser transmitida, como o prova a última estação do calvário. *Mater dolorosa*, Julie esgotará o cálice da amargura. Ela passa por uma mulher exemplar, que tem uma filha maravilhosa, a última que lhe resta. Mais uma vez, e sempre, trata-se de uma mentira. Moína é antes Moira, divindade antiga que personifica o Destino, aquela que persegue os culpados e ajusta as contas. Fazendo amor com seu meio-irmão Alfred de Vandenesse, ela fecha o círculo do incesto, toma para si uma falta que gira em círculo e retransfunde indefinidamente em si. Ninguém pode quebrar o círculo dantesco. O apelo de Julie não será ouvido, assim como outrora ela não ouvira seu pai. Moína mata-a com uma palavra, enquanto ela mesma, por sua vez, espera sua vez de ser morta, inapelavelmente, para satisfazer um castigo inesgotável.

Estas sequências, destacadas de um álbum que poderíamos intitular, como Schumann, *Frauenliebe und Leben*, apresentam-nos os momentos fortes de uma vida de mulher em todos os seus estágios e encontram sua unidade nessa repetição da desgraça, que atua persistentemente através dos tempos para vingar uma falta inicial. Balzac é severo para com sua sedutora heroína. Se suas fraquezas de malcasada são perdoáveis aos olhos míopes (e, é bom que se note, aos olhos do escritor que as ausculta amorosamente), nem por isso deixarão de ser inextinguíveis, visto que feriram princípios intocáveis. De resto, ela não busca desculpas, reivindicando para si, por várias vezes, a condição de causadora de suas próprias desgraças. “Deus”, diz magnificamente Balzac, “se serve eternamente dos filhos contra as mães, dos pais contra os filhos, dos povos contra os reis, dos príncipes contra as nações, de tudo contra tudo; (...) agindo conforme uma ordem imutável, um objetivo só por ele conhecido”. Apesar das aparências, tudo se arranja e cada um recebe o que merece. Moral paradoxal de um quadro sem concessões de curiosas desordens, que testemunham em favor de uma Ordem superior, caucionada pelo Divino. Na sociedade tal como funciona, a mulher é sempre vítima, é certo, e Balzac insiste

nisso; mas nada desculpa a profanação dos grandes compromissos do casamento. *A mulher de trinta anos* é exatamente o contrário de um libelo feminista. E tampouco se limita a um estudo sociológico. Como tudo o que Balzac escreve, é uma constatação de fratura no âmago do ser, uma reflexão sobre a perda da Unidade no mundo moderno. Julie d'Aiglemont sofreu muito, poderíamos mesmo acreditar que ela pagou pelos seus erros. Mas há dívidas transcendentais que não se podem quitar jamais.

-
- A tradução do prefácio é de Luciano Vieira Machado. ↵
 - 1. Lembremos que Balzac sofreu muito com a predileção de sua mãe pelo seu irmão mais novo, cujo pai era o senhor de Margonne. ↵

Dedicado a Louis Boulanger, pintor

Primeiros Erros

No início do mês de abril de 1813, houve um domingo cuja manhã prometia um daqueles belos dias em que os parisienses vêm pela primeira vez no ano suas ruas sem lama e seu céu sem nuvens. Antes do meio-dia, um cabriolé luxuoso atrelado a dois cavalos vigorosos saiu para a Rue de Rivoli pela Rue Castiglione e parou atrás de várias carruagens estacionadas junto à grade recém-aberta no meio do terraço dos Feuillants. Esse veículo ligeiro era conduzido por um homem aparentemente inquieto e doentio; os cabelos grisalhos mal lhe cobriam o crânio amarelado e faziam-no velho antes do tempo; jogou as rédeas ao laçao a cavalo que acompanhava o carro e desceu para apanhar em seus braços uma moça cuja beleza graciosa chamou a atenção dos ociosos que passeavam pelo terraço. A jovem deixou, complacente, que a pegassem pela cintura quando ficou de pé à porta do veículo e passou os braços em torno do pescoço de seu cicerone, que a pôs na calçada sem amassar os adornos de seu vestido em repes verde. Um apaixonado não teria tanto cuidado. O desconhecido devia ser pai daquela mocinha que, sem lhe agradecer, pegou seu braço com familiaridade e arrastou-o bruscamente para o jardim. O velho pai observou os olhares maravilhados de alguns rapazes, e a tristeza estampada em seu rosto apagou-se por um momento. Embora há muito tivesse chegado à idade em que os homens devem contentar-se com os prazeres enganadores que a vaidade concede, sorriu:

— Acham que és minha mulher — disse ao ouvido da jovem, endireitando-se e caminhando com uma lentidão que a desesperou.

Ele parecia galante com a filha e talvez sentisse mais prazer do que ela com os olhares lançados pelos curiosos sobre seus pezinhos calçados de borzequins em tecido quase preto, sobre a cintura deliciosamente desenhada pelo vestido que um tecido fino bordado sobrepunha e na direção do pescoço viçoso, que uma golinha bordada não escondia por inteiro. Os movimentos do andar erguiam por alguns instantes o vestido da jovem e permitiam que se visse, acima dos borzequins, a redondez da perna sutilmente moldada por uma meia de seda com furinhos. Por isso, mais de um passeante ultrapassou o casal para admirar ou rever o jovem rosto em torno do qual brincavam alguns cachos de cabelos castanhos e cuja brancura e encarnado tanto os reflexos do cetim rosa do forro de um capote elegante quanto o desejo e a impaciência que crepitavam em todos os traços da linda pessoa realçavam.

Doce malícia animava seus belos olhos negros amendoados, encimados de sobranceiras bem arqueadas, limitados por longos cílios e que nadavam em um fluido puro. A vida e a juventude exibiam seus tesouros naquele rosto picante e em um busto, ainda gracioso, a despeito da cintura então colocada sob os seios. Insensível às homenagens, a jovem olhava com uma espécie de ansiedade para o castelo das Tulherias, decerto a meta do passeio petulante. Eram quinze para o meio-dia. Apesar da hora matinal, várias mulheres, todas querendo mostrar suas toaletes, retornavam do castelo, não sem virar a cabeça, ar amuado, como se tivessem chegado tarde demais para usufruir de um espetáculo desejado. Algumas palavras que escaparam do mau humor daquelas belas passeantes desapontadas, ouvidas por acaso pela linda desconhecida, inquietaram-na particularmente. O velho senhor espreitava, mais curioso do que zombeteiro, os sinais de impaciência e temor no rosto encantador de sua companheira e observava-a talvez com demasiado cuidado para não ter nenhuma segunda intenção paterna.

Era o décimo terceiro domingo do ano de 1813. Dali a dois dias, Napoleão partiria para a fatal campanha durante a qual perderia, sucessivamente, Bessières e Duroc, ganharia as memoráveis batalhas de Lutzen e Bauten, seria traído pela Áustria, pela Saxônia, pela Baviera, por Bernadote, e disputaria a terrível batalha de Leipzig. A parada magnífica encomendada pelo imperador deveria ser a última das que suscitaram por tanto tempo a admiração dos parisienses e dos estrangeiros. A velha guarda executaria pela última vez as manobras rebuscadas cuja pompa e precisão surpreenderam às vezes até o próprio gigante, que então se preparava para seu duelo com a Europa. Um sentimento triste atraía para as Tulherias a multidão chamativa e curiosa. Todos pareciam adivinhar o futuro e talvez pressentissem que, por mais de uma vez, a imaginação teria de recordar essa cena, quando esses tempos heroicos da França adquirissem, como naquele dia, cores quase fabulosas.

— Vamos mais rápido, meu pai — dizia a jovem, o ar endiabrado, arrastando o velho senhor. — Estou ouvindo os tambores.

— São as tropas entrando nas Tulherias — respondeu ele.

— Ou desfilarão, todos estão voltando! — replicou a moça com uma amargura infantil que fez o velho senhor sorrir.

— A parada só vai começar ao meio-dia e meia — disse o pai, que praticamente andava atrás de sua filha impetuosa.

Pelo movimento que ela imprimia ao braço direito, parecia que o estava usando para correr. Sua mãozinha, bem enluvada, amassava um lenço com impaciência e parecia o remo de um barco que fende as ondas. O velho senhor às vezes sorria; porém, outras vezes, expressões de preocupação entristeciam por momentos o rosto descarnado. Seu amor por aquela bela criatura fazia com que admirasse o presente,

mas também temesse o futuro. Parecia dizer a si mesmo: — Ela está feliz hoje, será que o estará sempre? É que as pessoas mais velhas tendem a transferir seus sofrimentos para o futuro dos jovens. Quando pai e filha chegaram ao peristilo do pavilhão em cujo topo flutuava a bandeira tricolor e por onde os passeantes vêm e vão do jardim das Tulherias para o Carrossel, as sentinelas gritaram-lhes, a voz grave: — Proibido passar!

A mocinha ergueu-se na ponta dos pés e conseguiu entrever a multidão de mulheres enfeitadas que atravancavam os dois lados da velha arcada de mármore por onde o imperador deveria sair.

— Está vendo, meu pai, saímos tarde demais.

Seu beicinho tristonho traía a importância que ela atribuía a assistir àquela revista.

— Bem, Julie, vamos embora, você não gosta de ser pisoteada.

— Vamos ficar, meu pai. Daqui ainda poderei ver o imperador; se ele perecer em campanha, jamais o terei visto.

O pai estremeceu ao ouvir aquelas palavras egoístas, a voz da filha estava chorosa; olhou-a e acreditou observar sob as pálpebras abaixadas algumas lágrimas provocadas menos pelo despeito do que por um daqueles primeiros desgostos cujo segredo é fácil para um velho pai adivinhar. De repente, Julie enrubescou e lançou uma exclamação que nem as sentinelas, nem o velho senhor entenderam. A esse grito, um oficial que corria do pátio para a escadaria virou-se bruscamente, adiantou-se até a arcada do jardim, reconheceu a jovem, por um momento escondida pelos grandes bonés de pele dos granadeiros, e de imediato revogou a ordem, para ela e o pai, que ele próprio dera; em seguida, sem dar atenção aos murmúrios da multidão elegante que assediava a arcada, atraindo suavemente para si a criança encantada.

— Não me espanta mais nem a raiva nem o ardor dela, agora que sei que você estava de serviço — disse o velho senhor ao oficial, o ar tão sério quanto zombeteiro.

— Senhor — respondeu o rapaz — se querem um bom lugar, não vamos perder tempo conversando. O imperador não gosta de esperar, e fui encarregado pelo marechal de ir avisá-lo.

Enquanto falava, pegou com uma espécie de familiaridade o braço de Julie e arrastou-a depressa rumo ao Carrossel. Julie viu, surpresa, a multidão imensa que se espremia no pequeno espaço entre as muralhas cinzentas do palácio e as balizas unidas por correntes que desenhavam os grandes quadrados de areia no meio do pátio das Tulherias. O cordão de sentinelas, postado para deixar a passagem livre ao imperador e seu estado-maior, tinha muitas dificuldades para não ser empurrado pela multidão impaciente, que zumbia como um enxame.

— Então, vai ser bonito? — perguntou Julie sorrindo.

— Cuidado! — exclamou o oficial, que pegou Julie pela cintura e a ergueu com tanto vigor quanto rapidez, a fim de transportá-la para perto de uma coluna.

Não fosse erguida com tanta rapidez, sua curiosa parente seria esmagada pela garupa do cavalo branco, aparelhado com uma sela de veludo verde e ouro, que o mameluco de Napoleão segurava pela rédea, quase sob a arcada, a dez passos atrás de todos os cavalos que esperavam os oficiais mais graduados, companheiros do imperador. O jovem postou pai e filha perto da primeira baliza à direita, à frente da multidão, e recomendou-os com um sinal de cabeça a dois velhos granadeiros entre os quais se encontravam. Quando o oficial retornou ao palácio, o súbito temor que o recuo do cavalo havia imprimido em seu rosto foi sucedido por um ar feliz e alegre. Julie apertara-lhe a mão misteriosamente, ou por gratidão, por aquele pequeno favor que acabara de lhe prestar, ou para lhe dizer: — Finalmente vou vê-lo! — Ela até inclinou a cabeça com suavidade como resposta ao cumprimento respeitoso, a ela e a seu pai, do oficial, que em seguida desapareceu com presteza. O velho senhor, que parecia ter deixado os dois jovens juntos de propósito, permanecia em atitude grave, um pouco atrás de sua filha; contudo, observava-a de esguelha e tratava de inspirar-lhe uma falsa segurança, parecendo absorto na contemplação do espetáculo magnífico que o Carrossel oferecia. Quando Julie lançou a seu pai o olhar de um aluno preocupado com o mestre, o velho senhor respondeu-lhe até com um sorriso de alegria benevolente; mas seu olhar perscrutante seguira o oficial até a arcada, e nenhum acontecimento daquela cena rápida lhe escapara.

— Que belo espetáculo! — disse Julie em voz baixa, apertando a mão do pai.

O aspecto pitoresco e grandioso do Carrossel naquele momento fazia milhares de espectadores, os rostos acesos de admiração, pronunciarem aquela exclamação. Outra fileira de gente, tão apertada quanto a multidão em que estavam o velho senhor e a filha, ocupava o espaço estreito e pavimentado ao longo da grade do Carrossel, em linha paralela ao castelo. A multidão acabava de desenhar com nitidez, pela variedade dos trajes femininos, o imenso retângulo formado pelas edificações das Tulherias e a grade então recém-colocada. Os regimentos da velha guarda que se iriam passar em revista preenchião o vasto terreno, onde representavam, diante do palácio, imponentes linhas azuis de dez fileiras de profundidade. Além da barreira e no Carrossel encontravam-se, em outras filas paralelas, muitos regimentos de infantaria e cavalaria prontos para desfilar sob o arco do triunfo que enfeita o meio da grade, em cujo topo se viam na época os magníficos cavalos de Veneza. Escondiam a música dos regimentos, situada sob as galerias do Louvre, os lanceiros poloneses de serviço. Uma grande parte do quadrado de areia permanecia vazia como uma arena preparada para os movimentos daqueles corpos silenciosos, cujas massas, dispostas com a simetria da arte militar, refletiam os raios de sol nos clarões

triangulares de dez mil baionetas. Agitando as plumas dos soldados, o vento as ondulava como árvores de uma floresta curvadas sob vento impetuoso. Essas faixas velhas, mudas e brilhantes, ofereciam mil contrastes de cores devido à diversidade dos uniformes, dos paramentos, das armas e das agulhetas. O quadro imenso, miniatura de um campo de batalha antes do combate, era poeticamente emoldurado, com todos os seus acessórios e acidentes estranhos, pelas construções altas e majestosas, cuja imobilidade os chefes e os soldados pareciam imitar. Involuntariamente, o espectador comparava as paredes de homens às paredes de pedra. O sol da primavera, que lançava sua luz em profusão sobre as paredes brancas construídas na véspera e as paredes seculares, iluminava plenamente os inúmeros rostos bronzeados, que contavam, todos, os perigos passados e esperavam com gravidade os perigos do amanhã. Os coronéis de cada regimento iam e vinham sozinhos diante das frentes formadas por aqueles homens heroicos. Além das massas dessas tropas sarapintadas de prata, azul, púrpura e ouro, os curiosos avistavam as bandeirolas tricolores amarradas nas lanças de seis infatigáveis cavaleiros poloneses, que, à semelhança de cães conduzindo o rebanho ao longo de um campo, volteavam sem parar entre as tropas e os curiosos, para impedir que os últimos ultrapassassem o pequeno espaço de terreno que lhes era concedido junto à grade imperial. Não fosse isso, seria possível acreditar-se no palácio da Bela Adormecida. A brisa da primavera que roçava os bonés de pelos longos dos granadeiros atestava a imobilidade dos soldados, da mesma forma que o murmúrio surdo da multidão acusava seu silêncio. Às vezes, apenas o ruído de sinos, ou de algum golpe leve dado por negligência em um tambor grande e repetido pelos ecos do palácio imperial, assemelhavam-se a trovões longínquos que anunciam a tempestade. Um entusiasmo indescritível eclodia na expectativa da multidão. A França estava despedindo-se de Napoleão às vésperas de uma campanha cujos perigos eram previsíveis pelo cidadão mais humilde. Desta feita, tratava-se, para o Império francês, de ser ou não ser. Essa ideia parecia animar a população urbana e a população armada que se espremiavam, igualmente silenciosas, nos limites onde plainavam a águia e o gênio de Napoleão. Esses soldados, esperança da nação francesa, esses soldados, sua última gota de sangue, também participavam da inquieta curiosidade dos espectadores. Talvez a maioria dos assistentes e dos militares estivessem se dizendo adeus para sempre; mas, todos os corações, mesmo os mais hostis, oravam aos céus ardorosamente pela glória da pátria. Os homens mais cansados da luta iniciada entre a Europa e a França haviam todos deixado de lado seus rancores ao passar sob o arco do triunfo, pois compreendiam que, no dia do perigo, Napoleão era a França inteira. O relógio do castelo bateu a meia hora. Naquele momento, o zunido da multidão cessou, e o silêncio tornou-se tão profundo que se ouviria a voz de uma criança. O velho senhor

e a filha, que pareciam viver apenas pelos olhos, distinguiram então um estrépito de esporões e o tinido de espadas que vibraram sob o peristilo sonoro do castelo.

Um homenzinho bastante volumoso, de uniforme verde, calças brancas e botas de montaria, apareceu de repente, conservando na cabeça um chapéu de três pontas, tão famoso quanto o próprio homem; a grande fita vermelha da Legião de Honra fluuava-lhe no peito, uma pequena espada a seu lado. O Homem foi visto por todos os olhos e, ao mesmo tempo, de todos os pontos da praça.

Imediatamente, os tambores troaram, e as duas orquestras começaram uma frase cuja expressão guerreira se repetiu em todos os instrumentos, desde a mais doce das flautas até o maior instrumento de percussão. A esse chamado belicoso, as almas estremeceram, as bandeiras saudaram, os soldados apresentaram as armas em movimento unânime e regular que agitou os fuzis desde a primeira até a última linha no Carrossel. Palavras de comando saltaram de fila em fila como ecos. Gritos de “Viva o Imperador!” eclodiram da multidão entusiasmada. Enfim, tudo tremulou, mexeu-se, abalou-se.

Napoleão estava a cavalo. Esse movimento imprimira vida às massas silenciosas, fornecera voz aos instrumentos, impulso às águias e às bandeiras, emoção a todos os rostos. As paredes das altas galerias do velho palácio também pareciam clamar “Viva o Imperador!” Não foi algo humano, foi uma magia, um simulacro do poder divino, ou melhor, uma imagem fugidia desse reino tão fugidio. O homem cercado de tanto amor, entusiasmo, dedicação, desejos, para quem o sol afugentara as nuvens do céu, permaneceu montado, três passos à frente do pequeno esquadrão dourado que o seguia, tendo o marechal-mor à esquerda, o marechal de serviço à direita. Em meio a tantas emoções por ele estimuladas, nenhum traço de seu rosto denotava comoção.

— Oh, meu Deus, claro. Em Wagram, no meio do fogo, em Moscou entre os mortos, ele está sempre calmo como Batista, *ele!*

Essa resposta a numerosas perguntas foi dada pelo granadeiro que se encontrava junto à jovem. Julie ficou por um momento absorta na contemplação daquele rosto cuja calma indicava tão grande segurança de poder. O imperador avistou a senhorita de Chatillonest e inclinou-se para Duroc, para dizer-lhe uma frase curta que fez o marechal-mor sorrir. Começaram as manobras. Se até então a jovem dividira a atenção entre a figura impassível de Napoleão e as linhas azuis, verdes e vermelhas das tropas, naquele momento se limitou, quase que exclusivamente, no meio dos movimentos rápidos e regulares executados por aqueles veteranos, a um jovem oficial que corria a cavalo entre as linhas que se moviam e retornava em uma atividade infatigável para o grupo à frente do qual brilhava o simples Napoleão.

O oficial montava um magnífico cavalo negro e distinguia-se da multidão agaloada pelo belo uniforme azul-celeste dos oficiais às ordens do imperador. Seus

bordados crepitavam de maneira tão viva ao sol, e o penacho de seu barrete militar estreito e longo recebia dele clarões tão fortes, que os espectadores foram obrigados a compará-lo a um fogo-fátuo, a uma alma invisível encarregada pelo imperador de animar, de conduzir aqueles batalhões, cujas armas ondulantes lançavam chamas quando, a um único sinal de seus olhos, quebravam-se, agrupavam-se, giravam como as ondas de um turbilhão, ou passavam diante dele como essas vagas longas, eretas e altas que o oceano, tomado de cólera, dirige às praias.

Quando as manobras terminaram, o oficial às ordens correu a galope e deteve-se diante do imperador para aguardar seus comandos. Naquele momento, estava a vinte passos de Julie, diante do grupo imperial, em uma postura bem semelhante à que Gérard imprimiu ao general Rapp no quadro da *Batalha de Austerlitz*. A jovem pôde então admirar seu bem-amado em todo o seu esplendor militar. O coronel Victor d'Aiglemont, que mal chegara aos trinta anos, era alto, bem-apegoado, esbelto; e suas formas proporcionais jamais se destacavam tanto quanto nos momentos em que empregava a força para dominar um cavalo, cujo dorso elegante e flexível parecia dobrar-se debaixo dele. Seu rosto másculo e moreno exibia aquele encanto inexplicável que a regularidade perfeita de traços transmite aos rostos jovens. A testa era alta e larga. Os olhos de fogo, sombreados por sobrancelhas espessas e adornados por cílios longos, desenhavam-se como duas ovas brancas entre duas linhas negras. O nariz oferecia a curva graciosa de um bico de águia. A cor púrpura dos lábios era realçada pelas sinuosidades do inevitável bigode negro. Os pômulos largos e vivamente coloridos apresentavam tons castanhos e amarelos que denotavam um vigor extraordinário. O rosto, marcado pelo selo da bravura, oferecia o tipo hoje buscado pelo artista quando pensa em representar um dos heróis da França imperial.

O cavalo ensopado de suor, a cabeça agitada revelando extrema impaciência, as duas patas anteriores afastadas e paradas em uma mesma linha, sem que a primeira ultrapassasse a segunda, faziam as longas crinas de sua cauda espessa flutuar; e sua dedicação oferecia uma imagem material da veneração que seu dono tinha pelo imperador. Vendo o bem-amado tão ocupado em atrair os olhares de Napoleão, Julie sentiu um pouco de ciúmes, ao pensar que ainda não merecera um relance seu.

De repente, o soberano pronuncia algo, Victor aperta os flancos do cavalo e parte a galope; mas a sombra de uma baliza projetada na areia assusta o animal, que se desorienta, recua, ergue-se, tão bruscamente que o cavaleiro parece em perigo; Julie solta um grito, empalidece; todos a olham com curiosidade, ela não vê ninguém; seus olhos estão colados naquele cavalo feroso demais que o oficial pune, enquanto corre para transmitir as ordens de Napoleão. Essas imagens extraordinárias absorveram tanto Julie que, sem perceber, ela se agarrou ao braço do pai, a quem

revelou involuntariamente seus pensamentos pela pressão mais ou menos forte dos dedos. No instante em que Victor estava a ponto de ser derrubado pelo cavalo, enganchou-se ainda com mais fúria ao pai, como se ela própria estivesse correndo o perigo de cair.

O velho contemplava com preocupação sombria e dolorosa o rosto radioso da filha, e sentimentos de piedade, de ciúme e até de remorso insinuaram-se em todas as suas rugas contraídas. Mas, quando o brilho insólito dos olhos de Julie, o grito que ela acabara de dar e o movimento convulsivo dos dedos acabaram de desvendar-lhe um amor secreto, devem ter-lhe ocorrido algumas revelações tristes do futuro, pois seu rosto exibiu então uma expressão sinistra. Naquele momento, a alma de Julie parecia ter passado para a do oficial. Um pensamento mais cruel que todos os que haviam assustado o velho senhor crispou os traços de seu rosto sofredor quando viu d'Aiglemont trocando, enquanto passava diante deles, um olhar de cumplicidade com Julie, cujos olhos estavam úmidos e cuja tez adquirira vivacidade extraordinária. Levou bruscamente a filha em direção ao jardim das Tulherias.

— Mas, meu pai, ainda falta a manobra de alguns regimentos na praça do Carrossel — disse ela.

— Não, minha querida, todas as tropas já desfilaram.

— Acho que o senhor está enganado, meu pai. O senhor d'Aiglemont deve tê-las feito avançar...

— Minha filha, não estou bem e não quero ficar.

Julie não teve dificuldades para acreditar no pai quando viu o rosto que as preocupações paternas abatiam.

— O senhor está se sentindo muito mal? — perguntou distraidamente, tanto estava preocupada.

— Cada novo dia não é uma graça que me é concedida? — respondeu o velho senhor.

— O senhor vai me afligir de novo falando-me de sua morte! Eu estava tão contente! Que tal espantar essas terríveis ideias tristes?

— Ah! — exclamou o pai dando um suspiro —, que criança mimada! Os melhores corações são às vezes bem cruéis. Dedicar-lhes nossas vidas, só pensar em vocês, preparar seu bem-estar, sacrificar nossos gostos a seus caprichos, adorá-los, dar até nosso sangue não é nada? Infelizmente, é verdade que vocês aceitam tudo com indiferença. Para conseguir sempre seus sorrisos e seu amor desdenhoso, seria necessário ter o poder de Deus. Depois, chega um outro! Um namorado, um marido arrebatava-nos o coração!

Espantada, Julie fitou o pai, que caminhava lentamente e lançava sobre ela olhares apagados.

— Você se escondem até de nós — tornou a falar —, mas talvez até de vocês mesmos...

— O que o senhor está dizendo, meu pai?

— Acho, Julie, que não me conta alguns segredos. Você está amando, Julie — retomou o velho senhor com vivacidade, ao ver que a filha acabara de enrubescer. — Ah! Esperava vê-la fiel a seu velho pai até a morte, esperava mantê-la perto de mim, feliz e disposta! Admirá-la como você era ainda ontem. Ignorando seu destino, acreditava em um futuro tranquilo para você; mas agora é impossível eu ter esperança de felicidade para sua vida, pois ama ainda mais o coronel que seu primo. Não tenho mais dúvidas.

— Por que seria proibido amá-lo? — exclamou a moça, demonstrando viva curiosidade.

— Ah, minha Julie, você não compreenderia — respondeu o pai, suspirando.

— Diga, de qualquer forma — pediu ela, deixando escapar um gesto de insubordinação.

— Bem, minha pequena, ouça-me. As moças criam muitas vezes imagens nobres, arrebatadoras, figuras ideais e forjam para si ideias quiméricas sobre os homens, sobre os sentimentos, sobre o mundo; em seguida, atribuem inocentemente a um caráter as perfeições com que sonharam e entregam-se a ele; amam no homem que escolheram essa criatura imaginária; mais tarde, porém, quando não há mais tempo para se libertar da infelicidade, a aparência enganadora que embelezaram, seu primeiro ídolo, transforma-se finalmente em esqueleto odioso. Julie, eu preferia saber que estava apaixonada por um velho a vê-la amando o coronel. Ah, se conseguisse se imaginar daqui a dez anos, saberia que tenho razão. Conheço Victor: sua alegria não revela inteligência, é uma alegria de caserna, ele não tem talento e é gastador. É um desses homens que o céu criou para fazer e digerir quatro refeições por dia, dormir, amar a primeira que chegar e brigar. Não entende a vida. Seu bom coração, pois tem bom coração, talvez o leve a entregar sua bolsa a um infeliz, a um colega; mas é indiferente, não tem delicadeza de coração capaz de torná-lo escravo da felicidade de uma mulher; mas é ignorante, egoísta... Há muitos *poréns*.

— Contudo, meu pai, ele deve ter inteligência e recursos, pois foi promovido a coronel.

— Minha querida, Victor vai permanecer coronel pelo resto da vida. Ainda não conheci ninguém que me parecesse digno de você — retomou o pai com uma espécie de entusiasmo.

Ele parou de falar por um momento, contemplou a filha e acrescentou:

— Minha pobre Julie, você é ainda jovem demais, fraca demais e delicada demais para suportar os desgostos e os problemas do casamento. d'Aiglemont foi mimado

pelos pais, assim como você foi mimada por sua mãe e por mim. Como esperar que se entendam com vontades diferentes, cujas tiranias seriam inconciliáveis? Você será vítima ou tirana. As duas alternativas trazem uma soma de desgraças igual à vida de uma mulher. Você é doce e modesta, acabará se dobrando. Finalmente, tem — disse com a voz alterada — uma graça de sentimento que não será reconhecida, e então...

Ele não concluiu, vencido pelas lágrimas.

— Victor — continuou, após uma pausa — vai ferir as qualidades ingênuas de sua alma jovem. Conheço os militares, minha Julie; vivi no exército. É raro o coração dessa gente triunfar sobre os hábitos produzidos pelas desgraças com que convivem ou pelos acasos de sua vida de aventuras.

— O senhor então deseja contrariar meus sentimentos, casar-me para satisfazer ao senhor, e não a mim? — replicou Julie em um tom entre sério e brincalhão.

— Casá-la para satisfazer a mim — exclamou o pai com um movimento de surpresa —, a mim, minha filha, cuja voz tão amigavelmente rabugenta você logo deixará de ouvir! Sempre vi os filhos atribuindo os sacrifícios feitos pelos pais a um sentimento pessoal! Case-se com Victor, minha Julie. Um dia você irá deplorar amargamente sua nulidade, sua desordem, seu egoísmo, sua indelicadeza, sua inépcia no amor e mil outros desgostos que a atingirão por meio dele. Então, lembre-se de que, sob essas árvores, a voz profética de seu velho pai ressoou em vão em seus ouvidos!

O velho senhor calou-se; surpreendera a filha agitando a cabeça, rebelde. Deram alguns passos em direção à grade onde se encontrava o carro deles. Durante a caminhada silenciosa, a moça examinou furtivamente o rosto do pai e abandonou aos poucos a expressão de amuo. A dor profunda gravada no rosto voltado para o chão impressionou-a.

— Prometo-lhe, meu pai — disse, uma voz doce e alterada —, não lhe falar de Victor enquanto o senhor não deixar de lado suas prevenções contra ele.

O velho senhor olhou, surpreso, para a filha. Duas lágrimas deslizaram pelas faces enrugadas. Não conseguiu beijar Julie diante da multidão que os cercava, mas apertou-lhe a mão com ternura. Quando subiu no carro, todas as preocupações que se haviam acumulado em sua frente tinham desaparecido por completo. O semblante um pouco triste da filha preocupava-o bem menos que a alegria inocente cujo segredo escapara de Julie durante a revista.

Nos primeiros dias de março de 1814, pouco menos de um ano após aquela revista do imperador, uma caleça percorria a estrada de Amboise a Tours. Abandonando a abóbada verde das nogueiras sob a qual se escondia a posta da Frillière, o carro foi levado com tal rapidez, que em um momento chegou à ponte construída sobre o Cise quando desemboca no Loire e ali parou. Um tirante acabara

de se quebrar em virtude do movimento impetuoso que, após a ordem de seu amo, o jovem postilhão imprimira a quatro dos cavalos mais vigorosos do local de muda.

Assim, graças ao acaso, as duas pessoas que se encontravam na caleça tiveram a oportunidade de contemplar, ao despertar, uma das mais belas paisagens que as sedutoras margens do Loire oferecem. À direita, o olhar do viajante abarca todas as sinuosidades do Cise, que se enrola, como uma serpente prateada, na relva das pradarias, às quais os primeiros brotos da primavera já proporcionavam as cores da esmeralda. À esquerda, o Loire aparece em toda a sua magnificência. As várias facetas de algumas redes reveladas por uma brisa matinal um tanto fria refletiam as cintilações do sol nos vastos lençóis que o rio majestoso desdobra. Em alguns pontos, ilhas verdejantes sucedem-se na extensão das águas como os engastes de um colar. Do outro lado do rio, os campos mais belos da Touraine exibem seus tesouros a perder de vista. Ao longe, o olhar só encontra como fronteiras as colinas do Cher, cujos cimos desenhavam naquele momento linhas luminosas no transparente azul do céu. Através da folhagem tenra das ilhas, no fundo do quadro, Tours parece, como Veneza, sair do meio das águas. Os campanários da velha catedral erguem-se no ar, onde se confundiam então com as criações fantásticas de algumas nuvens esbranquiçadas. Além da ponte sobre a qual o carro parara, o viajante avista diante dele, ao longo do Loire até Tours, uma cadeia de rochedos que, por fantasia da natureza, parece ter sido colocada para encastrar o rio, cujas ondas minam incessantemente a pedra, espetáculo que sempre surpreende o viajante. A aldeia de Vouvray está como que aninhada nas gargantas e desmoronamentos dessas rochas, que começam a descrever um cotovelo diante da ponte do Cise. Em seguida, de Vouvray a Tours, as terríveis anfractuosidades dessa colina rasgada são habitadas por uma população de vinhateiros. Em mais de um lugar, existem três andares de casas, escavadas na rocha e reunidas por escadas perigosas talhadas na própria pedra. No topo do telhado, uma moça de saias vermelhas corre até o seu jardim. A fumaça de uma chaminé ergue-se entre os sarmentos e a parra nascente da vinha. Os fazendeiros lavram os campos perpendiculares. Uma velha, tranquila em um pedaço de pedra caída, gira sua roca sob as flores da amendoeira e contempla os viajantes passando a seus pés, sorrindo de seu medo. Não se preocupa mais com as fendas no chão do que com a ruína pendente de velho muro cujas bases só são contidas pelas raízes tortuosas de um manto de hera. O martelo dos tanoeiros faz as abóbadas das cavernas aéreas ressoarem. Enfim, a terra é toda cultivada, e toda fecunda, ali onde a natureza recusou terra à engenhosidade humana.

Por isso, nada é comparável, no curso do Loire, ao rico panorama que a Touraine apresenta então aos olhos do viajante. O quadro triplo dessa cena, cujos aspectos mal são indicados, proporciona à alma um daqueles espetáculos que ela inscreve para

sempre em sua lembrança; e quando um poeta dele usufruiu, seus sonhos muitas vezes vêm reconstruir para ele, fabulosamente, seus efeitos românticos. No momento em que o veículo chegou à ponte do Cise, várias velas brancas desembocaram entre as ilhas do Loire e deram novo frescor àquele sítio harmonioso. O aroma dos salgueiros à margem do rio adicionava perfumes penetrantes ao sabor da brisa úmida. Os pássaros entoavam seus concertos prolixos; o canto monótono de um pastor de cabras acrescentava-lhes uma espécie de melancolia, enquanto os gritos dos marinheiros anunciavam agitação longínqua. Vapores fofos, caprichosamente detidos em torno de árvores espalhadas pela vasta paisagem, imprimiam-lhe uma derradeira graça. Era a Touraine em toda a sua glória, a primavera em todo o seu esplendor. Essa parte da França, a única que os exércitos estrangeiros não perturbariam, era, naquele momento, a única tranqüila, e seria possível dizer que desafiava a invasão.

Uma cabeça encimada por quepe de polícia mostrou-se fora da caleça assim que ela parou; logo um militar impaciente abriu, ele mesmo, a portinhola e saltou para a estrada como se fosse repreender o postilhão. A perspicácia com a qual aquele habitante do local reparou o tirante quebrado tranqüilizou o coronel conde d'Aiglemont, que voltou para a portinhola, estendendo os braços como para estirar os músculos adormecidos; bocejou, olhou a paisagem e pousou a mão no braço de uma jovem mulher cuidadosamente envolta em um manto de peles.

— Venha, Julie — disse-lhe, a voz rouca —, desperte para contemplar a região! É magnífica!

Julie pôs a cabeça para fora da caleça. Um chapéu de marta cobria-lhe a cabeça, e as dobras do manto forrado que a envolviam disfarçavam tanto suas formas que só se via seu rosto. Julie d'Aiglemont já não se parecia com a jovem que outrora corria com alegria e felicidade à revista das Tulherias. A seu rosto, ainda delicado, faltavam as cores róseas que antes lhe proporcionavam um brilho tão rico. Os tufo negros de alguns cabelos despenteados pela umidade da noite realçavam a brancura fosca de seu rosto, cuja vivacidade parecia entorpecida. No entanto, nos olhos brilhava um fogo sobrenatural; porém, sob as pálpebras, o violeta esboçava-se sobre faces cansadas. Examinou indiferente os campos do Cher, do Loire e suas ilhas, Tours e os longos rochedos de Vouvray; em seguida, sem querer contemplar o vale encantador do Cise, tornou a se jogar depressa no fundo da caleça, e disse, com uma voz que ao ar livre parecia de extrema fraqueza: — É, é mesmo admirável. — Como se vê, para sua infelicidade, ela triunfara sobre o pai.

— Julie, não gostaria de viver aqui?

— Oh, tanto faz, aqui, ali — disse, indiferente.

— Está se sentindo mal? — perguntou-lhe o coronel d'Aiglemont.

— De forma alguma — respondeu a jovem, com uma vivacidade momentânea.

Contemplou o marido sorrindo e acrescentou:

— Quero dormir.

De repente, ressoou o galope de um cavalo. Victor d'Aiglemont soltou a mão da esposa e voltou a cabeça para o cotovelo que a estrada descreve naquele local. No momento em que Julie deixou o ângulo de visão do coronel, a expressão de alegria que imprimira a seu rosto pálido desapareceu como se algum clarão tivesse deixado de iluminá-lo. Não sentindo nem desejo de rever a paisagem, nem curiosidade de saber quem era o cavaleiro cujo cavalo galopava com tanta fúria, tornou a um canto da caleça, e seus olhos fixaram a garupa dos cavalos sem trair nenhuma espécie de sentimento. Assumiu um ar tão estúpido quanto o do camponês bretão escutando a homilia de seu cura. Um jovem montado em cavalo de valor saiu de repente do bosque de choupos e pilriteiros em flor.

— É um inglês — disse o coronel.

— Oh, meu Deus, é mesmo, meu general — replicou o postilhão. — É da raça do pessoal que quer, como dizem, comer a França.

O desconhecido era um daqueles viajantes que se encontravam no continente europeu quando Napoleão deteve todos os ingleses em represália ao atentado cometido contra o direito dos homens pelo gabinete de St. James, por ocasião da ruptura do tratado de Amiens. Submetidos ao capricho do poder imperial, esses prisioneiros não permaneceram todos nas residências onde foram apanhados, nem nas que a princípio tiveram liberdade de escolher. A maioria dos que viviam naquele momento na Touraine foram transferidos para lá de vários pontos do império, onde sua estada parecia comprometer os interesses da política continental.

O jovem cativo que passeava naquele momento seu tédio matinal era uma vítima do poder da burocracia. Havia dois anos, uma ordem do Ministério das Relações Exteriores arrancara-o do clima de Montpellier, onde a ruptura da paz o surpreendera tentando curar uma afecção nos pulmões. Assim que esse rapaz reconheceu o militar na pessoa do conde d'Aiglemont, tratou de evitar seus olhares, virando com muita brusquidão a face para as pradarias do Cise.

— Todos esses ingleses são insolentes como se o globo lhes pertencesse — murmurou o coronel. — Felizmente Soult vai dar-lhes chicotadas.

Quando o prisioneiro passou diante da caleça, olhou para ela. Apesar da brevidade do relance, pôde admirar então a expressão de melancolia que proporcionava ao rosto pensativo da condessa não sei que atrativo indefinível. Há muitos homens cujo coração se comove demais apenas com a aparência de sofrimento em uma mulher: para eles, a dor parece ser promessa de constância ou amor.

Inteiramente absorta na contemplação de uma almofada da caleça, Julie não prestou atenção nem ao cavalo nem ao cavaleiro. O tirante fora bem e rapidamente consertado. O conde tornou a subir no carro. O postilhão esforçou-se por recuperar o tempo perdido e levou depressa os dois viajantes pelo aterro cercado de rochedos suspensos no centro dos quais amadurecem os vinhos de Vouvray, de onde saltam tantas casas bonitas, onde aparecem ao longe as ruínas daquela abadia tão célebre de Marmoutiers, o retiro de São Martinho.

— O que quer conosco afinal esse milorde diáfano? — exclamou o coronel virando a cabeça para se certificar de que o cavaleiro que seguia o veículo desde a ponte do Cise era o jovem inglês.

Como o desconhecido não estivesse violando nenhuma regra de cortesia passeando pela berma do aterro, o coronel tornou a se colocar no canto de sua caleça após lançar um olhar ameaçador ao inglês. Contudo, apesar de sua antipatia involuntária, não conseguiu evitar atentar na beleza do cavalo e na graça do cavaleiro.

O jovem tinha um daqueles rostos britânicos em que a tez é tão fina, a pele tão macia e branca, que às vezes ocorre a tentação de supor que pertencem ao corpo delicado de uma moça. Era louro, esbelto e alto. Seu traje tinha aquele caráter de rebuscamento e limpeza que distingue os elegantes da puritana Inglaterra. Parecia enrubescer mais por pudor do que por prazer pela aparência da condessa. Julie só relanceou uma vez o estrangeiro; foi de certa forma obrigada a isso pelo marido, que queria que ela admirasse as patas de um cavalo de raça pura. Os olhos de Julie então se encontraram com os do tímido inglês. A partir daquele momento, em vez de fazer seu cavalo seguir junto à caleça, o gentil-homem passou a acompanhá-la a alguns passos de distância. A condessa mal olhou para o desconhecido. Não avistou nenhuma das perfeições humanas e animais que lhe eram apontadas, e tornou a cair no fundo do veículo após deixar escapar leve movimento de sobrancelhas como que para concordar com o marido. O coronel voltou a adormecer, e o casal chegou a Tours sem ter trocado uma única palavra e sem que as paisagens arrebatadoras da cena cambiante em meio à qual viajavam chamassem nem por uma só vez a atenção de Julie. Quando o marido cochilou, a senhora d'Aiglemont contemplou-o várias vezes. A seu último relance, um solavanco fez com que caísse no colo da jovem o medalhão preso a seu pescoço por uma corrente de luto, e o retrato de seu pai de repente lhe apareceu. Ao vê-lo, as lágrimas, até então reprimidas, afloraram em seus olhos. Talvez o inglês tenha visto os rastros úmidos e brilhantes que estas deixaram por um momento nas faces pálidas da condessa, mas que o ar logo secou.

Encarregado pelo imperador de levar ordens ao marechal Soult, que era responsável por defender a França da invasão dos ingleses no Béarn, o coronel

d'Aiglemont aproveitava a missão para tirar a esposa dos perigos que então ameaçavam Paris e a levava para Tours, para a casa de uma velha parente sua. Logo o carro rodava pelas ruas de Tours, pela ponte, pela Grand-Rue, parando diante de uma mansão antiga onde morava a já mencionada condessa de Listomère-Landon.

A condessa de Listomère-Landon era uma daquelas belas senhoras idosas de tez pálida, cabelos brancos, que têm belo sorriso, que parecem usar crinolina e que têm na cabeça um boné de moda desconhecida. Retratos septuagenários do século de Luís XV, essas mulheres são quase sempre afetuosas, como se ainda amassem; menos piedosas do que devotas, e menos devotas do que parecem; sempre exalando pó nos cabelos, sabem contar casos, conversam bem e riem mais de uma lembrança do que de uma brincadeira. A atualidade lhes desagrada.

Quando uma velha criada foi anunciar à condessa (pois logo recuperaria seu título) a visita de um sobrinho que ela não via desde o começo da guerra de Espanha, esta tirou depressa os óculos e fechou a *Galerie de l'ancienne cour*, seu livro favorito; depois recobrou uma espécie de agilidade para chegar ao patamar no momento em que o casal subia as escadas.

Tia e sobrinha entreolharam-se rapidamente.

— Bom dia, querida tia — exclamou o coronel agarrando a velha senhora e beijando-a com precipitação —, estou trazendo-lhe uma jovem para a senhora cuidar. Confio-lhe meu tesouro. Minha Julie não é faceira, nem ciumenta; tem a doçura de um anjo... Ela não vai ser estragada aqui, espero — completou, interrompendo o discurso.

— Que rapaz malvado! — respondeu a condessa lançando-lhe um olhar zombeteiro.

Tomou a iniciativa de oferecer-se com uma certa graça amável para beijar Julie, que permanecia pensativa e parecia mais embaraçada do que curiosa.

— Vamos então nos conhecer, meu coraçãozinho? — tornou a condessa. — Não se assuste demais comigo, tento jamais ser velha com os jovens.

Antes de chegar à sala, já pedira a refeição para seus dois hóspedes, de acordo com os hábitos na província. Mas o conde interrompeu a eloquência da tia dizendo-lhe em tom sério que não poderia conceder-lhe mais tempo do que a posta para trocar os cavalos. Os três parentes entraram portanto bem rápido na sala, e o coronel mal teve o tempo de contar à sua tia-avó os acontecimentos políticos e militares que o obrigavam a pedir-lhe abrigo para sua jovem esposa.

Enquanto falava, a tia olhava ora para o sobrinho, que falava sem ser interrompido, ora para a sobrinha, cuja palidez e tristeza lhe pareciam provocadas por aquela separação forçada. Parecia dizer a si mesma:

— He, he, esses jovens se amam.

Naquele momento ressoaram chicotadas no velho pátio silencioso cujo pavimento era desenhado por buquês de relva. Victor beijou novamente a condessa e correu para fora da casa.

— Adeus, minha querida — disse, beijando a mulher, que o acompanhou até o carro.

— Oh, Victor, deixe-me acompanhá-lo até mais longe ainda — falou Julie, a voz cheia de carinho — não queria deixá-lo.

— Imagine!

— Bem — replicou Julie —, então adeus, já que quer...

O carro desapareceu.

— Então ama muito meu pobre Victor? — perguntou a condessa à sobrinha, questionando-a com um daqueles olhares experientes que as velhas senhoras lançam sobre os jovens.

— Infelizmente, senhora — respondeu Julie —, não é preciso amar bastante um homem para desposá-lo?

A última frase foi acentuada com um tom ingênuo, que traía ao mesmo tempo um coração puro ou profundos mistérios. Ora, era bem difícil para uma mulher amiga de Duclos e do marechal de Richelieu não tentar adivinhar o segredo do jovem casal. Tia e sobrinha estavam naquele momento no limiar do portão, ocupadas em contemplar a caleça que fugia. Os olhos da condessa não exprimiam o amor como a marquesa o compreendia. A boa senhora era provençal, e suas paixões haviam sido ardentes.

— Então deixou-se agarrar pelo vagabundo de meu sobrinho? — perguntou à sobrinha.

A condessa estremeceu involuntariamente, pois o tom e o olhar da velha coquete pareceram anunciar-lhe um conhecimento do caráter de Victor talvez mais profundo que o seu. A senhora d'Aiglemont, inquieta, envolveu-se portanto na dissimulação desajeitada, primeiro refúgio dos corações ingênuos que sofrem.

A senhora de Listomère contentou-se com a resposta de Julie; mas pensou, satisfeita, que sua solidão seria alegrada por algum segredo de amor, pois a sobrinha pareceu-lhe ter alguma intriga divertida a conduzir. Quando a senhora d'Aiglemont se encontrou em um grande salão, decorado com tapeçarias emolduradas por varetas douradas, e se sentou diante de bom fogo, protegida dos ventos *fenestrais* por um para-vento chinês, sua tristeza não conseguiu se dissipar. Era difícil a alegria nascer sob lambris tão velhos, entre móveis seculares. No entanto, a jovem parisiense sentiu uma espécie de prazer em penetrar naquela solidão profunda e no silêncio solene da província. Após ter trocado algumas palavras com aquela tia, à qual outrora escrevera uma carta de recém-casada, permaneceu em silêncio como se estivesse

escutando música de ópera.

Só após duas horas de calma digna de um trapista percebeu sua falta de polidez com a tia, lembrou-se de só ter lhe dado respostas frias. A idosa respeitara o capricho da sobrinha por aquele instinto cheio de graça que caracteriza as pessoas de antigamente.

Naquele momento, a viúva tricotava. Na verdade, ausentara-se várias vezes para cuidar de um certo quarto *verde* onde a condessa deveria dormir e onde os criados da casa deixaram a bagagem; mas então tornara a seu lugar em uma grande poltrona e olhava a jovem de esguelha. Com vergonha por ter-se abandonado à sua meditação irresistível, Julie tentou pedir-lhe desculpas pela distração dela zombando.

— Minha queridinha, conhecemos a dor das viúvas — respondeu a tia.

Seria preciso ter quarenta anos para adivinhar a ironia que os lábios da velha dama exprimiam. No dia seguinte, a condessa estava bem melhor, conversou. A senhora de Listomère não estava mais desesperada por enfeitiçar aquela recém-casada que a princípio considerara selvagem e estúpida; conversou com ela sobre as alegrias da região, os bailes e as casas que poderiam frequentar. Todas as questões da marquesa foram durante aquele dia armadilhas que, por um antigo hábito de corte, ela não conseguiu evitar dispor diante da sobrinha para adivinhar seu caráter. Julie resistiu a todas as instâncias que lhe foram feitas por alguns dias para ir buscar distrações fora. Por isso, apesar da vontade que a velha dama tinha de passear com orgulho a jovem sobrinha, acabou por desistir de levá-la à sociedade. A condessa encontrara um pretexto para sua solidão e sua tristeza na dor que lhe fora causada pela morte do pai, por quem ainda usava luto.

Ao final de oito dias, a viúva nobre admirava a doçura angelical, as graças modestas, o espírito indulgente de Julie e passou a se interessar prodigiosamente a partir de então pela misteriosa melancolia que corroía o jovem coração. A condessa era uma daquelas mulheres nascidas para serem amáveis e que parecem com elas trazer a felicidade. Sua companhia tornou-se tão suave e preciosa para a senhora de Listomère, ela ficou tão ligada à sobrinha, que não queria mais abandoná-la.

Um mês bastou para estabelecer entre as duas uma amizade eterna. A velha dama observou, não sem surpresa, as transformações na fisionomia da senhora d'Aiglemont. As cores vivas que abrasavam a tez se apagaram insensivelmente, e o rosto adquiriu tons foscos e pálidos. Ao perder seu brilho inicial, Julie tornou-se menos triste. Às vezes a viúva despertava na jovem parente impulsos de alegria ou risadas brincalhonas logo reprimidas por um pensamento inoportuno. Adivinhou que nem a lembrança do pai nem a ausência de Victor eram a causa da melancolia profunda que velava a vida da sobrinha; ademais, ela levantou tantas suspeitas ruins que lhe foi difícil deter-se na verdadeira causa do mal, pois talvez só encontremos a

verdade por acaso.

Um dia, finalmente, Julie fez brilhar aos olhos da tia, pasma, um esquecimento completo do casamento, uma loucura de jovem aturdida, uma candura de espírito, uma criancice digna da pouca idade, todo esse espírito delicado e às vezes tão profundo que distingue os jovens na França. A senhora de Listomère resolveu então sondar os mistérios daquela alma cuja extrema naturalidade equivalia a uma dissimulação impenetrável. A noite caía, as duas senhoras estavam sentadas diante da janela que dava para a rua, Julie tornara a um ar pensativo, um homem a cavalo passava.

— Eis uma de suas vítimas — disse a velha dama.

A senhora d'Aiglemont olhou a tia manifestando surpresa mesclada de inquietude.

— É um jovem inglês, um cavalheiro, o honrado Arthur Ormond, filho mais velho de lorde Grenville. Sua história é interessante. Foi a Montpellier em 1802, esperando que o ar da região, para onde fora enviado pelos médicos, o curasse de uma doença no peito à qual poderia sucumbir. Como todos os seus compatriotas, foi detido por Bonaparte com a guerra, pois esse monstro não consegue parar de guerrear. Para se distrair, o jovem inglês começou a estudar sua doença, que se acreditava ser mortal. Sem perceber, começou a se interessar por anatomia, por medicina; apaixonou-se por esse tipo de arte, o que é bem extraordinário em um homem de categoria; mas o regente bem que se ocupou com a química! Em suma, o senhor Arthur fez progressos surpreendentes, mesmo para os professores de Montpellier; o estudo consolou-o do cativeiro e, ao mesmo tempo, ele curou-se completamente. Pretende-se que tenha passado dois anos sem falar, respirando mal, deitado em um estábulo, bebendo leite de vaca vinda da Suíça e vivendo de agrião. Desde que está em Tours, não frequenta ninguém, é orgulhoso como um pavão; mas com certeza você o conquistou, pois provavelmente não é para me ver que ele passa sob nossas janelas duas vezes por dia desde que você está aqui... É claro que a ama.

Estas últimas palavras despertaram a condessa como que por magia. Ela deixou escapar um gesto e um sorriso que surpreenderam a marquesa. Em vez de demonstrar aquela satisfação instintiva que mesmo a mulher mais severa sente quando sabe que está tornando alguém infeliz, o olhar de Julie foi indiferente e frio. Seu rosto indicava um sentimento de repulsa próximo do horror. Essa proscrição não era aquela com que a mulher apaixonada atinge o mundo inteiro em proveito de um único ser; então consegue rir e brincar. Não, naquele momento, Julie era como pessoa a quem a lembrança de um perigo presente com demasiada vivacidade ainda faz sentir dor. A tia, bem convencida de que a sobrinha não amava o marido, ficou estupefata ao descobrir que ela não amava ninguém. Estremeceu por ter de

reconhecer em Julie um coração desencantado, uma jovem mulher a quem a experiência de um dia, talvez de uma noite, bastara para apreciar a nulidade de Victor.

— Se ela o conhece, não há mais o que fazer — pensou —, meu sobrinho logo sofrerá os inconvenientes do casamento.

Propunha-se então converter Julie às doutrinas monárquicas do século de Luís XV; mas, poucas horas depois, ficou sabendo, ou melhor, adivinhou a situação bastante comum na sociedade à qual a condessa devia sua melancolia.

Tornando-se de repente pensativa, Julie retirou-se para seus aposentos mais cedo do que de hábito. Depois que sua camareira a despiu e a deixou pronta para se deitar, permaneceu diante do fogo, mergulhada em um sofá de veludo amarelo, móvel antigo, tão favorável aos aflitos quanto aos felizes; chorou, suspirou, pensou; sentou-se a uma mesinha, procurou papel e começou a escrever. As horas passaram-se depressa, a confiança que Julie fazia naquela carta parecia lhe custar muito, cada frase trazendo longos devaneios; de repente, a jovem caiu em prantos e parou. Sua cabeça, tão pesada quanto a de uma moribunda, inclinou-se sobre o peito; quando a ergueu, Julie viu a tia, que apareceu de repente, como personagem que se destacasse da tapeçaria pendurada na parede.

— O que você tem, querida? — perguntou-lhe a tia. — Por que está acordada até tão tarde e, principalmente, por que está chorando sozinha, na sua idade?

A tia sentou-se sem mais cerimônias junto à sobrinha e devorou com os olhos a carta iniciada.

— Está escrevendo a seu marido!

— E eu sei onde ele está? — tornou a condessa.

A tia pegou o papel e leu. Trouxera os óculos, houvera premeditação. A inocente criatura deixou que ela apanhasse a carta sem fazer a menor observação. Não era a falta de dignidade, nem algum sentimento de culpa secreto que lhe tirava daquela maneira toda a energia; não, sua tia surgira em um daqueles momentos de crise em que a alma não reage, em que tudo é indiferente, tanto o bem como o mal, tanto o silêncio como a confiança. Semelhante à mocinha virtuosa que oprime o apaixonado com desdém, mas que, à noite, se sente tão triste, tão abandonada que deseja e quer um coração onde depositar seus sofrimentos, Julie deixou violarem sem dizer nada o selo que a delicadeza imprime em uma carta aberta, e permaneceu pensativa enquanto a marquesa lia.

“Minha querida Louisa, por que reclamar tantas vezes o cumprimento da promessa mais imprudente que duas moças ignorantes podem se fazer? Muitas vezes você se pergunta, escreve-me, por que não respondo a suas questões há seis meses. Se não compreendeu meu silêncio, hoje talvez adivinhe a razão tomando

conhecimento dos mistérios que vou revelar. Ficariam enterrados no fundo de meu coração se você não tivesse me avisado que vai casar-se em breve.

“Você vai casar-se, Louisa. Essa ideia me faz estremecer. Pobrezinha, case-se; depois, em alguns meses, uma de suas nostalgias mais pungentes será a lembrança do que éramos em outros tempos, quando uma noite, em Ecouen, chegando ambas sob os maiores carvalhos da montanha, contemplamos o belo vale que tínhamos a nossos pés, e aí admiramos os raios do sol poente cujos reflexos nos envolviam.

“Sentamo-nos em uma pedra e caímos em um arrebatamento sucedido pela melancolia mais doce. Você foi a primeira a notar que aquele sol longínquo nos falava de futuro. Éramos tão curiosas e loucas! Lembra-se de todas as nossas extravagâncias? Abraçávamo-nos como dois apaixonados, dizíamos. Juramos que a primeira de nós duas a se casar contaria à outra com os mínimos detalhes os segredos do himeneu, as alegrias que nossas almas infantis pintavam-nos como tão deliciosas. Essa noite fará seu desespero, Louisa. Naquele tempo, você era jovem, bela, despreocupada e até feliz; um marido vai transformá-la em poucos dias no que já sou, feia, doente e velha. Dizer a você como estava orgulhosa, feliz e como fui frívola em desposar o coronel Victor d'Aiglemont seria uma loucura! E como lhe diria? Já nem me lembro de mim mesma. Em poucos instantes, minha infância tornou-se como um sonho. Não faltaram censuras às minhas atitudes no dia solene que consagrou uma união cujo alcance eu não conhecia. Mais de uma vez, meu pai tratou de reprimir minha alegria, pois eu demonstrava uma satisfação que se achava inconveniente e revelava malícia em minha fala, justamente porque não havia malícia. Fazia mil criancices com o véu nupcial, o vestido e as flores. À noite, quando fiquei sozinha no quarto para o qual fui conduzida com aparato, pensei em alguma traquinagem para intrigar Victor; e, enquanto o esperava, meu coração palpitava do mesmo modo que outrora naqueles dias solenes, como o 31 de dezembro, quando, sem ser vista, insinuava-me na sala em que os brindes de ano-novo se multiplicavam. Quando meu marido entrou, procurou-me, o risinho sufocado que dei debaixo das musselinas que me envolviam foi o último brilho daquela alegria suave que animou as nossas brincadeiras de infância...”

Quando a velha fidalga acabou de ler a carta que, começando daquela maneira, devia conter observações bem tristes, pousou lentamente seus óculos sobre a mesa, onde depôs imediatamente a carta, e fixou na sobrinha dois olhos verdes cujo fogo claro ainda não esmaecera com a idade.

— Minha querida — disse —, uma mulher casada não pode escrever dessa maneira a uma jovem sem escapar às convenções...

— É o que achava — respondeu Julie, interrompendo a tia —, e estava com vergonha de mim mesma enquanto a senhora a lia...

— Se à mesa uma iguaria não lhe parece gostosa, nem por isso deve transmitir esse desprazer a alguém, minha filhinha — retomou a velha senhora com bonomia —, principalmente porque, desde Eva até nós, o casamento sempre pareceu algo excelente... Você não tem mãe? — quis saber a tia.

A condessa estremeceu; ergueu suavemente a cabeça e disse:

— Já lamentei a falta de minha mãe mais de uma vez no último ano; mas errei em não ter dado atenção à repulsa de meu pai, que não queria Victor como genro.

Ela olhou para a tia, e um arrepiado de alegria secou suas lágrimas quando avistou o ar de bondade animando o rosto idoso. Estendeu a jovem mão à marquesa, que parecia solicitá-la; e, quando seus dedos se apertaram, as duas mulheres acabaram de se compreender.

— Pobre órfã! — acrescentou a marquesa.

Foi um último raio de luz para Julie. Acreditou ainda estar ouvindo a voz profética do pai.

— Suas mãos estão queimando! São sempre assim? — perguntou a velha senhora.

— Estou com febre há uns sete ou oito dias — respondeu ela.

— Estava com febre e me escondeu!

— Tenho febre há um ano — disse Julie com uma espécie de ansiedade pudica.

— Então, meu anjinho — tornou a tia —, o casamento até agora não passou de uma longa dor para você?

A jovem mulher não ousou responder; mas fez um gesto de afirmação que traía todos os seus sofrimentos.

— Então é infeliz?

— Oh, não, minha tia, Victor me idolatra, e eu o adoro, ele é tão bom!

— É, você o ama, mas foge dele, não é?

— Fujo... às vezes... ele me procura demais.

— Às vezes não se sente perturbada na solidão, pelo temor de que ele venha surpreendê-la?

— Infelizmente, sim, minha tia. Mas gosto muito dele, garanto-lhe.

— Você não se acusa em segredo de não saber ou não poder compartilhar seus prazeres? Às vezes, não acha que o amor legítimo é mais difícil de suportar que uma paixão criminoso?

— Oh, é isso — disse ela, chorando. — A senhora está adivinhando tudo o que é um enigma para mim. Meus sentidos estão entorpecidos, não tenho ideias, enfim, vivo com dificuldade. Minha alma está oprimida por uma apreensão indefinível que congela meus sentimentos e lança-me em um torpor contínuo. Não tenho voz para me queixar, nem palavras para exprimir minha dor. Estou sofrendo, e tenho vergonha de sofrer vendo Victor feliz com o que me mata.

— Criancices, bobagens! — exclamou a tia, cujo rosto descarnado foi animado de repente por um sorriso alegre, reflexo das satisfações de sua juventude.

— E a senhora também ri! — disse a jovem mulher, desesperada.

— Fui assim — tornou rapidamente a marquesa. — Agora, que Victor a deixou sozinha, você não voltou a ser uma jovem tranquila, sem prazeres, mas sem sofrimentos?

Julie arregalou os olhos, pasma.

— Enfim, meu anjo, você adora Victor, não é? Mas preferia ser sua irmã a ser sua mulher, e o casamento, afinal, não dá certo para você.

— É isso mesmo, minha tia. Mas por que está sorrindo?

— Oh, tem razão, pobre menina. Não há nada de engraçado em tudo isso. Em seu futuro iria acumular-se mais de uma desgraça se eu não a assumisse sob minha proteção, e se minha velha experiência não soubesse adivinhar a causa bem inocente de seus pesares. Meu sobrinho não merecia a felicidade, o tolo! Sob o reinado de nosso bem-amado Luís XV, uma jovem mulher que se encontrasse na situação em que você se encontra logo puniria o marido por ele se comportar como verdadeiro mercenário. Que egoísta! Os militares desse tirano imperial são todos vilões ignorantes. Consideram a brutalidade galanteria, não conhecem as mulheres, nem sabem amá-las; acreditam que partir para a morte no dia seguinte os dispensa de ter na véspera cuidados e atenções para conosco. Em outros tempos, sabia-se amar e morrer corretamente. Vou formá-la, sobrinha. Acabarei com o triste desacordo, bem natural, que levaria a ambos a odiar-se, a desejar um divórcio, se você não morresse antes de chegar ao desespero.

Julie escutava a tia com tanto pasmo quanto estupor, surpresa de ouvir palavras cuja sensatez mais pressentia do que compreendia, e muito atemorizada por encontrar na boca de uma parente cheia de experiência, mas sob forma mais suave, a declaração do pai a respeito de Victor. Talvez tivesse uma viva intuição de seu futuro e sentiu provavelmente o peso das desgraças que a oprimiriam, pois desatou em prantos e jogou-se nos braços da velha senhora, dizendo-lhe: — Seja minha mãe! — A tia não chorou, pois a Revolução deixara poucas lágrimas nos olhos das mulheres do Antigo Regime. Em outros tempos, o amor e, mais tarde, o terror, familiarizaram-nas com as peripécias mais pungentes, de modo que conservavam em meio aos perigos da vida uma dignidade fria, uma afeição sincera, mas nada expansiva, que lhes permitia ser sempre fiéis à etiqueta, e a uma nobreza de conduta que os novos costumes erraram em repudiar. A nobre viúva abraçou a jovem senhora, deu-lhe um beijo na testa com uma ternura e graça que muitas vezes se encontram mais nos modos e hábitos dessas mulheres que em seus corações; mimou a sobrinha com palavras doces, prometeu-lhe um futuro feliz, ninou-a com

promessas de amor, enquanto a ajudava a deitar-se, como se fosse sua filha, uma filha querida, cuja esperança e cujas dores se tornavam suas; voltava a se ver jovem, inexperiente e bonita em sua sobrinha. A condessa adormeceu, feliz por ter encontrado uma amiga, uma mãe, a quem a partir de agora poderia contar tudo. No dia seguinte, pela manhã, no momento em que tia e sobrinha beijavam-se com aquela cordialidade profunda e aquele ar de inteligência que comprovam o progresso no sentimento, coesão mais perfeita entre duas almas, ouviram os passos de um cavalo, viraram a cabeça ao mesmo tempo e viram o jovem inglês passando lentamente, segundo seu hábito. Parecia ter estudado um pouco a vida das duas mulheres solitárias, e jamais faltava a seu desjejum e almoço. O cavalo marchava mais devagar sem que fosse necessário puxar as rédeas; no espaço de tempo que demorava para transpor as duas janelas da sala de refeições, Arthur lançava em sua direção um olhar melancólico, a maioria das vezes desdenhado pela condessa, que não lhe dava a menor atenção. Porém, acostumada àquelas curiosidades mesquinhas que se consagram às pequenas coisas para animar a vida no interior, e que os espíritos superiores dificilmente evitam, a marquesa se divertia com o amor tímido e sério, expresso de maneira tão tácita pelo inglês. Aqueles olhares periódicos haviam-se tornado como que um hábito para ela, e todos os dias assinalava a passagem de Arthur com novas brincadeiras. Enquanto se sentavam à mesa, as duas mulheres olharam ao mesmo tempo para o insular. Os olhos de Julie e de Arthur encontraram-se desta vez com tal precisão de sentimento, que a jovem senhora corou. Logo o inglês apressou o cavalo e partiu a galope.

— Mas, senhora — perguntou Julie à tia —, o que devo fazer? As pessoas que vêem o inglês passar devem saber que sou...

— Devem — respondeu a tia, interrompendo-a.

— Então não poderia lhe dizer para não passear assim?

— Será que isso não faria com que pensasse que é perigoso? Além disso, você pode impedir um homem de ir e vir como lhe aprouver? Amanhã não faremos mais nossas refeições nesta sala; quando não a vir mais aqui, o jovem cavaleiro deixará de amá-la pela janela. É assim, cara menina, que se comporta uma mulher acostumada com a sociedade.

Mas a infelicidade de Julie iria completar-se. Mal as duas mulheres se levantaram da mesa, o camareiro de Victor chegou de repente. Vinha de Bourges a toda a brida, por desvios, e trazia uma carta do marido à condessa. Victor, que abandonara o imperador, anunciava à mulher a queda do regime imperial, a tomada de Paris e o entusiasmo que eclodia em favor dos Bourbons de todos os pontos da França; como não sabia como chegar até Tours, pedia que fosse depressa a Orléans, onde esperava encontrar-se com passaportes para ela. Aquele criado, antigo militar, deveria

acompanhar Julie de Tours a Orléans, estrada que Victor acreditava ainda estar livre.

— Senhora, não podemos perder um minuto — disse o criado —, os prussianos, os austríacos e os ingleses vão se reunir em Blois ou Orléans...

Em algumas horas, a jovem senhora estava pronta e partiu em um velho carro de viagem emprestado pela tia...

— Por que não vem a Paris conosco? — disse, beijando a tia. — Agora que os Bourbons estão retornando ao poder, a senhora ali encontraria...

— Não fosse essa reviravolta inesperada, bem que iria, minha pobre menina, pois meus conselhos lhe são necessários demais, a Victor e a você. Por isso, vou tomar todas as providências para encontrá-los em Paris.

Julie partiu acompanhada de sua camareira e do velho militar, que galopava ao lado do veículo, cuidando da segurança de sua senhora. À noite, ao chegar a uma posta antes de Blois, Julie, inquieta por ouvir um carro atrás do seu e que não o abandonara desde Amboise, postou-se na portinhola para ver quem eram seus companheiros de viagem. A luz da lua permitiu-lhe avistar Arthur, de pé, a três passos dela, os olhos fixos em seu assento. Seus olhos encontraram-se. A condessa jogou-se depressa no fundo de seu veículo, mas com um sentimento de medo que fez seu coração palpar. Como a maioria das jovens mulheres de fato inocentes e inexperientes, enxergava um delito em um amor involuntariamente inspirado. Sentia um terror instintivo, que talvez lhe fosse dado pela consciência de sua fraqueza diante de uma agressão tão audaciosa. Uma das armas mais fortes do homem é esse poder terrível de ocupar por si só uma mulher, cuja imaginação naturalmente móvel se assusta ou se ofende com uma perseguição. A condessa lembrou-se do conselho da tia e resolveu permanecer durante a viagem no fundo de seu assento, sem dali sair. Mas, a cada posta, ouvia o inglês passeando ao redor dos dois carros; depois, na estrada, o ruído incômodo de sua caleça ressoava sem parar nos ouvidos de Julie. A jovem logo pensou que, assim que estivesse com o marido, Victor saberia defendê-la daquela perseguição singular.

— Mas e se esse jovem afinal não me amar?

Esta reflexão foi a última de todas. Ao chegar a Orléans, seu carro foi detido pelos prussianos, levado para o pátio de um albergue e guardado por soldados. Foi impossível resistir. Os estrangeiros explicaram aos três viajantes, com sinais imperativos, que haviam recebido ordens para não deixar ninguém sair do veículo. A condessa permaneceu, chorosa, por cerca de duas horas, prisioneira de soldados que fumavam, riam e às vezes a olhavam com curiosidade insolente; mas finalmente viu que estavam se afastando do veículo com uma espécie de respeito, depois de ouvirem o fragor de vários cavalos. Logo uma tropa de oficiais superiores estrangeiros, liderados por um general austríaco, cercou o veículo.

— Senhora — disse o general —, queira aceitar nossas desculpas; trata-se de um equívoco, a senhora pode continuar sem medo sua viagem; aqui está o passaporte que evitará a partir de agora qualquer espécie de afronta...

A condessa pegou o papel tremendo e balbuciou palavras vagas. Viu, perto do general, em trajes de oficial inglês, Arthur, a quem decerto devia sua rápida liberação. Ao mesmo tempo alegre e melancólico, o jovem inglês desviou a cabeça e só ousou olhar para Julie de relance. Graças ao passaporte, a senhora d'Aiglemont chegou a Paris sem maiores incidentes. Ali encontrou o marido, que, livre de seu juramento de fidelidade ao imperador, fora acolhido da forma mais lisonjeira pelo conde d'Artois, nomeado lugar-tenente general do reino por seu irmão Luís XVIII. Victor recebeu na guarda pessoal um posto eminente, que lhe conferia a posição de general. Entrementes, em meio às festas que assinalaram a volta dos Bourbons, uma grande desgraça, que influiria em sua vida, tomou Julie de assalto: perdeu a condessa de Listomère-Landon. A velha dama morreu de alegria e de uma gota que lhe subiu ao coração quando tornou a ver o duque d'Angoulême em Tours. Assim, a pessoa à qual a idade dava o direito de esclarecer Victor, a única que, por meio de conselhos engenhosos, podia promover o acordo mais perfeito entre esposa e esposo, essa pessoa estava morta. Julie sentiu todo o alcance da perda. Não havia mais ninguém além dela mesma entre ela e o marido. Porém, jovem e tímida, preferiria a princípio o sofrimento às queixas. A própria perfeição de seu caráter opunha-se a que ela ousasse escapar de seus deveres, ou tentasse procurar a causa de suas aflições; pois fazê-las cessar seria algo delicado demais: Julie temia ofender seu pudor de moça.

Algumas palavras sobre o destino do senhor d'Aiglemont sob a Restauração.

Não existem muitos homens cuja nulidade profunda é um segredo para a maioria das pessoas que os conhece? Uma posição elevada, um nascimento ilustre, funções importantes, um certo verniz, uma grande reserva no comportamento ou os prestígios da fortuna são, para eles, como salvaguardas que impedem que as críticas penetrem até sua existência íntima. Essas pessoas assemelham-se aos reis, cuja verdadeira envergadura, cujo caráter e cujos costumes jamais podem ser bem conhecidos, nem corretamente apreciados, porque são vistos de longe ou de perto demais. Esses personagens de mérito fabricado fazem perguntas em vez de falar, têm a arte de colocar os outros em evidência para evitar expor-se diante deles; enfim, com uma boa habilidade, puxam a cada um deles pelo fio de suas paixões e interesses e usam homens que lhes são de fato superiores, transformando-os em marionetes seus, e acreditam serem eles pequenos por tê-los rebaixados até sua mediocridade. Obtêm então o triunfo natural de um pensamento mesquinho, mas fixo, sobre a mobilidade dos grandes pensamentos. Por isso, para julgar essas cabeças vazias e avaliar seus valores negativos, o observador precisa ter um espírito mais sutil do que

superior, mais paciência do que alcance na visão, mais fineza e tato do que elevação e grandiosidade nas ideias. No entanto, por mais hábeis que sejam esses usurpadores para defender seus lados fracos, para eles é bem difícil enganar suas mulheres, sua mãe, seus filhos ou o amigo da casa; mas essas pessoas preservam quase sempre o segredo de coisas que de certa forma abalam a honra comum; e muitas vezes sua família até os ajuda a se impor ao mundo.

Se, graças a essas conspirações domésticas, muitos simplórios passam por homens superiores, compensam os muitos homens superiores que passam por simplórios, de modo que o Estado Social continua sempre tendo o mesmo número de capacidades aparentes. Pensem agora no papel que uma mulher de espírito e de sentimento é obrigada a desempenhar diante de um marido desse gênero, e será que não vêem existências cheias de dores e dedicação às quais nada aqui embaixo conseguiria recompensar alguns corações cheios de amor e delicadeza? Quando uma mulher forte se encontra nessa situação terrível, sai dela por um crime, como Catarina II, no entanto chamada *a Grande*. Porém, como nem todas as mulheres estão sentadas em um trono, a maioria delas está destinada a desventuras domésticas que, embora obscuras, não deixam de ser terríveis. As que buscam aqui embaixo consolos imediatos para seus males em geral só fazem trocar de pesares quando querem permanecer fiéis a seus deveres, ou cometem delitos, se violam as leis em proveito de seus prazeres. Todas essas reflexões aplicam-se à história secreta de Julie.

Enquanto Napoleão se manteve no poder, o conde d'Aiglemont, coronel como tantos outros, bom oficial às ordens, excelente em missões perigosas, mas incapaz de um comando de alguma importância, não provocou inveja, passou por um dos corajosos favoritos do imperador e foi o que os militares chamam vulgarmente de *bom menino*. A Restauração, que lhe devolveu o título de marquês, não encontrou nele um ingrato: acompanhou os Bourbons a Gand. Esse ato de lógica e de fidelidade desmentiu o horóscopo prognosticado outrora pelo sogro, que disse de seu genro que ele permaneceria coronel. Da segunda feita, nomeado lugar-tenente general e tendo recuperado o título de marquês, o senhor d'Aiglemont teve a ambição de chegar a par, adotou as máximas e a política do *Conservateur*, envolveu-se em uma dissimulação que nada escondia, tornou-se sério, questionador, pouco falante e foi tomado por um homem profundo. Entrincheirado sem cessar nas formas de cortesia, munido de fórmulas, retendo e prodigalizando frases feitas lançadas regularmente em Paris para proporcionar aos tolos em pequenas doses o sentido de grandes ideias ou feitos, as pessoas da sociedade acreditaram ser ele homem de gosto e ciência. Obstinado em suas opiniões aristocráticas, foi citado como alguém de temperamento forte. Se, por acaso, tornava-se despreocupado ou alegre como já fora, a insignificância e a ingenuidade de seus ditos tinham

subentendidos diplomáticos para os outros. — Oh, ele só diz o que quer — pensavam as pessoas da sociedade. Ele era tão bem servido por suas qualidades quanto por seus defeitos. Sua bravura valia-lhe uma grande reputação militar que nada desmentia, já que jamais comandara como chefe. Seu rosto másculo e nobre exprimia uma visão ampla, e sua fisionomia só era impostura para sua mulher. Ouvindo a todos concordar com seus talentos postiços, o marquês d'Aiglemont acabou se convencendo de que era um dos homens mais notáveis da corte, onde, graças à sua aparência, soube agradar, e onde seus diferentes valores foram aceitos sem protesto.

No entanto, o senhor d'Aiglemont era modesto em casa, onde sentia por instinto a superioridade da mulher, apesar de ser ela muito jovem; e, desse respeito involuntário, nasceu um poder oculto que a marquesa se viu obrigada a aceitar, apesar de todos os esforços para rejeitar seu fardo. Conselheira do marido, passou a dirigir suas ações e sua fortuna. Essa influência contrária à natureza foi para ela uma espécie de humilhação e a fonte de muitos desgostos que enterrava no coração. Em primeiro lugar, seu instinto tão delicadamente feminino dizia-lhe que é bem melhor obedecer a um homem de talento do que dirigir um tolo, e que uma jovem esposa, obrigada a pensar e agir como um homem, não é nem mulher nem homem, abdica a todas as graças de seu sexo, perdendo seus infortúnios, e não adquire nenhum dos privilégios que nossas leis entregaram aos mais fortes. Sua existência escondia uma irrisão bem amarga. Não era obrigada a honrar um ídolo vazio, a proteger seu protetor, pobre ser que, como paga de uma dedicação contínua, lhe lançava o amor egoísta dos maridos, via nela apenas a mulher, não se dignava a preocupar-se com seus prazeres ou em descobrir a causa de sua tristeza ou consumição, ou nem sabia fazê-lo, injúria também bastante profunda? Como a maioria dos maridos que sente o jugo de um espírito superior, o marquês salvava o amor-próprio tirando conclusões sobre a fraqueza física e a fraqueza moral de Julie, das quais gostava de se queixar, pedindo satisfações ao destino por ter-lhe dado por esposa uma moça doentia. Enfim, fazia-se de vítima, mas era o carrasco. A marquesa, carregada de todas as infelicidades dessa existência triste, ainda devia sorrir a seu amo imbecil, adornar com flores um lar enlutado e exibir a felicidade em um rosto pálido por suplícios secretos.

Essa responsabilidade de honra, essa abnegação magnífica deram insensivelmente à jovem marquesa dignidade de mulher, consciência de virtude que lhe serviram de salvaguarda contra os perigos da sociedade. Além disso, para sondar esse coração a fundo, talvez a infelicidade íntima e escondida com que seu primeiro, seu ingênuo amor de moça fora coroado, fez com que tivesse horror às paixões; talvez não tenha concebido nem o arrebatamento nem os prazeres ilícitos, mas delirantes, que fazem

algumas mulheres esquecerem as leis da sensatez, os princípios de virtude sobre os quais a sociedade repousa. Renunciando, como a um sonho, às doçuras, à harmonia terna que a velha experiência da senhora de Listomère-Landon lhe prometera, aguardava com resignação o final de seus pesares esperando morrer jovem. Desde que voltara de Touraine, sua saúde piorava a cada dia, e a vida parecia-lhe ser medida pelo sofrimento; aliás, sofrimento elegante, doença quase voluptuosa em aparência e que podia passar aos olhos das pessoas superficiais por um capricho de nobrezinha.

Os médicos haviam condenado a marquesa a permanecer deitada em um divã, onde ela se debilitava em meio às flores que a cercavam, murchando como as últimas. Sua fraqueza proibia-lhe as caminhadas e o ar livre; só saía em carros fechados. Incessantemente cercada de todas as maravilhas de nosso luxo e indústria modernos, parecia menos uma doente do que uma rainha indolente. Alguns amigos, talvez apaixonados por sua infelicidade e fraqueza, certos de sempre encontrá-la em casa e decerto também especulando a respeito de sua boa saúde futura, vinham lhe trazer notícias e contar-lhe os mil pequenos acontecimentos que tornam a existência em Paris tão variada. Sua melancolia, embora grave e profunda, era, portanto, a melancolia da opulência. A marquesa de Aiglemont parecia uma bela flor cuja raiz é corroída por um inseto negro. Às vezes saía para os compromissos sociais, não por gosto, mas para obedecer às exigências da posição a que o marido aspirava. Sua voz e a perfeição de seu canto permitiam-lhe recolher aplausos, quase sempre lisonjeiros a uma jovem mulher; mas de que lhe servia o sucesso que ela não atribuía nem a sentimentos, nem a esperanças? Seu marido não gostava de música. Enfim, quase sempre ficava incomodada nos salões onde sua beleza lhe atraía homenagens interessadas. Sua situação ali excitava uma espécie de compaixão cruel, uma curiosidade triste. Fora atingida por uma inflamação geralmente mortal, que as mulheres sussurram umas nos ouvidos das outras e para a qual nossa neologia não conseguiu encontrar nome. Apesar do silêncio no qual sua vida transcorria, a causa de seu sofrimento não era segredo para ninguém. Ainda pura, apesar do casamento, qualquer olhar a fazia sentir-se envergonhada. Por isso, para evitar enrubescer, sempre apresentava-se risonha, alegre; fingia uma falsa alegria, dizia sempre que passava bem ou evitava as perguntas sobre sua saúde com mentiras pudicas. No entanto, em 1817, um acontecimento contribuiu muito para modificar o estado deplorável em que Julie estivera imersa até então. Teve uma filha, a quem quis amamentar. Durante dois anos, as distrações vívidas e os prazeres inquietos dos cuidados maternos tornaram sua vida menos infeliz. Teve de se separar do marido. Os médicos prognosticaram-lhe uma saúde melhor; a marquesa porém não acreditou nesses presságios hipotéticos. Como todas as pessoas para as quais a vida não tem mais doçura, talvez visse na morte um bom desenlace.

No início do ano de 1819, a vida mostrou-se mais cruel do que nunca. No momento em que se comprazia com a felicidade negativa que soubera conquistar, entreviu abismos terríveis: seu marido aos poucos perdera o hábito dela. Esse resfriamento de uma afeição já morna e totalmente egoísta podia trazer mais de um infortúnio que seu tato sutil e sua prudência lhe faziam prever. Embora estivesse certa de conservar um bom domínio sobre Victor e de ter obtido sua consideração para sempre, temia a influência das paixões em um homem tão nulo e irracional. Muitas vezes os amigos surpreendiam Julie entregue a longas reflexões; os menos perspicazes perguntavam o segredo delas brincando, como se uma jovem mulher só pudesse pensar em frivolidades, como se não existisse quase sempre um sentido profundo nos pensamentos de uma mãe de família. Além disso, tanto a verdadeira infelicidade quanto a verdadeira felicidade nos levam ao devaneio. Às vezes, brincando com sua Hélène, Julie a considerava com um olhar sombrio e deixava de responder àquelas perguntas infantis que tanto prazer dão às mães para pedir contas de seu destino no presente e no futuro. Então, seus olhos enchiam-se de lágrimas quando, de repente, alguma lembrança lhe trazia de volta a cena da revista nas Tulherias. As palavras prudentes do pai ressoavam novamente em seus ouvidos, e sua consciência censurava-a por não ter avaliado corretamente sua sabedoria. Dessa desobediência louca decorreram todas as suas desgraças; e muitas vezes não sabia qual delas era a mais difícil de carregar.

Não só os doces tesouros de sua alma permaneciam ignorados, mas também jamais conseguia ser compreendida pelo marido, mesmo nas coisas mais comuns da vida. No momento em que a faculdade de amar se desenvolvia nela mais forte e ativa, o amor permitido, o amor conjugal desvanecia em meio a graves sofrimentos físicos e morais. Ademais, acabara sentindo pelo marido aquela compaixão próxima do desprezo que, a longo prazo, faz fenecerem todos os sentimentos. Enfim, se suas conversas com alguns amigos, se os exemplos, ou se algumas aventuras da alta sociedade não lhe tivessem informado que o amor trazia uma felicidade imensa, suas mágoas lhe teriam feito adivinhar os prazeres profundos e puros que devem unir almas fraternas.

No quadro que sua memória lhe traçava do passado, o rosto cândido de Arthur nele se desenhava a cada dia mais puro e belo, mas rapidamente; pois não ousava deter-se nessa lembrança. O amor silencioso e tímido do jovem inglês era o único acontecimento que, desde o casamento, deixara alguns doces vestígios nesse coração sombrio e solitário. Talvez todas as esperanças frustradas, todos os desejos abortados que, aos poucos, entristeciam o espírito de Julie, se voltassem, por um jogo natural da imaginação, para esse homem, cujos modos, sentimentos e caráter pareciam oferecer tantas semelhanças com os seus. Mas esse pensamento parecia sempre um

capricho, um sonho. Após esse sonho impossível, sempre concluído por suspiros, Julie despertava mais infeliz e sentia ainda mais as dores latentes do que quando as adormecera sob as asas de uma felicidade imaginária.

Às vezes, suas queixas adquiriam caráter de loucura e audácia, queria os prazeres a qualquer preço; mas, com maior frequência ainda, permanecia presa de algum entorpecimento estúpido, escutava sem compreender, ou concebia pensamentos tão vagos, tão indecisos, que não encontraria linguagem para transmiti-los. Frustrada em suas vontades mais íntimas, nos costumes que, moça, ela outrora sonhara, era obrigada a devorar as lágrimas. A quem poderia se queixar? Quem a ouviria? Ademais, tinha aquela delicadeza extrema da mulher, aquele recato arrebatador de sentimento que consiste em calar uma queixa inútil, em não tirar vantagem quando o triunfo pode humilhar o vencedor e o vencido. Julie tentava dar sua capacidade, suas próprias virtudes ao senhor d'Aiglemont, e vangloriava-se de saborear a felicidade que lhe faltava. Toda a sua sutileza de mulher era empregada em vão em escrúpulos ignorados justamente por aquele de quem perpetuavam o despotismo. Por momentos, ficava ébria de desgosto, sem ideias, sem freio; mas, felizmente, uma verdadeira piedade tornava a levá-la sempre a uma esperança suprema; refugiava-se na vida futura, crença admirável que lhe fazia aceitar de novo sua tarefa dolorosa. Esses combates tão terríveis, esses dilaceramentos interiores eram inglórios, essas longas melancolias, desconhecidas; nenhuma criatura recolhia seus olhares apagados, suas lágrimas amargas lançadas ao acaso e na solidão.

Os perigos da situação crítica à qual a marquesa chegara insensivelmente pela força das circunstâncias revelaram-se a ela, com toda a sua gravidade, em uma noite de janeiro de 1820. Quando dois esposos conhecem-se com perfeição e estão bem habituados um ao outro, quando uma mulher sabe interpretar os menores gestos de um homem e penetrar nos sentimentos e coisas que ele dela esconde, então uma consciência repentina eclode muitas vezes após reflexões ou observações anteriores, provocadas pelo acaso, ou antes feitas despreocupadamente. Uma mulher desperta com frequência de repente à beira ou no fundo de um abismo. Assim, a marquesa, contente por estar sozinha havia alguns dias, adivinhou o segredo de sua solidão. Inconstante ou cansado, generoso ou cheio de piedade por ela, seu marido deixara de pertencer-lhe. Naquele momento, deixou de pensar nela, em seus sofrimentos e sacrifícios; foi apenas mãe e viu o destino, o futuro, a felicidade da filha; sua filha, o único ser de onde lhe provinha um pouco de felicidade; sua Hélène, único bem que a prendia à vida. Agora Julie queria viver para proteger sua filha do jugo terrível sob o qual uma madrasta poderia sufocar a vida da criatura querida. Diante dessa nova previsão de futuro sinistro, envolveu-se em uma daquelas reflexões ardentes que devoram anos inteiros. Entre ela e o marido, a partir de então, deveria haver todo um

mundo de pensamentos, cujo peso recairia apenas sobre ela. Até então, certa de ser amada por Victor tanto quanto ele conseguia amar, dedicara-se a uma felicidade que ela não compartilhava; hoje, porém, deixando de ter a satisfação de saber que suas lágrimas faziam a alegria do marido, sozinha no mundo, só lhe restava escolher o tipo de infelicidade. Em meio ao desânimo que, na calma e no silêncio da noite, alquebrou todas as suas forças; no momento em que, abandonando seu divã e seu fogo quase apagado, foi contemplar à luz de uma lâmpada a filha com os olhos secos, o senhor d'Aiglemont chegou em casa, alegre. Julie chamou sua atenção para o sono de Hélène; mas ele acolheu o entusiasmo da mulher com uma frase banal.

— Nessa idade, todas as crianças são bonitinhas — disse.

Em seguida, após ter beijado, indiferente, a testa da filha, baixou as cortinas do berço, contemplou Julie, pegou sua mão e levou-a para junto dele naquele divã onde tantos pensamentos fatais acabavam de surgir.

— A senhora está muito bonita esta noite, senhora d'Aiglemont! — exclamou com aquela insuportável alegria cujo vazio a marquesa tanto conhecia.

— Onde o senhor passou a noite? — perguntou ela, fingindo profunda indiferença.

— Na casa da senhora de Sérisy.

Ele pegara um guarda-fogo na lareira e examinava sua transparência com atenção, sem perceber os vestígios das lágrimas de sua mulher. Julie estremeceu. A linguagem não bastaria para exprimir a torrente de pensamentos que escapou de seu peito e que ela teve de ali conter.

— A senhora de Sérisy dará um concerto na próxima segunda-feira e quer muito que você compareça. Basta você não aparecer por um bom tempo em sociedade para ela desejar vê-la em sua casa. É uma boa mulher, que gosta muito de você. Seria um prazer para mim que viesse; quase aceitei por você...

— Irei — respondeu Julie.

O som da voz, o tom e o olhar da marquesa tinham algo de tão penetrante, de tão peculiar que, apesar de sua indiferença, Victor fitou a mulher espantado. Bastou isso. Julie adivinhou que a senhora de Sérisy era a mulher que arrebatara o coração de seu marido. Ficou entorpecida em um devaneio de desespero e pareceu ocupada olhando o fogo. Victor girava o guarda-fogo em seus dedos, o ar entediado de um homem que, após ter sido feliz em outro lugar, carrega consigo o cansaço da felicidade. Após bocejar várias vezes, pegou um candelabro com a mão e com a outra foi buscar languidamente o pescoço da mulher, que quis beijar; mas Julie abaixou-se, apresentou-lhe a testa e ali recebeu o beijo da noite, aquele beijo maquinal, sem amor, espécie de careta que então lhe pareceu odiosa. Quando Victor fechou a porta, a marquesa caiu em uma cadeira; suas pernas vacilaram, desmanchou-se em

prantos. Só quem sofreu o suplício de uma cena análoga consegue compreender tudo o que esta oculta de dores, consegue adivinhar os longos e terríveis dramas que acarreta. Essas palavras simples e bobas, esses silêncios entre os esposos, os gestos, os olhos, a maneira como o marquês se sentara diante do fogo, sua atitude tentando beijar o pescoço da mulher, tudo servira para perfazer naquele momento um desenlace trágico à vida solitária e dolorosa de Julie. Em sua loucura, ela ajoelhou diante do divã, onde afundou o rosto para nada ver, e orou, proporcionando às palavras habituais de sua prece um tom íntimo, um novo significado que dilacerariam o coração do marido, se ele a ouvisse.

Por oito dias permaneceu preocupada com o futuro, presa de seu infortúnio, estudando-o para buscar meios de não mentir ao coração, recuperar seu domínio sobre o marquês e viver o suficiente para cuidar da felicidade da filha. Então resolveu lutar com a rival, reaparecer em sociedade, brilhar; fingir pelo marido um amor que não conseguia mais sentir, seduzi-lo; em seguida, quando, por seus artifícios, ela o tivesse subjugado, ser coquete com ele como as amantes caprichosas que sentem prazer em atormentar seus apaixonados. Esse jogo odioso era o único remédio possível para seus males. Desse modo, assenhorear-se-ia de seus sofrimentos, poderia organizá-los segundo lhe aprouvesse e torná-los mais raros enquanto sujeitava o marido, domando-o sob um terrível despotismo. Não teve nenhum remorso em lhe impor uma vida difícil.

De um salto, precipitou-se nos cálculos frios da indiferença. Para salvar a filha, adivinhava de repente as perfídias, as mentiras das criaturas que não amam, as traições da faceirice e os ardis atrozes que fazem com que a mulher na qual os homens supõem então corrupções inatas seja tão profundamente odiada. Sem que Julie percebesse, sua vaidade feminina, seu interesse e um vago desejo de vingança combinaram-se com seu amor materno para fazê-la entrar em um caminho onde novas dores a esperavam. Mas sua alma era bela demais, seu espírito delicado demais e sobretudo era franca demais para ser cúmplice dessas fraudes por muito tempo. Habituada a ler a si mesma, ao dar o primeiro passo no vício, pois isso era vício, o grito de sua consciência sufocaria o das paixões e do egoísmo. De fato, em uma jovem mulher cujo coração ainda é puro e onde o amor permaneceu virgem, o próprio sentimento de maternidade está sujeito à voz do pudor. A mulher não é toda pudor? Mas Julie não quis perceber nenhum perigo, nenhum delito na nova vida. Foi à casa da senhora de Sérisy. Sua rival contava ver uma mulher pálida, languescente; a marquesa colocara *rouge* e apresentou-se com todo o brilho de adornos que realçavam ainda mais sua beleza.

A condessa de Sérisy era daquelas mulheres que pretendem exercer uma espécie de domínio sobre a moda e sobre a sociedade em Paris; ela ditava decretos que,

recebidos no círculo em que reinava, pareciam-lhe adotados universalmente; tinha a pretensão de dizer a última palavra; era soberanamente *juíza*. Literatura, política, homens e mulheres, tudo sofria sua censura; e a senhora de Sérisy parecia desafiar a dos outros. Sua casa era, sob todos os aspectos, um modelo de bom gosto.

Nesses salões cheios de mulheres elegantes e belas, Julie triunfou sobre a condessa. Espirituosa, viva, buliçosa, os homens de maior destaque da noite reuniram-se a seu redor. Para o desespero das mulheres, não havia o que censurar em sua toalete, e todas invejaram-lhe o corte do vestido, a forma do corpete, cujo efeito foi de modo geral atribuído a algum gênio da costura desconhecido, pois as mulheres preferem antes acreditar na ciência dos panos do que na graça e na perfeição daquelas que são feitas para as peças lhes caírem bem. Quando Julie se levantou para ir ao piano cantar a romança de Desdêmona, os homens acorreram de todos os salões para ouvir a célebre voz, muda havia tanto tempo, e fez-se um profundo silêncio. A marquesa ficou bem emocionada ao ver as cabeças apertadas nas portas e todos os olhares fixos nela. Procurou seu marido, lançou-lhe um olhar cheio de coqueteria e constatou com prazer que naquele momento seu amor-próprio se sentia extraordinariamente lisonjeado. Feliz com o triunfo, arrebatou a audiência na primeira parte de *al piu salice*. Jamais a Malibran ou a Pasta entoaram cantos tão perfeitos em sentimento e entonação; no momento do refrão, porém, percorreu os grupos e avistou Arthur, cujo olhar fixo não a abandonava. Estremeceu, e sua voz alterou-se. A senhora de Sérisy precipitou-se de seu lugar em direção à marquesa.

— Está se sentindo mal, querida? Oh, pobrezinha, não está passando bem! Estava morta de medo vendo-a fazer algo acima de suas forças...

A romança foi interrompida. Despeitada, Julie não sentiu mais coragem para continuar e sofreu a compaixão pérfida da rival. Todas as mulheres cochichavam; em seguida, de tanto discutir o incidente, adivinharam a luta iniciada entre a marquesa e a senhora de Sérisy, que não pouparam em suas maledicências.

Os estranhos pressentimentos que tantas vezes agitaram Julie de repente se concretizavam. Prestando atenção em Arthur, agradava-lhe acreditar que um homem, aparentemente tão doce, tão delicado, devia ter permanecido fiel a seu primeiro amor. Às vezes, sentia-se lisonjeada de ser o objeto dessa bela paixão, a paixão pura e verdadeira de um rapaz, em que todos os pensamentos pertencem à sua bem-amada, em que todos os momentos lhe são consagrados, que não tem rodeios, que cora com o que faz uma mulher corar, pensa como uma mulher, não lhe atribui rivais e entrega-se a ela sem pensar na ambição, na glória, ou na fortuna. Sonhara tudo isso a respeito de Arthur, por loucura, por distração; mas de repente acreditou ver seu sonho realizado. Leu no rosto quase feminino do jovem inglês os pensamentos profundos, as melancolias doces, as resignações dolorosas dos quais ela

própria era vítima. Reconheceu-se nele. A infelicidade e a melancolia são os intérpretes mais eloquentes do amor e correspondem-se com uma incrível rapidez entre dois seres que sofrem. A visão íntima e a intussuscepção das coisas ou das ideias são neles completas e corretas. Por isso a violência do choque recebido pela marquesa revelou-lhe todos os perigos do futuro. Feliz demais por encontrar um pretexto para sua perturbação em seu estado habitual de sofrimento, deixou-se de bom grado oprimir pela piedade engenhosa da senhora de Sérisy. A interrupção da romança era um acontecimento sobre o qual muitas pessoas conversavam de maneira diferente. Alguns deploravam o fado de Julie e lamentavam que uma mulher tão notável estivesse perdida para a sociedade; outros queriam saber o motivo de seu sofrimento e da solidão em que ela vivia.

— Bem, meu caro Ronquerolles — dizia o marquês ao irmão da senhora de Sérisy —, você invejou minha felicidade quando viu a senhora d'Aiglemont e censurou minha infidelidade? Acharia meu destino bem pouco desejável se permanecesse como eu diante de uma bela mulher durante um ou dois anos sem ousar beijar-lhe a mão, com medo de quebrá-la. Nunca se envolva com essas joias delicadas, que só servem para ficar sob uma redoma e a quem somos sempre obrigados a respeitar por sua fragilidade e seu valor. Você sai muitas vezes com seu belo cavalo para o qual teme, como me disseram, as tempestades e a neve? Esta é minha história. É verdade que tenho certeza da virtude de minha mulher; mas meu casamento é uma coisa de luxo; e se acredita que eu esteja casado, está enganado. Por isso minhas infidelidades são de certa forma legítimas. Gostaria de saber o que fariam em meu lugar, senhores zombeteiros? Muitos homens teriam menos cuidados do que eu por minha mulher. Tenho certeza — acrescentou em voz baixa — de que a senhora d'Aiglemont de nada desconfia. Por isso, decerto, não teria motivos para me queixar, sou muito feliz. Só que nada é mais incômodo para um homem sensível do que ver sofrer uma criatura a quem se está ligado.

— Você é mesmo muito sensível? — respondeu o senhor de Ronquerolles. — Fica tão raramente em casa...

Esse epigrama amigável fez os ouvintes rirem; Arthur, porém, permaneceu frio e imperturbável, como cavalheiro que assumiu a gravidade como base do caráter. As palavras estranhas daquele marido decerto transmitiram alguma esperança ao jovem inglês, que esperou com paciência o momento de encontrar-se a sós com o senhor d'Aiglemont, oportunidade que logo surgiu.

— Senhor — disse-lhe —, sinto muitíssima pena da senhora marquesa, e se o senhor soubesse que, na falta de um regime especial, vai morrer miseravelmente, acho que não brincaria com seu sofrimento. Se estou lhe falando assim, é porque me sinto de certa forma autorizado pela certeza que tenho de salvar a senhora

d'Aiglemont e de devolvê-la à vida e à felicidade. Não é muito comum um homem de minha categoria ser médico; no entanto, o acaso quis que eu estudasse medicina. Ora, entedio-me o suficiente — disse, fingindo um egoísmo frio que deveria servir a seus desígnios —, para que me seja indiferente desperdiçar meu tempo e minhas viagens em proveito de um ser doente, em vez de satisfazer algumas fantasias tolas. As curas nesse tipo de doença são raras, porque exigem muitos cuidados, tempo e paciência; é preciso sobretudo ter dinheiro, viajar, seguir rigorosamente prescrições que variam a cada dia e nada têm de desagradável. Somos dois gentis-homens — disse, dando a essa palavra a acepção do termo inglês *gentleman* — e podemos nos entender. Previno-lhe que, caso aceite minha proposta, será a todo momento juiz de minha conduta. Nada farei sem antes me aconselhar junto ao senhor e pelo senhor ser supervisionado, e respondo-lhe pelo sucesso se aceitar me obedecer. Sim, se o senhor quiser não ser por muito tempo o marido da senhora d'Aiglemont — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Milorde, com certeza só um inglês poderia me fazer uma proposta tão estranha — disse o marquês rindo. — Permita-me não rejeitá-la, nem aceitá-la, vou pensar. E, antes de mais nada, devo submetê-la à minha mulher.

Naquele momento, Julie tornou ao piano. Cantou a ária de *Semíramis*, *Son regina, son guerriera*. Aplausos unânimes, mas aplausos surdos, por assim dizer, as aclamações polidas do *faubourg* Saint-Germain testemunharam o entusiasmo que despertou.

Quando d'Aiglemont levou a esposa para a casa, Julie percebeu com uma espécie de prazer inquieto o sucesso imediato de suas tentativas. O marido, desperto pelo papel que acabara de desempenhar, quis homenageá-la com uma fantasia, e a desejou, como faria com uma atriz. Julie achou divertido ser tratada daquela maneira, ela, virtuosa e casada; tentou jogar com seu poder e, nessa primeira luta, sua bondade a fez sucumbir mais uma vez, e foi a mais terrível de todas as lições que o destino lhe reservava.

Por volta das três horas da manhã, Julie estava sentada, sombria e sonhadora, no leito conjugal; uma lâmpada com clarões incertos iluminava fracamente o quarto, nele reinava o silêncio mais profundo; havia cerca de uma hora, a marquesa, entregue a remorsos pungentes, derramava lágrimas cuja amargura só poderia ser compreendida por mulheres que se encontraram na mesma situação. Seria preciso ter a alma de Julie para sentir como ela o horror de uma carícia calculada, para ficar tão mortificada com um beijo frio; apostasia do coração mais agravada ainda por uma prostituição dolorosa. Ela desprezava-se, amaldiçoava o casamento, queria morrer; e, não fosse um grito da filha, talvez tivesse se jogado pela janela. O senhor d'Aiglemont dormia calmamente a seu lado, sem despertar com as lágrimas quentes

que deixava cair sobre ele.

No dia seguinte, Julie conseguiu aparentar alegria. Encontrou forças para parecer feliz e esconder, não mais sua melancolia, mas um horror irresistível. A partir daquele dia, não mais se considerou uma mulher irrepreensível. Não mentira a si mesma, a partir de então não seria capaz de dissimulação e não poderia mais tarde desenvolver uma profundidade surpreendente nos delitos conjugais? Seu casamento provocava essa perversidade *a priori* que ainda sobre nada se exercia. No entanto, ela já se perguntara por que resistir a um amante amado quando se entregava, contra sua vontade e contra a natureza, a um marido que não amava mais. Todos os delitos, e talvez os crimes, têm por princípio um raciocínio incorreto ou o excesso de egoísmo. A sociedade só pode existir graças aos sacrifícios individuais exigidos pelas leis. Aceitar suas vantagens não é se comprometer a manter as condições que a fazem subsistir? Ora, os infelizes sem pão, obrigados a respeitar a propriedade, não devem ser menos lamentados que as mulheres feridas em seus desejos e na sensibilidade de sua natureza.

Alguns dias após essa cena, cujos segredos foram enterrados no leito conjugal, d'Aiglemont apresentou lorde Grenville à esposa. Julie recebeu Arthur com uma polidez fria que honrava sua dissimulação. Impôs silêncio ao coração, velou seus olhares, deu firmeza à voz, pois assim podia permanecer senhora de seu futuro. Em seguida, após ter reconhecido por esses meios, por assim dizer, inatos nas mulheres, toda a extensão do amor que inspirava, a senhora d'Aiglemont sorriu com a esperança de uma cura imediata e não opôs mais resistência à vontade do marido, que a violentava para fazê-la aceitar os cuidados do jovem doutor. No entanto, só quis confiar-se ao lorde Grenville após ter estudado o suficiente suas palavras e suas maneiras, para obter a segurança de que ele teria a generosidade de sofrer em silêncio. Exercia sobre ele o poder mais absoluto, já abusava dele: não era mulher?

Montcontour é um solar antigo situado sobre um daqueles rochedos descoloridos sob os quais passa o Loire, próximo do local onde Julie parara em 1814. É um daqueles pequenos castelos da Touraine, brancos, bonitos, de torrinhas esculpidas, bordadas como uma renda de Mechelen; um daqueles castelos graciosos, elegantes, que se miram nas águas do rio com seus bosquetes de amoreiras, suas vinhas, seus caminhos escavados, suas longas balaustradas perfuradas, suas adegas de pedra, seus mantos de hera e suas escarpas. Os telhados de Montcontour crepitam sob os raios de sol, tudo nele é ardente. Mil vestígios da Espanha enchem de poesia a moradia encantadora: as giestas douradas, as flores de sininhos perfumam a brisa; o ar acaricia, a terra sorri por toda parte, e por toda parte doces magias envolvem a alma, tornam-na preguiçosa, apaixonada, amolecem-na e ninam. Essa região bela e suave adormece as dores e desperta as paixões. Ninguém permanece frio sob o céu puro,

diante daquelas águas cintilantes. Ali morre mais de uma ambição, ali todos se deitam no seio de uma felicidade tranqüila, como todas as noites o sol se deita em seus lençóis de púrpura e azul.

Em uma tarde suave do mês de agosto, em 1821, duas pessoas escalavam as trilhas pedregosas que recortam os rochedos sobre os quais está assentado o castelo e dirigiam-se às alturas para decerto admirar os inúmeros panoramas que dali se avistam. Essas duas pessoas eram Julie e o lorde Grenville; mas essa Julie parecia ser outra mulher. A marquesa apresentava as cores límpidas da saúde. Seus olhos, animados por um poder fecundo, cintilavam através de vapor úmido, semelhante ao fluido que proporciona aos olhos das crianças atrativos irresistíveis. Seu sorriso aberto revelava a alegria de viver e concebia vida. À maneira como erguia seus pés pequeninos, era fácil ver que nenhuma dor tornava pesados, como outrora, seus menores movimentos, enfraquecia seu olhar, suas palavras, ou seus gestos. Sob a sombrinha de seda branca que a protegia dos raios quentes do sol, parecia uma recém-casada sob o véu, uma virgem pronta a se entregar aos encantos do amor.

Arthur a conduzia com cuidados de apaixonado, a guiava como se guia uma criança, colocava-a na melhor trilha, fazia-lhe evitar as pedras, mostrava-lhe um panorama especial ou a levava para diante de uma flor, sempre movido por um perpétuo sentimento de bondade, por uma intenção delicada, por um conhecimento íntimo do bem-estar daquela mulher, sentimentos que pareciam inatos nele, tanto quanto o movimento necessário à sua própria existência, ou talvez mais. A doente e seu médico caminhavam na mesma velocidade sem se surpreender com a harmonia que parecia existir desde o primeiro dia em que caminharam juntos; obedeciam a uma mesma vontade, paravam impressionados pelas mesmas sensações; seus olhares, suas palavras correspondiam a pensamentos mútuos. Tendo chegado ao alto de um vinhedo, quiseram descansar sobre uma dessas longas pedras brancas que se extrai todo o tempo de cavernas escavadas no rochedo; antes de se sentar, porém, Julie contemplou o local.

— Que belo lugar! — exclamou. — Vamos armar uma barraca e morar aqui. Victor — gritou —, venha, venha!

O senhor d'Aiglemont respondeu de baixo com um grito de caçador, mas sem apressar o passo; só olhava para a mulher de tempos em tempos, quando as sinuosidades da trilha permitiam. Julie aspirou o ar com prazer erguendo a cabeça e lançando a Arthur um daqueles olhares sutis por meio dos quais uma mulher de espírito transmite tudo o que está pensando.

— Ah — tornou —, gostaria de ficar aqui para sempre. Dá para se cansar de admirar esse belo vale? O senhor sabe o nome desse lindo afluente, milorde?

— É o Cise.

— O Cise — repetiu. — E lá embaixo, diante de nós, o que é?

— São as encostas do Cher — disse ele.

— E à direita? Ah, é Tours! Veja que belo o efeito produzido ao longe pelos campanários da catedral!

Calou-se e deixou cair na mão de Arthur a mão que estendera para a cidade. Ambos admiraram em silêncio a paisagem e as belezas daquela natureza harmoniosa. O murmúrio das águas, a pureza do ar e do céu, tudo combinava com pensamentos que afluíam em profusão a seus corações jovens e apaixonados.

— Oh, meu Deus, como adoro essa região! — repetiu Julie com um entusiasmo crescente e ingênuo. — O senhor morou aqui por muito tempo? — continuou, após uma pausa.

Lorde Grenville estremeceu ao ouvir essas palavras.

— Ali — respondeu com melancolia, mostrando um bosque de nogueiras na estrada —, ali, prisioneiro, vi-a pela primeira vez.

— É, mas eu já era bem triste; essa natureza me pareceu selvagem, mas agora...

Calou-se. Lorde Grenville não ousou olhar para ela.

— É ao senhor — disse Julie após um longo silêncio — que devo esse prazer. Não é preciso estar vivo para sentir as alegrias da vida e até há pouco não estava morta para tudo? O senhor deu-me mais que a saúde, o senhor me ensinou a sentir todo o valor...

As mulheres têm um talento inimitável para exprimir seus sentimentos sem empregar palavras ardentes demais; sua eloquência reside sobretudo no tom, no gesto, na atitude e no olhar.

Lorde Grenville escondeu a cabeça nas mãos, pois havia lágrimas em seus olhos. Esse agradecimento era o primeiro de Julie desde que haviam saído de Paris. Durante todo um ano, ele cuidara da marquesa com a maior dedicação. Auxiliado por d'Aiglemont, levava-a para as águas de Aix, em seguida à beira do mar em La Rochelle. Espreitando o tempo todo as mudanças que suas prescrições científicas e simples produziam sobre a constituição degradada de Julie, cultivara-a como uma flor rara é cultivada por um horticultor apaixonado. A marquesa pareceu receber os cuidados inteligentes de Arthur com todo o egoísmo de uma parisiense habituada a homenagens ou com a indiferença de uma cortesã que não sabe o preço das coisas, nem o valor dos homens, e os avalia pelo seu grau de utilidade para elas.

A influência que os locais exercem sobre a alma é algo digno de nota. Se a melancolia infalivelmente toma conta de nós à beira da água, outra lei de nossa natureza impressionável faz com que nossos sentimentos se depurem nas montanhas; a paixão ali conquista em profundidade o que parece perder em vivacidade. O aspecto da vasta bacia do Loire, a elevação da bonita colina onde os

dois apaixonados se sentaram talvez provocassem a calma deliciosa na qual saborearam a princípio a felicidade que se experimenta ao se adivinhar a extensão de uma paixão escondida sob palavras aparentemente sem significado. No momento em que Julie concluía a frase que tanto emocionou lorde Grenville, uma brisa acariciante agitou o topo das árvores, espalhando o frescor das águas no ar; algumas nuvens cobriram o sol, e sombras frouxas revelaram todas as belezas dessa bonita natureza. Julie virou a cabeça para esconder do jovem lorde as lágrimas que conseguiu conter e secar, pois a ternura de Arthur a atingira de imediato. Não ousou erguer os olhos para ele com medo de que lesse alegria demais naquele olhar. Seu instinto de mulher fazia com que sentisse que, naquela hora perigosa, deveria enterrar seu amor no fundo do coração. O silêncio, contudo, também era temível. Percebendo que lorde Grenville não tinha condições de falar, Julie tornou com uma voz suave:

— O senhor ficou tocado com o que eu lhe disse, milorde. Talvez essa expansão febril seja a maneira como uma alma graciosa e boa como a sua volta atrás em um juízo incorreto. O senhor considerou-me ingrata vendo-me fria e reservada, ou zombeteira e insensível durante essa viagem que felizmente vai terminar. Não teria sido digna de receber seus cuidados se não soubesse apreciá-los. Milorde, de nada me esqueci! É uma pena que de nada me esquecerei, nem da solicitude que fazia com que cuidasse de mim como uma mãe cuida do filho, nem, principalmente, da confiança nobre de nossas conversas fraternas, da delicadeza de seu jeito; seduções contra as quais todas nós não temos armas. Milorde, não tenho condições de recompensá-lo...

Tendo dito essas palavras, Julie afastou-se depressa, e lorde Grenville não fez nenhum movimento para detê-la; a marquesa foi até uma pedra próxima, onde permaneceu imóvel; suas emoções foram um segredo para eles mesmos; decerto choraram em silêncio; o canto dos pássaros, tão alegre, tão pródigo de expressões ternas ao pôr do sol, deve ter aumentado a comoção violenta que os obrigara a se separar; a natureza encarregava-se de exprimir-lhes um amor do qual não ousavam falar.

— Bem, milorde — tornou Julie, colocando-se diante dele em uma atitude cheia de dignidade, que lhe permitiu pegar a mão de Arthur —, vou lhe pedir que torne pura e santa a vida que o senhor me restituiu. Vamos nos separar aqui. Sei — acrescentou, vendo lorde Grenville empalidecer — que, como paga de sua dedicação, vou exigir do senhor um sacrifício ainda maior do que aqueles cuja extensão deveria ser mais bem reconhecida por mim... Mas é preciso... O senhor não vai permanecer na França. Ordenar-lhe que faça isso não é lhe dar direitos que serão sagrados? — acrescentou, colocando a mão do jovem sobre seu coração palpitante.

— É — disse Arthur, levantando-se.

Naquele momento, lord Grenville mostrou d'Aiglemont com a filha no colo surgindo do outro lado de um atalho escavado na balaustrada do castelo. Escalara-o para que a pequena Hélène ali pulasse.

— Julie, não lhe falarei de meu amor, nossas almas compreendem-se bem demais. Por mais profundos e secretos que fossem meus prazeres de coração, a senhora de todos compartilhou. Sinto, sei, vejo. Agora, conquisto a prova deliciosa da simpatia constante de nossos corações, mas fugirei... Várias vezes calculei com demasiada habilidade os meios de matar esse homem para que eu pudesse sempre resistir, se permanecesse perto da senhora.

— Pensei a mesma coisa — disse ela, deixando transparecer em seu rosto perturbado as marcas de uma surpresa dolorosa.

Mas havia tanta virtude, tanta certeza de si mesma e tantas vitórias secretamente conquistadas sobre o amor no tom e no gesto que escaparam de Julie, que lord Grenville a admirou ainda mais. A própria sombra do crime desvanecera naquela consciência ingênua. O sentimento religioso que dominava a bela fronte sempre deveria dela afugentar os maus pensamentos involuntários que nossa natureza imperfeita gera, mas que mostram ao mesmo tempo a grandeza e os perigos de nosso destino.

— Então — tornou ela —, mereceria seu desprezo, e isso me salvou — retomou, baixando os olhos. — Perder seu respeito não é morrer?

Os dois apaixonados heroicos permaneceram mais um momento em silêncio, ocupados em devorar seus pesares: bons e maus, seus pensamentos eram fielmente os mesmos, e eles se entendiam tanto em seus prazeres íntimos quanto em suas dores mais ocultas.

— Não tenho do que me queixar, a minha infelicidade é obra minha — acrescentou, erguendo ao céu os olhos cheios de lágrimas.

— Milorde — gritou o general do lugar onde estava, fazendo um gesto —, foi aqui que nos vimos pela primeira vez. Talvez o senhor não se lembre. Olhe, lá embaixo, perto dos choupos.

O inglês respondeu por uma brusca inclinação da cabeça.

— Eu devia morrer jovem e infeliz — respondeu Julie. — Sim, não acredite que estou viva. O pesar vai ser tão mortal quanto era a doença terrível da qual me curou. Não me acho culpada. Não, os sentimentos que tenho pelo senhor são irresistíveis, eternos, mas bem involuntários, e quero permanecer na virtude. No entanto, serei ao mesmo tempo fiel à minha consciência de esposa, a meus deveres de mãe e aos desejos de meu coração. Ouça — disse-lhe, a voz alterada —, nunca mais pertencerei àquele homem, nunca mais.

E, com um gesto assustador de horror e verdade, Julie apontou o marido.

— As leis da sociedade — retomou — exigem que eu torne sua existência feliz, obedecerei a elas; serei sua criada; minha dedicação a ele não terá limites, mas a partir de hoje sou viúva. Não quero ser prostituta nem a meus olhos nem aos do mundo; se não sou do senhor d'Aiglemont, jamais serei de outro. O senhor, de mim, só terá o que arrancou. Esse é o decreto que lanço sobre mim — disse, olhando Arthur com orgulho. — É irrevogável, milorde. Agora, saiba que, se ceder a um pensamento criminoso, a viúva do senhor d'Aiglemont vai entrar para um convento na Itália ou na Espanha. Quis o infortúnio que falássemos de nosso amor. Essas confissões talvez fossem inevitáveis; mas que esta seja a última vez que nossos corações vibrem tão forte. Amanhã, o senhor vai fingir que recebe uma carta que o chama à Inglaterra e vamos nos deixar para nunca mais nos vermos.

No entanto, esgotada pelo esforço, Julie sentiu seus joelhos dobrarem-se, um frio mortal dela se apoderou e, graças a uma defesa bem feminina, sentou-se para não cair nos braços de Arthur.

— Julie! — gritou lorde Grenville.

O brado penetrante ressoou com um trovão. O clamor dilacerante exprimiu tudo o que o apaixonado, até então mudo, não conseguira dizer.

— Ei, o que ela tem afinal? — perguntou o general.

Ao ouvir o grito, o marquês apressara o passo e de repente se encontrou diante dos dois apaixonados.

— Não é nada — disse Julie com o admirável sangue-frio que a sutileza natural das mulheres permite-lhes ter muitas vezes nas grandes crises da vida. — O frescor dessa noqueira quase me fez desmaiar, e meu médico deve ter estremecido de medo. Não sou para ele como uma obra de arte ainda inacabada? Talvez tenha tido medo de vê-la destruída...

Pegou com audácia o braço de lorde Grenville, sorriu ao marido, olhou a paisagem antes de abandonar o topo dos rochedos e arrastou seu companheiro de viagem pegando sua mão.

— Esta é com certeza a paisagem mais bela que vimos — disse ela. — Jamais vou esquecê-la. Veja, Victor, que horizontes, que extensão e que variedade! Essa região faz-me conceber o amor.

Em um riso quase convulsivo, mas rindo de maneira a enganar o marido, saltou alegremente para a trilha e desapareceu.

— Ei, o quê, já? — disse, quando se encontrou longe do senhor d'Aiglemont. — Ei, meu amigo, em um instante não poderemos mais ser e nunca mais seremos nós mesmos; enfim, não viveremos mais...

— Vamos devagar — respondeu lorde Grenville —, os carros ainda estão longe.

Vamos caminhar juntos e, se nos for permitido colocar palavras em nossos olhares, nossos corações viverão mais um momento.

Passaram pelo aterro, à beira da água, aos últimos clarões da tarde, quase em silêncio, dizendo palavras vagas, suaves como o murmúrio do Loire, mas que revolviavam a alma. No momento de se pôr, o sol envolveu-os em seus reflexos vermelhos antes de desaparecer, imagem melancólica de seu amor fatal. Muito preocupado por não encontrar seu carro no lugar onde haviam parado, o general seguia os dois apaixonados ou adiantava-se a eles, sem participar da conversa. A conduta nobre e delicada de lord Grenville durante aquela viagem destruíra as suspeitas do marquês, e havia algum tempo deixava a mulher livre, confiando inteiramente no lord-doutor. Arthur e Julie caminharam mais um pouco no acordo triste e doloroso de seus corações desanimados. Pouco antes, enquanto subiam pelas escarpas de Montcontour, ambos alimentavam uma vaga esperança, uma felicidade inquieta que não ousavam justificar; mas, ao descer ao longo do aterro, haviam derrubado o frágil edifício construído em sua imaginação, sobre o qual não ousavam respirar, como as crianças que prevêem a queda dos castelos de cartas que construíram. Não tinham esperanças. Naquela mesma tarde, lord Grenville partiu. O último olhar que lançou a Julie provou infelizmente que, desde o momento em que a simpatia lhes revelara a extensão de uma paixão tão forte, ele tivera razão de desconfiar de si mesmo.

Quando o senhor d'Aiglemont e sua esposa se encontraram no dia seguinte sentados no fundo do carro sem seu companheiro de viagem e percorreram com rapidez a estrada pela qual a marquesa passara em 1814, então ignorante do amor e cuja constância quase amaldiçoara, ela tornou a encontrar mil impressões esquecidas. O coração tem sua própria memória. Uma mulher incapaz de se lembrar dos acontecimentos mais graves lembrar-se-á a vida toda das coisas que importam para seus sentimentos. Por isso, Julie recordaria com perfeição até os detalhes frívolos. Reconheceu, feliz, os menores acidentes de sua primeira viagem e até os pensamentos que tivera em alguns lugares da estrada. Victor, que tornara a se apaixonar perdidamente pela mulher desde que ela recuperara o frescor da juventude e toda a sua beleza, encostou-se nela à maneira dos namorados. Quando tentou abraçá-la, ela libertou-se suavemente e encontrou um pretexto para evitar a carícia inocente. Logo sentiu horror do contato com Victor, cujo calor sentia e compartilhava pela maneira como estavam sentados. Quis sentar-se sozinha à frente do carro; mas o marido cedeu-lhe gentilmente o assento do fundo. Ela agradeceu-lhe por essa atenção dando um suspiro que o marquês julgou erroneamente, e esse ex-sedutor de guarnição, interpretando em seu proveito a melancolia da mulher, colocou-a no final do dia na obrigação de lhe falar com firmeza para se impor.

— Meu amigo — disse ela —, o senhor quase me matou, bem sabe. Se eu ainda fosse uma moça sem experiência, poderia repetir o sacrifício de minha vida; mas sou mãe, tenho uma filha para criar e tenho tantos deveres para com ela quanto para com o senhor. Vamos sofrer um infortúnio que nos atinge a ambos igualmente. O senhor tem menos motivos para queixar-se. Soube encontrar consolos que meu dever, nossa honra comum e sobretudo a natureza me proíbem. Pegue — acrescentou —, o senhor esqueceu levemente três cartas da senhora de Sérisy em uma gaveta. Aqui estão. Meu silêncio prova-lhe que tem em mim uma mulher cheia de indulgência e que não exige do senhor os sacrifícios aos quais as leis a condenam; mas refleti bastante para saber que nossos papéis não são os mesmos e que só a mulher é predestinada à infelicidade. Minha virtude repousa nesses princípios determinados e fixos. Conseguirei viver irrepreensivelmente. Mas deixe-me viver.

Estupefato com a lógica que as mulheres sabem imprimir às clarezas do amor, o marquês foi subjugado pela espécie de dignidade que lhes é natural nesses tipos de crise. A repulsa instintiva manifestada por Julie por tudo o que magoava seu amor e os desejos de seu coração é uma das coisas mais belas da mulher e talvez provenha de uma virtude natural, que nem as leis, nem a civilização conseguem calar. Mas quem ousaria censurar as mulheres? Quando impõem silêncio ao sentimento exclusivo que não lhes permite pertencer a dois homens, não são como sacerdotes sem crença? Se alguns espíritos rígidos condenam a espécie de transação concluída por Julie entre seus deveres e seu amor, as almas apaixonadas a transformam em um crime. Essa reprovação geral aponta a infelicidade que espera os que desobedecem às leis, ou as tristes imperfeições das instituições nas quais se baseia a sociedade europeia.

Dois anos passaram-se, durante os quais o senhor e a senhora d'Aiglemont levaram a vida das pessoas de sociedade, cada qual para o seu lado, encontrando-se com mais frequência nos salões do que em casa; divórcio elegante pelo qual se terminam muitos casamentos na alta sociedade. Uma tarde, extraordinariamente, os dois esposos encontraram-se juntos na sala. A senhora d'Aiglemont convidara uma de suas amigas para jantar. O general, que sempre jantava na cidade, permanecera em casa.

— A senhora ficará muito satisfeita, senhora marquesa — disse o senhor d'Aiglemont, pousando na mesa a xícara do café que acabara de beber.

O marquês fitou a senhora de Wimphen com um ar meio malicioso, meio triste e acrescentou:

— Estou partindo para uma longa caçada com o monteiro-mor. A senhora ficará por oito dias completamente viúva, é o que deseja, acredito...

— Guillaume — disse ao criado que veio tirar as xícaras —, mande preparar o carro.

A senhora de Wimphen era aquela Louisa a quem em outros tempos a senhora d'Aiglemont quis aconselhar o celibato. As duas mulheres olharam-se com cumplicidade, o que comprovava que Julie encontrara em sua amiga uma confidente de seus pesares, preciosa e caridosa, pois a senhora de Wimphen era muito feliz no casamento; e, na situação oposta em que se encontravam, talvez a felicidade de uma constituísse uma garantia de dedicação à infelicidade da outra. Em casos assim, a dessemelhança dos destinos é quase sempre um laço forte de amizade.

— É época de caça? — perguntou Julie, lançando um olhar indiferente ao marido.

O mês de março chegava ao fim.

— Senhora, o monteiro-mor caça quando quer e onde quer. Vamos para a floresta real matar javalis.

— Cuidado para não terem nenhum acidente.

— A desgraça é sempre imprevisível — respondeu ele sorrindo.

— O seu carro está pronto — disse Guillaume.

O general levantou-se, beijou a mão da senhora de Wimphen e voltou-se para Julie.

— Senhora, se eu morrer vítima de um javali! — disse, com um ar de súplica.

— O que quer dizer isso? — perguntou a senhora de Wimphen.

— Venha — disse a senhora d'Aiglemont a Victor.

Em seguida, sorriu como para dizer a Louisa:

— Você vai ver.

Julie estendeu o pescoço ao marido, que avançou para beijá-lo; mas a marquesa abaixou-se de modo que o beijo conjugal roçou o franzido de sua pelerine.

— A senhora é testemunha diante de Deus — tornou o marquês, dirigindo-se à senhora de Wimphen —, preciso de um firmã para obter esse favorzinho. É como a minha mulher entende o amor. Ela me levou a isso não sei por que ardil. Passem muito bem!

E saiu.

— Seu pobre marido é mesmo muito bom — exclamou

Louisa, quando as duas mulheres ficaram a sós. — Ele a ama.

— Oh, não acrescente nem mais uma sílaba a essa última palavra. O nome que carrego me horroriza.

— Sim, mas Victor lhe obedece em todas as coisas — disse Louisa.

— Sua obediência — respondeu Julie — baseia-se em parte no grande respeito que lhe inspiro. Sou uma mulher muito virtuosa, de acordo com as leis. Torno a casa dele agradável; fecho os olhos para as suas intrigas; nada tomo de sua fortuna; ele pode desperdiçar as rendas à vontade: só cuido para conservar seu capital. Pago esse

preço pela paz. Ele não explica para si, ou não quer explicar, minha existência. Mas se trato meu marido assim, não deixo de temer os efeitos de seu caráter. Sou como um adestrador de ursos que teme que um dia a mordança arrebente. Se Victor vier a acreditar que tem o direito de deixar de me respeitar, não ousou prever o que pode acontecer; pois é violento, cheio de amor-próprio, sobretudo de vaidade. Ele não tem o espírito sutil para tomar uma atitude sensata quando porventura, em uma circunstância delicada, o pior dele fosse colocado em jogo; tem o caráter fraco e talvez me matasse por provisão, pronto a morrer de dor no dia seguinte. Mas não há motivos para temer essa felicidade fatal...

Houve um momento de silêncio durante o qual os pensamentos das duas amigas se voltaram para a causa secreta daquela situação.

— Fui bem cruelmente obedecida — retomou Julie, lançando um olhar de inteligência a Louisa. — No entanto, não *o* proibi de escrever. Ah, *ele* me esqueceu com toda a razão. Seria funesto demais seu destino ser interrompido! O meu já não foi o suficiente? Você acredita, querida, que só leio os jornais ingleses porque tenho a esperança de ver seu nome impresso? Bem, ainda não apareceu na câmara dos lordes.

— Então você sabe inglês?

— Não lhe contei? Aprendi.

— Pobrezinha — exclamou Louisa, pegando a mão de Julie —, mas como ainda consegue viver?

— Isto é um segredo — respondeu a marquesa, deixando escapar um gesto de ingenuidade quase infantil. — Ouça. Tomo ópio. A história da duquesa de..., em Londres, deu-me essa ideia. Sabe, Maturin escreveu um romance a respeito disso. Minhas gotas de láudano são muito fracas. Durmo. Só fico acordada sete horas, e concedo-as à minha filha.

Louisa olhou o fogo, sem ousar contemplar a amiga: todas as suas misérias se desenrolavam diante dela pela primeira vez.

— Louisa, guarde esse segredo — disse Julie, após um momento de silêncio.

De repente, o criado trouxe uma carta à marquesa.

— Ah! — exclamou Julie, empalidecendo.

— Nem perguntarei de quem é — disse-lhe a senhora de Wimphen.

A marquesa lia e não ouvia mais nada, sua amiga viu os sentimentos mais ativos, a exaltação mais perigosa, esboçarem-se no rosto da senhora d'Aiglemont, que corava e empalidescia alternadamente. Finalmente, Julie jogou o papel no fogo.

— Essa carta é incendiária! Ah, meu coração está me sufocando.

Ela levantou-se, andou; seus olhos ardiam.

— Ele não saiu de Paris! — exclamou.

Seu discurso entrecortado, que a senhora de Wimphen não ousou interromper,

foi ritmado por pausas terríveis. A cada interrupção, as frases eram pronunciadas em tom cada vez mais profundo. As últimas palavras tiveram algo de terrível.

— Ele não deixou de me ver às escondidas. Um olhar meu surpreendido a cada dia o ajudou a viver. Quer saber de uma coisa, Louisa? Ele está morrendo e pede para me dizer adeus, sabe que meu marido se ausentou hoje à tarde e que ficará fora por vários dias e virá daqui a pouco. Oh, vou morrer. Estou perdida. Fique comigo! Diante de duas mulheres, ele não vai ousar. Oh, fique, tenho medo de mim.

— Mas meu marido sabe que jantei aqui e vem me buscar — respondeu a senhora de Wimphen.

— Bem, antes que saia, já o terei mandado embora. Vou ser o carrasco de nós dois. Infelizmente vai acreditar que não o amo mais. E a carta! Minha querida, continha frases que vejo escritas com letras de fogo.

O ruído de um carro ressoou junto à porta.

— Ah — exclamou a marquesa com uma espécie de alegria —, vem publicamente e sem mistério.

— Lorde Grenville — anunciou o criado.

A marquesa permaneceu de pé, imóvel. Ao ver Arthur pálido, magro e desfigurado, a severidade tornou-se impossível. Embora lorde Grenville tenha ficado violentamente contrariado de não encontrar Julie sozinha, pareceu calmo e frio. Mas, para aquelas duas mulheres, iniciadas nos mistérios de seu amor, sua continência, o som de sua voz, a expressão de seus olhares, tiveram um pouco a força atribuída ao torpedo. A marquesa e a senhora de Wimphen ficaram como que entorpecidas pela comunicação vívida de uma dor horrível.

O som da voz de lorde Grenville fazia o coração da senhora d'Aiglemont palpitar com tanta crueldade que ela não ousava responder-lhe de medo de lhe revelar a extensão do poder que o apaixonado exercia sobre ela; lorde Grenville não ousava fixar Julie, de modo que a senhora de Wimphen assumiu quase que sozinha uma conversa sem interesse; lançando-lhe um olhar pleno de gratidão tocante, Julie agradeceu-lhe pelo auxílio que lhe prestava. Os dois amantes impuseram silêncio a seus sentimentos e tiveram de manter-se nos limites prescritos pelo dever e pelas convenções. Logo, porém, o senhor de Wimphen foi anunciado; ao vê-lo entrar, as duas amigas entreolharam-se e, sem se falar, compreenderam as novas dificuldades da situação. Era impossível pôr o senhor de Wimphen a par do drama, e Louisa não tinha motivos válidos para dar ao marido, não tinha como pedir-lhe para ficar na casa da amiga. Quando a senhora de Wimphen enrolou-se no xale, Julie ergueu-se para ajudar Louisa a prendê-lo e disse em voz baixa:

— Vou ter coragem. Se ele veio publicamente à minha casa, o que tenho a temer? Porém, não fosse você, no primeiro momento, ao vê-lo tão mudado, teria caído a

seus pés.

— Bem, Arthur, o senhor não me obedeceu — disse a senhora d'Aiglemont, a voz tremendo, ao voltar para seu lugar em uma conversadeira onde lorde Grenville não ousou sentar-se.

— Não consegui resistir por mais tempo ao prazer de ouvir sua voz, de estar junto à senhora. Era uma loucura, um delírio. Não sou mais senhor de mim. Questionei-me muito, sou fraco demais. Devo morrer. Mas morrer sem vê-la, sem ouvir o roçar de seu vestido, sem recolher seu pranto, que morte!

Quis se afastar de Julie, mas o movimento brusco fez uma pistola cair de seu bolso. A marquesa fitou a arma com um olhar que não exprimia mais nem paixão, nem pensamento. Lorde Grenville recuperou a pistola e pareceu violentamente contrariado com o incidente, que poderia passar por um artifício de apaixonado.

— Arthur! — clamou Julie.

— Senhora — respondeu, abaixando os olhos. — Vim cheio de desespero, queria...

Calou-se.

— O senhor queria matar-se em minha casa! — exclamou ela.

— Mas não sozinho — disse, a voz suave.

— Eh, o quê, talvez meu marido?

— Não, não — exclamou, a voz abafada. — Mas fique tranquila, meu projeto fatal desvaneceu. Quando entrei, quando a vi, senti a coragem de calar-me, de morrer sozinho.

Julie levantou-se, jogou-se nos braços de Arthur que, apesar dos soluços de sua amada, distinguiu duas palavras cheias de paixão.

— Conhecer a felicidade e morrer — disse ela. — Sim, está bem!

Toda a história de Julie estava encerrada naquele grito profundo, grito natural e amoroso ao qual as mulheres sem religião sucumbem; Arthur pegou-a e conduziu-a ao canapé com um movimento impregnado de toda a força que uma felicidade inesperada proporciona. Mas de repente a marquesa desvencilhou-se do abraço do apaixonado, lançou-lhe o olhar fixo de uma mulher desesperada, agarrou sua mão, pegou um castiçal e levou-o ao seu quarto; indo até a cama em que Hélène dormia, puxou as cortinas com suavidade e revelou a filha, colocando a mão diante da vela para que a claridade não magoasse as pálpebras transparentes e mal fechadas da menininha. Os braços de Hélène estavam abertos, e ela sorria em seu sono. Julie mostrou com um olhar sua filha a lorde Grenville. Aquele olhar dizia tudo.

— Podemos abandonar um marido mesmo quando ele nos ama. Um homem é uma criatura forte, dispõe de consolos. Podemos desprezar as leis da sociedade. Mas uma criança sem mãe!

Todos aqueles pensamentos e mil outros mais ternos também estavam naquele olhar.

— Podemos levá-la — disse o inglês murmurando. — Gostaria muito dela...

— Mamãe — disse Hélène despertando.

Ao ouvir essas palavras, Julie desfez-se em prantos. Lorde Grenville sentou-se e permaneceu de braços cruzados, mudo e taciturno.

— Mamãe! — Essa interpelação linda, ingênua, despertou tantos sentimentos nobres e tantas simpatias irresistíveis que o amor foi por um momento esmagado pela voz poderosa da maternidade. Julie deixou de ser mulher, era mãe. Lorde Grenville não resistiu, as lágrimas de Julie venceram-no. Naquele momento, uma porta aberta com violência produziu um fragor e as palavras: — Senhora d'Aiglemont, está aí? — ressoaram como trovão no coração dos dois amantes. O marquês voltara. Antes que Julie conseguisse recuperar o sangue-frio, o general dirigiu-se de seu quarto ao da esposa. Os dois cômodos eram contíguos. Julie fez um sinal a lorde Grenville, que se precipitou para o quarto de vestir, cuja porta foi fechada depressa pela marquesa.

— Bem, minha mulher — disse-lhe Victor —, estou de volta. Não houve caçada. Vou me deitar.

— Boa-noite — disse ela —, vou fazer a mesma coisa. Deixe-me, para eu poder me despir.

— A senhora está bem mal-humorada hoje. Obedeço-lhe, senhora marquesa.

O general entrou em seu quarto. Julie acompanhou-o para fechar a porta de comunicação e correu para soltar lorde Grenville. Recuperou toda a sua presença de espírito e pensou que a visita de seu ex-médico era bem natural; ela poderia tê-lo deixado na sala para acompanhar sua filha à cama, e ia dizer-lhe que voltasse para lá em silêncio; porém, quando abriu a porta do quarto de vestir, deu um grito estridente. Os dedos de lorde Grenville haviam ficado presos e tinham sido esmagados na ranhura.

— O que você tem, afinal? — perguntou-lhe o marido.

— Nada, nada — respondeu —, acabei de picar meu dedo com um alfinete.

A porta de comunicação tornou a se abrir de repente. A marquesa achou que o marido acorria por interesse por ela e amaldiçoou aquela solicitude em que não entrava sentimento. Mal teve tempo de fechar a porta do quarto de vestir; lorde Grenville ainda não conseguira soltar a mão. O general de fato reapareceu; mas a marquesa se enganara, fora trazido por uma preocupação pessoal.

— Pode emprestar-me um fular? O tolo do Charles deixou-me sem um único lenço. Nos primeiros tempos de nosso casamento, você cuidava de minhas coisas com tanto zelo que me irritava. Ah! a lua de mel não durou muito para mim, nem

para minhas gravatas. Agora estou entregue ao braço secular dessa gente que, toda, ri de mim.

— Pronto, aqui está um fular. Você não passou pela sala?

— Não.

— Talvez tivesse encontrado lorde Grenville.

— Ele está em Paris?

— Aparentemente.

— Ah, vou até lá ver o bom doutor.

— Ele deve ter ido embora — exclamou Julie.

Naquele momento o marquês se encontrava no meio do quarto da mulher e colocava o fular, olhando-se com complacência no espelho.

— Não sei onde estão nossos empregados — disse. — Já toquei a campainha três vezes para chamar Charles, e ele não apareceu. A senhora também está sem camareira. Chame-a, gostaria de mais um cobertor na cama hoje à noite.

— Pauline saiu — respondeu a marquesa secamente.

— À meia-noite! — disse o general.

— Dei-lhe autorização para ir à Ópera.

— Isso é bem estranho — tornou o marido, despindo-se —, acreditei vê-la subindo a escada.

— Decerto já voltou — disse Julie fingindo impaciência.

Para não despertar nenhuma suspeita no marido, a marquesa puxou o cordão da campainha, mas sem força.

Não se sabe com detalhes o que aconteceu naquela noite; mas tudo deve ter sido tão simples e horrível quanto os vulgares incidentes domésticos precedentes. No dia seguinte, a marquesa d'Aiglemont caiu de cama por vários dias.

— O que aconteceu afinal de tão extraordinário em sua casa para que todos falem de sua mulher? — perguntou o senhor de Ronquerolles ao senhor d'Aiglemont alguns dias após aquela noite de catástrofes.

— Faça o que lhe digo, não se case nunca — disse d'Aiglemont. — Pegou fogo nas cortinas do leito de Hélène; minha mulher ficou tão nervosa que ei-la doente por um ano, disse o médico. Desposamos uma mulher bonita, ela fica feia; desposamos uma moça cheia de saúde, ela fica fraca; achamos que é apaixonada, é fria; ou, aparentemente fria, ela é de fato tão apaixonada que nos mata ou desonra. Ora a criatura mais doce é caprichosa, e jamais as caprichosas se tornam doces; ora acreditávamos que era tola e fraca, e joga sobre nós uma vontade de ferro, um espírito de demônio. Estou cansado do casamento.

— Ou de sua mulher.

— Difícil. A propósito, quer vir comigo a Saint-Thomas d'Aquin, ao enterro de

lorde Grenville?

— Que passatempo estranho! Mas — retomou Ronquerolles —, afinal, sabe-se de que morreu?

— Seu camareiro diz que ficou uma noite inteira ao relento, agarrado a uma janela para salvar a honra da amante; e fez um frio dos diabos nos últimos dias.

— Essa dedicação seria bem estimável em nós, veteranos; mas lorde Grenville é jovem e... inglês. Esses ingleses sempre querem ser diferentes.

— Bah! — respondeu d'Aiglemont — esses arroubos de heroísmo dependem da mulher que os inspira, e com certeza não foi pela minha que Arthur morreu!

Sofrimentos Desconhecidos

Entre o riozinho Loing e o Sena, estende-se uma vasta planície limitada pela floresta de Fontainebleau, pelas cidades de Moret, de Nemours e de Montereau. Essa região árida só oferece à vista alguns raros montículos; às vezes, no meio dos campos, alguns quadrados de madeira que servem de refúgio à caça; além disso, por toda parte, as linhas infinitas, cinzentas ou amareladas, próprias dos horizontes da Sologne, da Beauce e do Berri.

Em meio a essa planície, entre Moret e Montereau, o viajante avista um velho castelo chamado Saint-Lange, a cujos arredores não faltam grandeza ou encanto. São magníficas avenidas de olmos, fossos, altos muros, jardins imensos, e as vastas edificações senhoriais que, para serem construídas, usaram os lucros de impostos ilegais, de impostos sobre a terra, de peculatos autorizados e das grandes fortunas aristocráticas hoje destruídas pelo martelo do Código Civil. Se algum artista ou sonhador se perdesse por acaso nos caminhos de veredas profundas ou nas terras argilosas que defendem a abordagem da região, perguntar-se-ia por que capricho aquele castelo poético foi lançado naquela savana de trigo, naquele deserto de greda, de marga ou areia, onde a alegria morre, onde infalivelmente nasce a tristeza, onde a alma se cansa todo o tempo com uma solidão sem voz, com um horizonte monótono, com belezas negativas, mas favoráveis aos sofrimentos que não querem consolo.

Uma jovem senhora, famosa em Paris por sua graça, pela sua aparência e espírito, e cuja posição social, cuja fortuna harmonizavam-se com sua elevada celebridade, foi, para grande pasmo da aldeiazinha, situada a cerca de uma milha de Saint-Lange, ali se estabelecer por volta do final do ano de 1820. Os rendeiros e camponeses não viam senhores no castelo desde tempos imemoriais. Embora produzindo consideravelmente, a terra fora abandonada aos cuidados de um administrador e era guardada por antigos servidores. Por isso, a viagem da senhora marquesa provocou certa comoção nas proximidades.

Muitas pessoas haviam se reunido na extremidade da aldeia, no pátio de um albergue feio, no entroncamento das estradas de Nemours e Moret, para ver passar uma caleça que rodava devagar, pois a marquesa viera de Paris com seus cavalos. À frente do veículo, a camareira carregava no colo uma menininha mais pensativa do que risonha. A mãe jazia no fundo, como um moribundo enviado ao campo pelos

médicos. A fisionomia abatida da jovem mulher delicada satisfez bem pouco aos políticos da aldeia, aos quais sua chegada a Saint-Lange fizera conceber a esperança de algum movimento na comuna. Com certeza, qualquer espécie de movimento era visivelmente antipático àquela mulher cheia de dor.

A melhor cabeça da aldeia de Saint-Lange declarou à noite no bar, no salão onde os notáveis bebiam, que, pela tristeza nos traços da senhora marquesa, ela devia estar arruinada. Na ausência do senhor marquês, designado pelos jornais como devendo acompanhar o duque de Angoulême à Espanha, ela viera economizar em Saint-Lange as somas necessárias à quitação das diferenças devidas em virtude de especulações erradas na Bolsa. O marquês era um dos maiores especuladores. Talvez a terra fosse vendida em pequenos lotes. Então surgiriam bons negócios. Todos deveriam contar seus escudos, tirá-los de seus esconderijos, calcular seus recursos, a fim de obter seu quinhão na partilha de Saint-Lange.

Esse futuro pareceu tão bom, que cada notável, impaciente por saber se tinha fundamento, pensou nas maneiras de conhecer a verdade por meio das pessoas do castelo; mas nenhum deles conseguiu esclarecer a catástrofe que trazia a senhora, no começo do inverno, para seu velho castelo de Saint-Lange, quando possuía outras terras famosas pela aparência alegre e beleza dos jardins. O senhor prefeito foi apresentar suas homenagens à marquesa, mas não foi recebido. Após o prefeito, apresentou-se o administrador sem maior êxito.

A senhora marquesa só saía do quarto para que pudessem arrumá-lo e, enquanto isso, permanecia em uma pequena sala vizinha, onde almoçava, se é que se pode chamar de almoçar sentar-se diante de uma mesa, olhar as iguarias com nojo e comer a dose precisamente necessária para não morrer de fome. Em seguida, voltava de imediato à poltrona antiga, onde, desde a manhã, sentava-se diante da única janela que iluminava seu quarto. Só via a filha durante os poucos instantes de sua triste refeição e, ainda assim, parecia suportá-la com dificuldade. Não seriam necessárias dores inauditas para calar em uma jovem mulher o sentimento materno? Nenhum dos empregados tinha acesso a ela. Sua camareira era a única pessoa cujos serviços lhe agradavam. Exigia um silêncio absoluto no castelo, a filha tinha de ir brincar longe dela. Era-lhe tão difícil suportar o menor ruído quanto qualquer voz humana, mesmo a de sua filha a afetava desagradavelmente. As pessoas da região falaram muito dessas singularidades; depois de terem feito todas as suposições possíveis, nem as aldeiazinhas ao redor, nem os camponeses tornaram a pensar naquela mulher doente.

Abandonada à própria sorte, a marquesa pôde permanecer portanto completamente silenciosa em meio ao silêncio que estabelecera a seu redor e não teve nenhuma oportunidade de sair do quarto coberto de tapeçarias onde morrera

sua sogra, e onde viera morrer suavemente, sem testemunhas, sem incômodos, sem ter de sofrer as falsas preocupações dos egoísmos dissimulados de afeição que, nas cidades, proporcionam uma dupla agonia aos moribundos. Aquela mulher tinha vinte e seis anos. Nessa idade, uma alma ainda cheia de ilusões poéticas gosta de saborear a morte quando esta lhe parece fazer bem. A morte, porém, é faceira para os jovens; para eles, avança e recua, mostra-se e esconde-se; sua lentidão os desencanta dela, e a incerteza que o dia seguinte lhes provoca acaba por jogá-los de volta no mundo, onde encontrarão a dor que, mais impiedosa que a morte, irá atingi-los sem se deixar alcançar. Ora, essa mulher que se recusava a viver, iria experimentar a amargura desses atrasos no fundo de sua solidão, e ali fazer, em uma agonia moral que a morte não terminaria, um terrível aprendizado de egoísmo que lhe defloraria o coração e o moldaria para o mundo.

Esse ensino cruel e triste é sempre o fruto de nossas primeiras dores. Pela primeira e única vez em sua vida, talvez a marquesa estivesse sofrendo de fato. Na verdade, não seria um erro acreditar que os sentimentos se reproduzem? Uma vez desabrochados, não permanecem sempre no fundo do coração? Ali se acalmam e ali despertam dependendo dos acidentes da vida; mas ali permanecem, e sua estada modifica necessariamente a alma. Assim, todo sentimento só teria um grande dia, o dia mais ou menos longo de sua primeira tempestade. Assim, a dor, o mais constante de nossos sentimentos, só estaria viva em sua primeira erupção; e seus outros golpes iriam se enfraquecendo, seja por nos acostumarmos a suas crises, seja por uma lei de nossa natureza que, para se manter viva, opõe a essa força destrutiva uma força igual, mas inerte, presa nos cálculos do egoísmo. Porém, entre todos os sofrimentos, a qual pertencerá esse nome de dor? A perda dos pais é um pesar para o qual a natureza preparou os homens; o mal físico é passageiro, não envolve a alma; e, se persiste, deixa de ser um mal, é a morte. Se uma jovem mulher perde um recém-nascido, logo o amor conjugal lhe proporciona um sucessor. Também essa aflição é passageira. Enfim, esses pesares e muitos outros semelhantes são, de certa forma, golpes, feridas; mas nenhum afeta a vitalidade em sua essência, e teriam de se suceder de forma singular para matar o sentimento que nos leva a buscar a felicidade. A dor grande, verdadeira, seria portanto um mal bastante assassino para abranger o passado, o presente e o futuro, não deixar íntegra nenhuma parte da vida, desnaturar de uma vez por todas o pensamento, inscrever-se inalteravelmente nos lábios e na fronte, quebrantar ou afrouxar as molas do prazer, colocando na alma um princípio de nojo por qualquer coisa desse mundo. Ainda, para ser imenso, para pesar dessa maneira sobre a alma e o corpo, o mal deveria acontecer em um momento da vida em que todas as forças da alma e do corpo são jovens e fulminar um coração bem vivo. O mal provoca então uma grande chaga; grande é o sofrimento, e ninguém consegue

sair dessa doença sem alguma mudança poética: ou toma o caminho do céu, ou, se permanecer aqui embaixo, entra na sociedade para mentir à sociedade, para nela desempenhar um papel; conhece a partir de então os bastidores para onde nos retiramos para calcular, chorar, brincar. Após essa crise solene, não existe mais mistério na vida social que, a partir daí, é julgada irrevogavelmente. Entre as jovens mulheres com a idade da marquesa, essa primeira dor, a mais pungente de todas, é sempre causada pelo mesmo fato. A mulher, e sobretudo a jovem mulher, por maior que seja pela alma e beleza, jamais deixa de colocar sua vida onde a natureza, o sentimento e a sociedade a levam a jogar-se por inteiro. Se essa vida lhe falta e se permanece na terra, aqui experimenta os sofrimentos mais cruéis pelos motivos que tornam o primeiro amor o mais belo de todos os sentimentos. Por que essa infelicidade jamais teve pintor ou poeta? Mas será que pode ser pintada, cantada? Não, a natureza das dores que gera recusa-se à análise e à cor da arte. Além disso, jamais esses sofrimentos são confiados; para deles consolar uma mulher, deve-se saber adivinhá-los; pois, sempre amargamente abraçados e sentidos religiosamente, permanecem na alma como uma avalanche que, caindo em um vale, ali degrada tudo antes de encontrar um lugar para si.

A marquesa era então presa desses sofrimentos que por muito tempo permanecerão desconhecidos, porque tudo na sociedade os condena; enquanto o sentimento os acalenta e a consciência de uma mulher verdadeira sempre os justifica para si. Essas dores são como as das crianças infalivelmente rejeitadas pela vida e que permanecem no coração das mães graças a laços mais fortes do que com os filhos bem dotados. Talvez jamais essa catástrofe terrível que mata tudo o que existe de vida fora de nós tenha sido tão viva, tão completa, tão cruelmente aumentada pelas circunstâncias quanto no caso da marquesa. Um homem amado, jovem e generoso, cujos desejos ela jamais satisfizera para obedecer às leis da sociedade, morrera para salvar o que a sociedade chama de *honra de uma mulher*. A quem poderia dizer: estou sofrendo! Suas lágrimas ofenderiam seu marido, causa principal da catástrofe. As leis, os costumes proscreviam seus lamentos; uma amiga iria usufruí-los, um homem iria especulá-los. Não, essa pobre aflita só poderia chorar à vontade em um deserto, em um deserto devorar seu sofrimento ou ser devorada por ele, morrer ou matar algo nela, talvez sua consciência.

Havia alguns dias, permanecia os olhos fixos em um horizonte plano, onde, como em sua vida futura, nada havia a procurar, a esperar, onde tudo se abarcava com um único olhar, e onde encontrava as imagens da fria desolação que lhe rasgava todo o tempo o coração. Nas manhãs de nevoeiro, um céu debilmente iluminado, as nuvens correndo perto da terra sob uma cobertura acinzentada convinham às fases de sua doença moral. Seu coração não se apertava, não fenecera mais ou menos; não, sua

natureza fresca e florida petrificava-se pela ação lenta de uma dor intolerável porque sem objetivo. Sofria por meio dela e para ela. Sofrer assim não é entrar no egoísmo? Por isso, pensamentos horríveis atravessavam-lhe a consciência, ferindo-a. Ela questionava-se com boa-fé e encontrava-se dividida. Nela havia uma mulher que raciocinava e uma mulher que sentia, uma mulher que sofria e uma mulher que não queria mais sofrer. Voltava às alegrias de sua infância, que transcorrera sem que dela usufruísse a felicidade e cujas imagens límpidas retornavam em profusão, como que para acusá-la das decepções de um casamento conveniente aos olhos da sociedade, horrível na realidade. De que lhe haviam servido os belos pudores de sua juventude, seus prazeres reprimidos e os sacrifícios feitos ao mundo? Embora tudo nela exprimisse e esperasse o amor, perguntava-se por que agora a harmonia de seus movimentos, seu sorriso e sua graça? Não gostava mais de se sentir viçosa e cheia de volúpia do que se gosta de um som repetido sem objetivo. Sua beleza era-lhe insuportável, como uma coisa inútil. Entrevia com horror que a partir de agora não poderia mais ser uma criatura completa. Seu eu interior não perdera a faculdade de usufruir as impressões nesse delicioso novo que tanta satisfação proporciona à vida? No futuro, a maioria de suas sensações muitas vezes iriam se apagar assim que percebidas, e muitas das que outrora a comoveriam iriam-se tornar indiferentes. Após a infância da criatura, vem a infância do coração. Ora, seu amado levava para o túmulo essa segunda infância. Ainda jovem pelos seus desejos, já não tinha mais essa juventude completa de alma que dá a tudo na vida valor e sabor. Não conservaria em si um princípio de tristeza, de desconfiança que arrebataria o frescor súbito de suas emoções, seu arrebatamento? Pois nada poderia mais lhe devolver a felicidade que ela esperara, que ela sonhara ser tão bela. Suas primeiras lágrimas verdadeiras apagavam o fogo celeste que ilumina as primeiras emoções do coração, ela sempre padeceria por não ser o que poderia ter sido. Dessa crença deve proceder o desgosto amargo que leva a virar a cabeça quando o prazer se apresenta de novo. Ela julgava a vida como um velho que está prestes a abandoná-la. Embora se sentisse jovem, a massa de seus dias sem prazeres caía-lhe sobre a alma, esmagava-a e a envelhecia antes do tempo. Perguntava ao mundo por um grito de desespero o que ele lhe dava em troca do amor que a ajudara a viver e que perdera. Questionava-se se, em seu amor desaparecido, tão casto e puro, o pensamento não fora mais criminoso do que a ação. Ela assumia toda a culpa para insultar a sociedade e para se consolar por não ter tido com aquele que chorava a comunicação perfeita, que, sobrepondo as almas uma à outra, reduz a dor da que fica pela certeza de ter usufruído por inteiro a felicidade, de ter sabido dá-la e de conservar em si uma marca daquele que não está mais na terra. Estava insatisfeita como uma atriz que não se saíra bem em seu papel, pois aquela dor lhe atacava todas as fibras, o coração e a cabeça. Se a natureza estava

esmagada em seus desejos mais íntimos, a vaidade não estava menos ferida que a bondade que leva a mulher a se sacrificar. Além disso, levantando todas as questões, remexendo em todos os impulsos das diversas existências que nos são concedidas pelas naturezas social, moral e física, ela liberava tanto as forças da alma, que, em meio às reflexões mais contraditórias, nada conseguia captar. Por isso, às vezes, quando a névoa caía, abria a janela, e ali permanecia sem pensar, ocupada em respirar maquinalmente o odor úmido e terroso espalhado no ar, em pé, imóvel, aparentemente idiotizada, pois os zumbidos de sua dor a tornavam igualmente surda às harmonias da natureza e aos encantos do pensamento.

Um dia, por volta do meio-dia, momento em que o sol clareara o tempo, sua camareira entrou sem pedir licença e disse-lhe:

— É a quarta vez que o senhor cura vem para visitar a senhora marquesa; e hoje insiste tanto que não sabemos mais o que responder.

— Com certeza, quer algum dinheiro para os pobres da comuna; pegue vinte e cinco luíses e entregue a ele de minha parte.

— Senhora — disse a camareira voltando um momento depois —, o senhor cura recusa o dinheiro e deseja lhe falar.

— Que venha, então! — respondeu a marquesa, deixando escapar um gesto mal-humorado, que prognosticava triste recepção ao sacerdote cujas perseguições provavelmente queria evitar por uma explicação curta e franca.

A marquesa perdera a mãe muito cedo, e sua educação fora naturalmente influenciada pela negligência que, durante a Revolução, afrouxara os laços religiosos na França. A devoção é uma virtude feminina que só as mulheres transmitem bem uma a outra, e a marquesa era uma criança do século XVIII, cujas crenças filosóficas eram as de seu pai. Não praticava a religião. Para ela, um sacerdote era um funcionário público que lhe parecia de utilidade contestável. Na situação em que se encontrava, a voz da religião só poderia envenenar seus males. Além disso, pouco acreditava nos curas de aldeia, ou em sua cultura; resolveu então colocar aquele em seu lugar, sem rispidez, e dele se livrar à maneira dos ricos, com alguma boa ação. O cura entrou, e seu aspecto não mudou as ideias da marquesa. Viu um homenzinho gordo, o ventre saliente, o rosto avermelhado, mas velho e enrugado, que fingia sorrir e sorria mal; seu crânio calvo, totalmente marcado por rugas transversais, tornava a cair em quarto de círculo sobre seu rosto e o diminuía; alguns cabelos brancos guarneciam a parte de baixo da cabeça acima da nuca e voltavam para a frente rumo às orelhas. No entanto, a fisionomia desse sacerdote fora a de um homem naturalmente alegre. Seus lábios grossos, seu nariz levemente arrebicado, seu queixo, que desaparecia em uma dobra de rugas, comprovavam um temperamento feliz. A marquesa a princípio só viu os traços principais; porém, à primeira palavra

que o sacerdote lhe disse, ficou impressionada com a doçura da voz; fitou-o mais atentamente e percebeu sob suas sobrancelhas grisalhas olhos que haviam chorado; além disso, o contorno de sua face, vista de perfil, proporcionava à cabeça uma expressão de dor tão augusta que a marquesa encontrou um homem naquele cura.

— Senhora marquesa, os ricos só nos pertencem quando estão sofrendo; e os sofrimentos de uma mulher casada, jovem, bela, rica, que não perdeu filhos ou pais, adivinha-se que sejam provocados por mágoas cujos arrebatamentos só podem ser suavizados pela religião. Sua alma está em perigo, senhora. Não estou lhe falando nesse momento da outra vida que a espera. Não, não estou no confessional. Mas não é o dever de minha vida esclarecê-la sobre o futuro de sua existência social? Perdoe portanto um velho pelo incômodo cujo objeto é sua felicidade.

— A felicidade, senhor, não mais existe para mim. Logo pertencerei ao senhor, como está dizendo, mas para sempre.

— Não, senhora, não vai morrer da dor que a oprime e se expressa em seu rosto. Se tivesse de morrer disso, não estaria em Saint-Lange. Perecemos menos pelos efeitos de uma decepção certa do que pelos das esperanças frustradas. Conheci dores mais terríveis e intoleráveis que não levaram à morte.

A marquesa demonstrou incredulidade.

— Senhora, conheço um homem cujo infortúnio foi tão grande que os seus pesares lhe pareceriam leves se comparados com os dele.

Quer porque a longa solidão começasse a lhe pesar, quer porque estivesse interessada pela perspectiva de poder derramar sobre um coração amigo seus pensamentos dolorosos, a jovem senhora fitou o cura com um ar interrogativo sobre o qual era impossível se enganar.

— Senhora — tornou o sacerdote —, esse homem era um pai para o qual, de uma família outrora grande, só restavam três filhos. Perdera sucessivamente seus pais, uma filha e a mulher, ambas muito amadas. Permanecia só, no fundo de uma província, em uma pequena propriedade onde fora por tanto tempo feliz. Seus três filhos estavam no exército, cada qual graduado proporcionalmente a seu tempo de serviço. Nos Cem Dias, o mais velho passou para a guarda e tornou-se coronel; o jovem era chefe de batalhão na artilharia, e o caçula era chefe de esquadrão dos dragões. Senhora, esses três rapazes amavam o pai tanto quanto eram amados por ele. Se conhecesse bem a indiferença dos jovens que, arrebatados por suas paixões, jamais têm tempo para as afeições da família, compreenderia de um só golpe a força de sua afeição por um pobre velho isolado que só vivia por meio deles e para eles. Não passava uma semana sem que recebesse carta de um de seus filhos. Nem por isso fora algum dia fraco diante deles, o que diminui o respeito dos filhos; nunca fora severo injustamente, o que os oprime; nem avaro de sacrifícios, o que os afasta. Não,

fora mais que um pai, tornara-se irmão, amigo deles. Finalmente, foi despedir-se deles em Paris quando partiram para a Bélgica; queria ver se tinham bons cavalos, se não lhes faltava nada. Foram embora, e o pai voltou para casa. Começa a guerra, recebe cartas escritas de Fleurus, de Ligny, tudo corria bem. Trava-se a batalha de Waterloo, cujo desfecho a senhora bem conhece. De repente, a França inteira vestiu-se de luto. Todas as famílias imergiram na mais profunda ansiedade. Ele, a senhora compreende, esperava; não tinha nem trégua nem repouso. Lia os jornais, todos os dias ia ele mesmo ao correio. Um dia, anunciam-lhe o criado de seu filho, o coronel. Vê o homem montado no cavalo de seu amo, nem teve de fazer perguntas; o coronel estava morto, partido em dois por uma bala. Por volta do final da tarde, chega o criado do caçula a pé; o mais jovem morrerá no dia seguinte à batalha. Finalmente, à meia-noite, um artilheiro veio anunciar-lhe a morte do último filho, sobre o qual, em tão pouco tempo, o pai colocara toda a vida. Sim, senhora, todos haviam caído!

Após uma pausa, o sacerdote, vencidas suas emoções, acrescentou estas palavras, com voz suave:

— E o pai continuou vivo, senhora. Compreendeu que, se Deus o deixava na Terra, deveria continuar suportando-a, e a suporta; mas lançou-se na religião. O que mais poderia fazer?

A marquesa ergueu os olhos para fixá-los no cura, que se tornara sublime de tristeza e resignação, e esperou essas palavras, que lhe arrancaram lágrimas:

— Sacerdote, senhora; ele foi consagrado pelas lágrimas antes de ser consagrado ao pé do altar.

Por um momento, reinou o silêncio. A marquesa e o cura olharam pela janela o horizonte brumoso, como se ali pudessem ver os que não se encontravam mais na Terra.

— Não sacerdote em uma cidade, mas simples cura — tornou.

— Em Saint-Lange — disse ela, enxugando os olhos.

— Sim, senhora.

Nunca a majestade da dor mostrara-se maior a Julie; e esse *sim, senhora*, caía-lhe direto no coração como o peso de uma dor infinita. A voz que ressoava suavemente nos ouvidos remexia-lhe as entranhas. Ah, era de fato a voz da desgraça, a voz plena, grave, que parece carregar fluidos penetrantes.

— Senhor — disse quase respeitosamente a marquesa —, e se não morrer, o que será de mim?

— Senhora, não tem uma filha?

— Tenho — disse com frieza.

O cura lançou sobre aquela mulher olhar semelhante ao que um médico lança sobre um doente em perigo de vida e resolveu fazer todos os esforços para disputá-la

com o gênio do mal que já estendia a mão sobre ela.

— A senhora está vendo, devemos conviver com nossas dores, e só a religião nos oferece consolo verdadeiro. Será que me permite voltar para que lhe fale com a voz de um homem que sabe compadecer-se de todos os sofrimentos e que, acredito, nada tem que amedronte?

— Claro, senhor, venha. Agradeço-lhe por ter pensado em mim.

— Então, senhora, até breve.

Essa visita apaziguou, por assim dizer, a alma da marquesa, cujas forças haviam sido excitadas com demasiada violência pelo pesar e pela solidão. O sacerdote deixou-lhe no coração um perfume balsâmico e o ressoar saudável das palavras religiosas. Além disso, sentiu a espécie de satisfação que alegra o prisioneiro quando, após ter reconhecido a profundidade da solidão e o peso das correntes, conhece o vizinho que bate na parede fazendo-lhe devolver o som pelo qual se exprimem pensamentos comuns. Tinha um confidente inesperado. Mas logo tornou a cair em suas contemplações amargas e, como o prisioneiro, disse a si mesma que um companheiro de dor não aliviaria suas amarras, nem seu futuro. Em sua primeira visita, o cura não quisera intimidar demais uma dor completamente egoísta; esperava, porém, com sua arte, poder fazer a religião progredir em uma segunda conversa. Dois dias depois, tornou a aparecer, e a recepção da marquesa provou-lhe que sua visita era desejada.

— Então, senhora marquesa — disse o velho senhor —, pensou um pouco na massa de sofrimentos humanos? Ergueu os olhos para o céu? Viu a imensidão de mundos que, diminuindo nossa importância, esmagando nossas vaidades, reduz nossas dores?

— Não, senhor — disse. — As leis sociais pesam demais em meu coração e dilaceram-no com vivacidade demais para que eu consiga me erguer ao céu. Mas talvez as leis não sejam tão cruéis quanto os usos da sociedade. Ah, a sociedade!

— Devemos obedecer a ambos, senhora: a lei é a palavra, e os usos, as ações da sociedade.

— Obedecer à sociedade? — tornou a marquesa, deixando escapar um gesto de horror. — Ah, senhor, todos os nossos males dela provêm. Deus não fez uma única lei de infelicidade; mas, ao se reunirem, os homens deformaram sua obra. Nós, mulheres, somos mais maltratadas pela civilização do que seríamos pela natureza. A natureza nos impõe dores físicas que os homens não suavizaram, e a civilização desenvolveu sentimentos que os homens traem o tempo todo. A natureza sufoca os seres frágeis, os senhores os condenam a viver para entregá-los a uma infelicidade constante. O casamento, instituição na qual hoje se baseia a sociedade, faz com que sintamos sozinhas todo o seu peso: para o homem, a liberdade; para a mulher,

deveres. Devemos aos senhores toda a nossa vida, os senhores só nos devem a sua em raros instantes. Finalmente, o homem faz uma opção a que nos submetemos cegamente. Oh, ao senhor posso dizer tudo. Bem, o casamento, tal como é praticado hoje, parece-me uma prostituição legal. Daí provêm meus sofrimentos. Mas só eu, entre as criaturas infelizes tão fatalmente acasaladas, devo me calar! Só eu sou autora do mal, quis meu casamento.

Ela parou, derramou lágrimas amargas e permaneceu em silêncio.

— Nessa miséria profunda, em meio a esse oceano de dor — retomou —, encontrei areias onde pisar, onde sofria à vontade; um furacão levou tudo embora. Aqui estou só, sem apoio, fraca demais contra as tempestades.

— Jamais somos fracos quando Deus está conosco — disse o sacerdote. Além disso, se não tem uma afeição para satisfazer aqui embaixo, não tem deveres a cumprir?

— Sempre os deveres! — exclamou a jovem senhora, com uma espécie de impaciência. — Mas onde estão para mim os sentimentos que nos dão a força para cumpri-los? Senhor, nada mais, nada menos, é uma das leis mais justas da natureza, tanto moral quanto física. O senhor pretenderia que essas árvores produzissem folhagem sem a seiva que as faz desabrochar? A alma também tem sua seiva! Em mim, a seiva secou na fonte.

— Não vou lhe falar dos sentimentos religiosos que geram a resignação — disse o cura. — Mas a maternidade, senhora, não é?...

— Pare, senhor! — disse a marquesa. — Serei verdadeira para com o senhor. Não posso ser com ninguém, estou condenada à falsidade. A sociedade exige trejeitos o tempo todo e, sob pena de opróbrio, ordena-nos obedecer a suas convenções. Existem duas maternidades, senhor. Outrora ignorava tais distinções; hoje, estou consciente delas. Só sou mãe pela metade, seria melhor não ser absolutamente. Hélène não é *dele* ! Oh, não estremeça! Saint-Lange é um abismo onde foram devorados muitos sentimentos falsos, de onde surgiram clarões sinistros, onde ruíram os frágeis edifícios das leis antinaturais. Tenho uma filha, basta; sou mãe, assim quer a lei. Mas o senhor, que tem uma alma tão misericordiosa, talvez compreenda os clamores de uma pobre mulher que não deixou penetrar no coração nenhum sentimento enganoso. Deus vai me julgar, mas acho que não estou desobedecendo às suas leis cedendo às afeições que ele colocou em minha alma, e é isso que nela encontrei. Uma criança, senhor, não é a imagem de dois seres, o fruto de dois sentimentos confundidos com liberdade? Se ela não se prende a todas as fibras do corpo, como a todas as ternuras do coração, se não lembra amores deliciosos, os períodos, os lugares onde esses dois seres foram felizes, e sua linguagem, plena de música humana, e suas ideias suaves, essa criança é uma criação

fracassada. Sim, para eles deve ser uma miniatura encantadora onde se encontram os poemas de sua dupla vida secreta; deve oferecer-lhes uma fonte de emoções fecundas, ser ao mesmo tempo todo o seu passado, todo o seu futuro. Minha pobre pequena Hélène é filha de seu pai, filha do dever e do acaso; só encontra em mim o instinto da mulher, a lei que nos leva irresistivelmente a proteger a criatura nascida de nosso ventre. Sou irrepreensível do ponto de vista social. Não sacrifiquei a ela minha vida e minha felicidade? Seus gritos comovem minha entranhas; se ela caísse na água, me precipitaria para pegá-la. Mas não está em meu coração. Ah, o amor fez-me sonhar com uma maternidade maior, mais completa. Acalentei em um sonho que desvaneceu a criança que os desejos conceberam antes de ela ser gerada, enfim, essa flor deliciosa nascida na alma antes de nascer para a luz. Sou para Hélène o que, na ordem natural, uma mãe deve ser para a prole. Quando não precisar mais de mim, tudo terminará: apagada a causa, cessarão os efeitos. Se a mulher tem o adorável privilégio de estender sua maternidade sobre toda a vida de seu filho, não seria às radiações de sua concepção moral que seria preciso atribuir essa persistência divina do sentimento? Quando a criança não dispõe da alma da mãe como primeiro invólucro, a maternidade cessa então em seu coração, como entre os animais. Sinto que isso é verdade: à medida que minha pobre menininha cresce, meu coração se aperta. Os sacrifícios que fiz por ela já me afastaram de minha filha, enquanto, para um outro filho, sinto, meu coração seria inesgotável; para esse outro, nada teria sido sacrifício, tudo teria sido prazer. Aqui, senhor, a razão, a religião, tudo em mim se encontra sem força contra os sentimentos. Ela não tem razão em querer que morra a mulher que não é nem mãe, nem esposa, e que, para sua infelicidade, entreviu o amor em suas belezas infinitas, a maternidade em suas alegrias ilimitadas? O que será dela? Vou lhe dizer, eu, o que ela sente! Cem vezes durante o dia, cem vezes durante a noite, um arrepião abala minha cabeça, meu coração e meu corpo, quando alguma lembrança combatida com fraqueza demais me traz as imagens de uma felicidade que suponho maior do que é. Essas fantasias cruéis empalidecem meus sentimentos, e digo a mim mesma: — O que teria sido de minha vida *se...*?

Ela escondeu o rosto nas mãos e desfez-se em lágrimas.

— Eis o fundo de meu coração — continuou. — Um filho dele teria feito com que eu aceitasse as mais terríveis desgraças! O Deus que morreu carregado de todas as culpas da Terra vai me perdoar esses pensamentos para mim mortais; mas sei que a sociedade é implacável; para ela, minhas palavras são blasfêmias, um insulto a todas as suas leis. Ah, gostaria de combater essa sociedade para transformar suas leis e costumes, para quebrantá-las! Não feriu todas as minhas ideias, minhas fibras, meus sentimentos, meus desejos, minhas esperanças, no futuro, no presente, no passado? Para mim, o dia é cheio de trevas, o pensamento, um gládio, meu coração,

uma ferida, minha filha, uma negação. Sim, quando Hélène fala comigo, gostaria que tivesse outra voz; quando me olha, desejaria outros olhos para ela. Está aí para me atestar tudo o que deveria ser e que não é. É insuportável para mim! Sorrio para ela, trato de compensá-la pelos sentimentos que dela roubo. Estou sofrendo, oh, senhor, soffro demais para conseguir viver. E serei considerada uma mulher virtuosa! Não terei cometido delitos! E todos me honrarão! Combati o amor involuntário ao qual não devia ceder; mas, se conservei minha honra física, conservei meu coração? Isso — disse ela, apoiando a mão direita no peito — sempre foi de uma única criatura. Por isso minha filha não se engana. Existem olhares, uma voz, gestos de mãe cuja força modela a alma das crianças; e minha pobre menininha não sente meu braço vibrar, minha voz tremer, meus olhos enlanguescerem quando falo com ela ou a pego. Lança-me olhares de acusação que não consigo enfrentar! Às vezes, tenho medo de nela encontrar um tribunal onde serei condenada sem ser ouvida. Que o céu permita que o ódio não venha se instalar um dia entre nós! Meu Deus! Prefiro que me abra a sepultura, que me deixe acabar em Saint-Lange! Quero ir para o mundo onde vou encontrar minha alma, em que vou ser plenamente mãe! Oh, perdão, senhor, estou louca. Essas palavras me sufocavam, disse-as. Ah, o senhor também está chorando, não me desprezará. Hélène, Hélène, venha, minha filha, venha! — exclamou com uma espécie de desespero, ao ouvir a voz da filha voltando do passeio.

A menininha correu rindo e gritando; trazia uma borboleta que pegara; mas, ao ver a mãe banhada de lágrimas, calou-se, colocou-se a seu lado e beijou-lhe a testa.

— Vai ser muito bonita — disse o sacerdote.

— É igualzinha ao pai — respondeu a marquesa, abraçando a filha com expressão calorosa, como que para saldar uma dívida ou apagar um remorso.

— A senhora está quente, mamãe.

— Vá, deixe-nos, meu anjo — respondeu a marquesa.

A menina foi embora sem se queixar, sem olhar para a mãe, quase feliz por fugir de um rosto triste e já compreendendo que os sentimentos ali expressos lhe eram contrários. O sorriso é o apanágio, a língua, a expressão da maternidade. A marquesa não conseguia sorrir. Corou ao olhar para o sacerdote; ela esperara mostrar-se mãe, mas nem ela, nem a filha haviam conseguido mentir. De fato, os beijos de uma mulher sincera têm um mel divino que parece colocar na carícia uma alma, um fogo sutil, por meio dos quais se penetra no coração. Os beijos despojados dessa união saborosa são ásperos e secos. O sacerdote sentira a diferença: conseguiu ver revelado o abismo que se encontra entre a maternidade da carne e a maternidade do coração. Por isso, após lançar à mulher um olhar inquisidor, disse-lhe:

— A senhora tem razão, melhor seria que estivesse morta...

— Ah, estou vendo que compreende meus sofrimentos — respondeu ela —, pois o senhor, sacerdote cristão, adivinha e aprova as funestas resoluções que eles me inspiraram. Sim, quis me matar, mas faltou-me a coragem necessária para cumprir meu desígnio. Meu corpo foi covarde, quando minha alma estava forte e, quando minha mão não tremia, minha alma vacilava! Ignoro o segredo desses combates e dessas alternativas. Decerto sou de fato tristemente mulher, sem persistência na vontade, forte apenas para o amor. Desprezo-me! À noite, quando meus criados dormiam, ia ao laguinho do jardim, mas minha frágil natureza tinha horror da destruição. Confesso-lhe minhas fraquezas. Quando retornava ao leito, tinha vergonha de mim, voltava a sentir coragem. Em um desses momentos, tomei láudano; sofri, mas não estou morta. Acreditei ter bebido o frasco todo, mas havia parado no meio.

— A senhora está perdida — disse o cura com gravidade, a voz cheia de lágrimas.
— A senhora retornará à sociedade e enganará a sociedade; ali procurará e ali encontrará o que considera uma compensação para seus males; um dia, carregará o pesar de seus prazeres.

— Eu, entregar ao primeiro tolo que conseguir desempenhar o papel de apaixonado as últimas, as mais preciosas riquezas de meu coração e corromper minha vida por um momento de prazer duvidoso? — exclamou. — Não, minha alma será consumida por uma chama pura. Senhor, todos os homens têm os sentidos de seu sexo; mas não encontramos duas vezes em nossa existência aquele que tem também a sua alma e que assim satisfaz a todas as exigências de nossa natureza, cuja melodiosa harmonia só se comove sob a pressão dos sentimentos. Sei que meu futuro é horrível: a mulher nada é sem o amor, a beleza nada é sem o prazer; mas será que a sociedade não reprovava minha felicidade, caso ela tornasse a se apresentar a mim? Devo a minha filha uma mãe honrada. Ah, estou dentro de um círculo de ferro de onde não posso sair sem ignomínia. Os deveres de família, cumpridos sem recompensa, vão me entediar; amaldiçoarei a vida; mas pelo menos minha filha terá uma boa impressão da mãe. Vou dar-lhe os tesouros de virtude, para substituir os tesouros de afeição dos quais a privarei. Nem mesmo desejo viver para saborear as alegrias que a felicidade dos filhos proporcionam às mães. Não acredito na felicidade. Qual será o destino de Hélène? Com certeza o meu. De que meios as mães dispõem para garantir a suas filhas que o homem ao qual as entregam será um esposo de acordo com o coração delas? Os homens amaldiçoam as pobres criaturas que se vendem por alguns escudos a um estranho que passa, a fome e a necessidade absolvem essas uniões efêmeras, enquanto a sociedade tolera, estimula a união imediata, bem mais horrível, de uma moça cândida com um homem que ela não viu nem por três meses seguidos; ela é vendida por toda a vida. É verdade que o preço é

alto! Se, como não lhe permitem nenhuma compensação para suas dores, pelo menos as pessoas a honrassem; mas não, a sociedade calunia as mais virtuosas de nós! Este é nosso destino, visto sob seus dois aspectos: uma prostituição pública e a vergonha, uma prostituição secreta e a infelicidade. Quanto às pobres moças sem dote, ficam loucas, morrem; para elas, nenhuma piedade! A beleza, as virtudes não são valores em seu bazar humano, e os senhores chamam de sociedade esse ninho de egoísmo. Mas deserdem as mulheres! Pelo mesmo assim cumprirão uma lei da natureza escolhendo suas companheiras, desposando-as de acordo com os desejos do coração.

— Senhora, suas palavras provam-me que nem o espírito de família nem o espírito religioso a tocam. Por isso não hesitaria entre o egoísmo social que a fere e o egoísmo da criatura que vai fazê-la desejar prazeres...

— A família, senhor, existe? Nego a família em uma sociedade que, com a morte do pai e da mãe, divide os bens e em que cada um vai para o seu lado. A família é uma associação temporal e fortuita que a morte dissolve de imediato. Nossas leis quebraram as casas, as heranças, a perenidade dos exemplos e das tradições. Só vejo escombros ao meu redor.

— Senhora, só vai voltar a Deus quando a mão dele pesar sobre a senhora, e espero que tenha tempo suficiente para fazer as pazes com o Senhor. A senhora busca consolo baixando os olhos para a terra, em vez de erguê-los para o céu. O filosofismo e o interesse pessoal atacaram seu coração; a senhora está surda à voz da religião, como os filhos deste século sem crença! Os prazeres do mundo só geram sofrimento. A senhora vai mudar de dores, só isso.

— Vou fazer com que sua profecia seja desmentida — disse com amargura —, serei fiel àquele que morreu por mim.

— A dor — respondeu ele — só é viável nas almas preparadas pela religião.

Baixou os olhos com respeito para não revelar as dúvidas que poderiam surgir em seu olhar. A energia dos lamentos que escaparam à marquesa o haviam entristecido. Reconhecendo o *eu* humano sob suas mil formas, ficou desesperado por amolecer aquele coração que o mal dessecara em vez de enternecer e onde o grão do Semeador celeste não deveria germinar, pois sua voz suave ali estava sufocada pelo clamor grande e terrível do egoísmo. No entanto, utilizou a constância do apóstolo e retornou várias vezes, sempre movido pela esperança de devolver a Deus aquela alma tão nobre e orgulhosa; mas desanimou no dia em que percebeu que a marquesa só gostava de conversar com ele porque sentia alívio ao falar daquele que não estava mais entre os vivos. Não quis aviltar seu ministério tornando-se complacente com uma paixão; deixou de exortar e aos poucos tornou às fórmulas e aos lugares-comuns da conversa. Chegou a primavera. A marquesa encontrou distrações para sua tristeza

profunda, ocupando-se, por desfastio, de sua terra, onde lhe agradou ordenar alguns trabalhos. Em outubro, abandonou seu velho castelo de Saint-Lange, onde de novo se tornara viçosa e bela na ociosidade de uma dor que, a princípio violenta como um disco lançado com vigor, acabara por amortecer-se na melancolia, como o disco para após oscilações cada vez mais fracas. A melancolia é composta de uma série de oscilações morais semelhantes, a primeira roçando o desespero, a última o prazer: na juventude, é o crepúsculo da manhã; na velhice, o da noite.

Quando sua caleça passou pela aldeia, a marquesa recebeu os cumprimentos do cura que voltava da igreja a seu presbitério; mas, ao responder a eles, baixou os olhos e virou a cabeça para não tornar a vê-lo. O sacerdote tinha razão demais contra essa pobre Artemisa de Éfeso.

Aos Trinta Anos

Um jovem altamente promissor e que pertencia a uma das casas históricas cujos nomes sempre serão, a despeito até das leis, intimamente ligados à glória da França, encontrava-se no baile da senhora Firmiani. A dama dera-lhe algumas cartas de recomendação a duas ou três amigas suas em Nápoles. O senhor Charles de Vandenesse, assim chamava-se o jovem, viera agradecer-lhe e despedir-se. Após ter cumprido várias missões com talento, Vandenesse fora há pouco nomeado adido de um de nossos ministros plenipotenciários enviados ao congresso de Laybach e queria aproveitar a viagem para estudar a Itália. A festa era, portanto, uma espécie de adeus aos prazeres de Paris, a essa vida rápida, a esse turbilhão de pensamentos e prazeres que com bastante frequência se calunia, mas aos quais é tão agradável se abandonar.

Habituação há três anos a cumprimentar as capitais europeias e a desertá-las segundo os caprichos de seu destino diplomático, Charles de Vandenesse tinha, contudo, pouco a lamentar ao sair de Paris. As mulheres já haviam deixado de impressioná-lo, fosse porque considerava que uma paixão verdadeira ocuparia espaço demais na vida de um político, fosse porque as ocupações mesquinhas de uma galanteria superficial lhe parecessem demasiado vazias para uma alma forte. Todos temos grandes pretensões quanto à força da alma. Na França, nenhum homem, por mais medíocre que seja, aceita passar simplesmente por esquivo.

Assim, Charles, embora jovem (acabara de completar trinta anos), acostumara-se filosoficamente a ver ideias, resultados, meios, onde os homens de sua idade percebem sentimentos, prazeres e ilusões. Reprimia o calor e a exaltação natural dos jovens nas profundezas de sua alma, que a natureza fizera generosa. Trabalhava para se fazer frio e calculista; para transformar em atitudes, em formas amáveis, em artifícios de sedução, as riquezas morais que o acaso lhe proporcionara: tarefa efetivamente ambiciosa; papel triste, assumido com o objetivo de atingir o que hoje chamamos de *bela posição*. Dava uma última olhada nos salões em que se dançava. Antes de abandonar o baile, decerto queria carregar sua imagem, como um espectador não sai de seu camarote na Ópera sem contemplar o quadro final. Mas também, devido a uma fantasia fácil de compreender, o senhor de Vandenesse estudava a ação completamente francesa, o brilho e os rostos risonhos daquela festa parisiense, comparando-a em pensamento com as novas fisionomias, as cenas pitorescas que o aguardavam em Nápoles, onde pretendia passar alguns dias antes de

assumir seu posto. Parecia comparar a França, que tanto mudava e tão rapidamente se estudava, com um país cujos costumes e sítios só conhecia por rumores contraditórios, ou por livros, em geral malfeitos. Algumas reflexões bastante poéticas, mas hoje vulgares, passaram-lhe então pela cabeça, e responderam, talvez sem que percebesse, aos desejos secretos de seu coração, mais exigente do que insensível, mais desocupado do que fenecido.

— Aqui estão — pensava — as mulheres mais elegantes, mais ricas, com os títulos mais famosos de Paris. Aqui estão as celebridades do momento, celebridades da tribuna, das artes, da literatura: aqui, artistas, ali, homens de poder. E, contudo, só vejo pequenas intrigas, amores natimortos, sorrisos que nada dizem, desdêns sem motivos, olhares sem brilho, muito espírito, prodigalizado sem objetivo. Todos esses rostos brancos e róseos buscam menos o prazer do que as distrações. Nenhuma emoção é verdadeira. Se querem só penas bem colocadas, tecidos finos e frescos, belos trajes, mulheres frágeis; se, para os senhores, a vida não passa de uma superfície a roçar, esse é o seu mundo. Contentem-se com essas frases insignificantes, essas caretas encantadoras e não peçam sentimentos nos corações. Quanto a mim, tenho horror a essas intrigas banais que acabarão em casamentos, subprefeituras, receitas gerais, ou, quando se trata de amor, em arranjos secretos, de tanto que se tem vergonha de um simulacro de paixão. Não vejo um único desses rostos eloquentes anunciando uma alma abandonada a uma ideia ou a um remorso. Aqui, a nostalgia ou a infelicidade escondem-se, com vergonha, sob brincadeiras. Não vejo nenhuma mulher com quem gostaria de lutar, daquelas que o arrastam para um abismo. Onde encontrar energia em Paris? Um punhal é curiosidade que se pendura em um prego dourado e que se enfeita com bela bainha. Mulheres, ideias, sentimentos, tudo se assemelha. Aqui não existem mais paixões, pois as individualidades desapareceram. As categorias, os espíritos, as fortunas foram nivelados, e todos envergamos trajes negros como para nos mostrar de luto pela França morta. Não amamos nossos pares. Entre dois apaixonados, são necessárias diferenças para apagar, distâncias a eliminar. O encanto do amor desapareceu em 1789! Nosso tédio, nossos costumes insossos são o resultado do sistema político. Pelo menos na Itália, tudo está dividido. Lá as mulheres ainda são animais malvados, sereias perigosas sem motivo, sem qualquer outra lógica que não a de seus gostos, de seus apetites, dos quais é preciso desconfiar, como se desconfia dos tigres...

A senhora Firmiani veio interromper esse monólogo, no qual os mil pensamentos contraditórios, inacabados, confusos, são impossíveis de traduzir. O mérito de um devaneio reside por completo em sua vaguidão, não seria uma espécie de vapor intelectual?

— Gostaria de apresentá-lo a uma mulher que deseja muito conhecê-lo pelo que

ouviu falar do senhor — disse ela pegando-o pelo braço.

Conduziu-o para a sala vizinha, onde lhe mostrou com um gesto, um sorriso e um olhar realmente parisienses, uma mulher sentada junto à lareira.

— Quem é? — perguntou com energia o conde de Vandenesse.

— Uma mulher de quem com certeza o senhor já ouviu falar mais de uma vez por elogios ou maledicências, uma mulher que vive na solidão, um verdadeiro mistério.

— Se a senhora já foi clemente pelo menos uma vez em sua vida, por favor, qual é seu nome?

— É a marquesa d'Aiglemont.

— Vou tomar aulas com ela: soube transformar um marido bem medíocre em par de França, um homem nulo em capacidade política. Mas, diga-me, acha que o lorde Grenville morreu por ela, como algumas mulheres pretendem?

— Talvez. Desde aquela aventura, falsa ou verdadeira, a pobre mulher mudou muito. Ainda não frequenta a sociedade. É estranho, em Paris, uma constância de quatro anos. Se está aqui...

A senhora Firmiani calou-se; em seguida, acrescentou com um ar sutil:

— Estou me esquecendo de que devo ficar quieta. Vá conversar com ela.

Charles permaneceu imóvel por um momento, as costas levemente apoiadas no alizar da porta e completamente absorto no exame de uma mulher que se tornara célebre sem que ninguém pudesse explicar os motivos nos quais sua fama se baseava. A sociedade oferece muitas dessas anomalias curiosas. A reputação da senhora d'Aiglemont não era decerto mais extraordinária do que a de certos homens sempre trabalhando em uma obra desconhecida; estatísticos considerados sagazes a partir de cálculos que evitam publicar; políticos que vivem de um artigo de jornal; autores ou artistas cuja obra permanece guardada numa pasta; cientistas para aqueles que nada conhecem da ciência, como Sganarello é latinista para aqueles que não sabem latim; homens aos quais se atribui capacidade confessa a respeito de algo, seja a direção das artes ou uma missão importante. Essa frase admirável, *é uma especialidade*, parece ter sido criada para essas espécies acéfalas da política ou da literatura.

Charles permaneceu mais tempo do que gostaria contemplando e ficou insatisfeito por se preocupar tanto com uma mulher; mas também a presença daquela mulher refutava os pensamentos que um instante antes o jovem diplomata concebera com relação ao baile.

A marquesa, então com trinta anos, era bela, embora suas formas fossem frágeis e a delicadeza excessiva. Seu maior encanto provinha da fisionomia, cuja calma traía uma surpreendente profundidade de alma. Seus olhos cheios de brilho, mas que pareciam velados por um pensamento constante, acusavam uma vida febril e a resignação mais ampla. Suas pálpebras, quase sempre castamente baixadas para o

chão, raramente se erguiam. Se relanceava ao seu redor, fazia-o com um movimento triste, e parecia que reservava o ardor de seus olhos para contemplações ocultas. Por isso, todo homem superior sentia-se curiosamente atraído por essa mulher doce e silenciosa. Se o espírito tentava adivinhar os mistérios da perpétua reação que nela ocorria do presente rumo ao passado, da sociedade à solidão, a alma nem por isso ficava menos interessada em se iniciar nos segredos de um coração de certa maneira orgulhoso de seus sofrimentos.

Nela, nada, aliás, desmentia as ideias que inspirava à primeira vista. Como quase todas as mulheres que têm cabelos muito longos, era pálida e perfeitamente nítida. Sua pele, de uma finura prodigiosa, sintoma que raramente engana, anunciava verdadeira sensibilidade justificada pela natureza de seus traços que tinham aquele acabamento maravilhoso que os pintores chineses espalham em suas figuras fantásticas. Talvez seu pescoço fosse longo demais; mas esses tipos de pescoço são os mais graciosos e proporcionam às cabeças femininas vagas afinidades com as ondulações magnéticas da serpente. Se não existisse um único dos mil indícios por meio dos quais os temperamentos mais dissimulados se revelam ao observador, bastaria que ele examinasse com atenção os gestos da cabeça e as torções do pescoço, tão variadas, tão expressivas, para julgar uma mulher.

O modo como a senhora d'Aiglemont se arrumava harmonizava-se com o pensamento que dominava sua pessoa. As tranças espessas de sua cabeleira formavam sobre a cabeça uma coroa alta na qual não havia nenhum ornamento, pois ela parecia ter dito adeus para sempre ao rebuscamento da toalete. Por isso, jamais se surpreendiam nela esses pequenos cálculos faceiros que estragam muitas mulheres. No entanto, embora seu corpete fosse bem modesto, não escondia por inteiro a elegância do corpo. O luxo de seu vestido comprido consistia em um corte extremamente distinto; e, se for permitido formar ideias a partir do arranjo de um tecido, seria possível dizer que as muitas pregas simples do vestido transmitiam-lhe grande nobreza. Talvez, entretanto, a jovem senhora traísse as fraquezas indeléveis da mulher pelos cuidados minuciosos com as mãos e os pés; mas, apesar de mostrá-los com certo prazer, seria difícil para a rival mais maliciosa encontrar gestos afetados, tanto pareciam involuntários ou devidos a hábitos infantis. Esse resto de faceirice seria até desculpado por uma displicência graciosa. Essa massa de características, esse conjunto de pequenas coisas que fazem uma mulher feia ou bonita, atraente ou desagradável, só podem ser indicados sobretudo quando, como na senhora d'Aiglemont, a alma é a ligação de todos os detalhes e imprime-lhes uma unidade deliciosa. Daí seu porte combinar à perfeição com o caráter de seu rosto e de sua toalete. Somente a partir de certa idade algumas mulheres especiais sabem proporcionar sozinhas uma linguagem à sua atitude. Será a dor, será a felicidade que

proporciona à mulher de trinta anos, à mulher feliz ou infeliz, o segredo desse comedimento eloquente? Isso sempre será um enigma vivo que cada um interpreta de acordo com seus desejos, suas esperanças ou seus padrões. A maneira como a marquesa mantinha os dois cotovelos apoiados nos braços da poltrona e unia as extremidades dos dedos de cada mão parecendo brincar; a curvatura de seu pescoço, a displicência de seu corpo cansado, mas flexível, que parecia elegantemente quebrado na poltrona, o abandono das pernas, a indiferença da pose, os movimentos cheios de langor, tudo revelava uma mulher sem interesse pela vida, que não conheceu os prazeres do amor, mas sonhou com eles, e que se curva sob os fardos com os quais sua memória a oprime; uma mulher que há muito perdeu a esperança do futuro ou de si mesma; uma mulher desocupada, que confunde o vazio com o nada. Charles de Vandenesse admirou aquele magnífico quadro, mas como o produto de um *fazer* mais hábil do que o das mulheres comuns. Conhecia d'Aiglemont. Quando olhou pela primeira vez para aquela mulher que ainda não vira, o jovem diplomata reconheceu então as desproporções, as incompatibilidades — empreguemos o termo legal — fortes demais entre essas duas pessoas para que fosse possível à marquesa amar o marido. No entanto, a senhora d'Aiglemont revelava uma conduta irrepreensível, e sua virtude valorizava ainda mais todos os mistérios que um observador nela podia pressentir. Após seu primeiro movimento de surpresa ter passado, Vandenesse procurou a melhor maneira de abordar a senhora d'Aiglemont e, por um artifício de diplomacia bastante vulgar, propôs-se incomodá-la para saber como acolheria uma tolice.

— Senhora — disse, sentando-se ao seu lado —, uma feliz indiscrição revelou-me que, não sei por quê, tive a sorte de ser notado pela senhora. Devo-lhe ainda mais gratidão porque jamais fui objeto de semelhante favor. Por isso, a senhora será responsável por um de meus defeitos. Daqui por diante, não quero mais ser modesto...

— Fará mal — disse ela rindo —, deve-se deixar a vaidade para aqueles que nada mais têm a mostrar.

O jovem e a marquesa começaram a conversar; de acordo com os costumes, abordaram em um momento uma profusão de temas: pintura, música, literatura, política, homens, acontecimentos, coisas. Depois chegaram por uma vertente insensível ao assunto eterno das conversas francesas e estrangeiras, ao amor, aos sentimentos e às mulheres.

— Somos escravas.

— As senhoras são rainhas.

As frases mais ou menos espirituosas ditas por Charles e pela marquesa podiam reduzir-se a essa simples expressão de todos os discursos presentes e futuros sobre

esse tema. Essas duas frases não querem sempre dizer em determinado momento: — Ame-me. — Eu amá-lo-ei.

— A senhora — exclamou suavemente Charles de Vandenesse — faz com que eu lamentamente muito abandonar Paris. Provavelmente não encontrarei na Itália horas tão espirituosas como estas.

— Talvez venha a encontrar sua felicidade, senhor, preferível a todos os pensamentos brilhantes, falsos ou verdadeiros, que todas as noites são ditos em Paris.

Antes de se separar da marquesa, Charles obteve a autorização para ir apresentá-lhe suas despedidas. Ficou muito satisfeito por ter dado a seu pedido as formas da sinceridade, quando à noite, ao deitar-se, e no dia seguinte, durante todo o dia, foi-lhe impossível afugentar a lembrança daquela mulher. Ora se perguntava por que a marquesa o distinguira; quais poderiam ser suas intenções ao lhe pedir para vê-lo novamente; e fez comentários inesgotáveis. Ora acreditava descobrir os motivos dessa curiosidade: então embriagava-se de esperança, ou desanimava, de acordo com as interpretações pelas quais se explicava essa condescendência, tão vulgar em Paris. Ora era tudo, ora era nada. Finalmente, quis resistir à inclinação que o arrastava à senhora d'Aiglemont; mas foi à sua casa. Existem pensamentos aos quais obedecemos sem os conhecer: estão em nós sem que saibamos. Embora essa reflexão possa parecer mais paradoxal do que verdadeira, toda pessoa de boa-fé encontrará mil provas dela em sua vida. Ao ir à casa da marquesa, Charles obedecia a um desses impulsos preexistentes, dos quais nossa experiência e as conquistas de nosso espírito não passam, mais tarde, de desenvolvimentos sensíveis. Uma mulher de trinta anos tem encantos irresistíveis para um homem jovem; e nada é mais natural, mais fortemente urdido, mais preestabelecido que os vínculos profundos dos quais tantos exemplos nos são oferecidos no mundo entre uma mulher como a marquesa e um jovem como Vandenesse. De fato, uma moça tem ilusões demais, inexperiência demais, e o sexo é cúmplice demais de seu amor para que um homem jovem se sinta lisonjeado com isso; enquanto uma mulher conhece toda a extensão dos sacrifícios a serem feitos. Nesse ponto, em que uma é conduzida pela curiosidade, por sedução alheias às do amor, a outra obedece a um sentimento consciente. Uma cede, a outra escolhe. Essa escolha já não é um imenso elogio? Armada de saber que quase sempre custou muitos sofrimentos, ao se dar, a mulher experiente parece dar mais do que a si mesma, enquanto a moça, ignorante e crédula, nada sabendo, nada pode comparar, apreciar; aceita o amor e estuda-o. Uma nos ensina, nos aconselha numa idade em que gostamos de ser guiados, em que a obediência é um prazer; a outra quer aprender tudo e mostra-se ingênua onde a mulher experiente é terna. A primeira só apresenta ao homem um único triunfo, a última o obriga a combates perpétuos. A primeira é só lágrimas e prazer, a segunda, volúpias e remorso. Para que

uma moça domine, tem de ser corrompida demais e então a abandonamos com horror; enquanto uma mulher tem mil meios de conservar ao mesmo tempo poder e dignidade. Uma, submissa demais, oferece as seguranças tristes do repouso, a outra perde demais para não pedir ao amor suas mil metamorfoses. Uma desonra-se sozinha, a outra mata em proveito do homem uma família inteira. A moça só tem uma sedução e acredita ter dito tudo quando abandona suas roupas; mas a mulher tem várias e esconde-se sob mil véus; finalmente, acaricia todas as vaidades, a noviça só lisonjeia uma. O homem comove-se, aliás, com indecisões, terrores, temores, perturbações e tempestades na mulher de trinta anos, que jamais se encontram no amor de uma moça. Ao chegar a essa idade, a mulher pede a um jovem que lhe restitua o respeito que ela lhe sacrificou; vive apenas para ele, preocupa-se com sua vida, deseja-lhe uma bela vida, ordena-lhe que seja gloriosa; ela obedece, pede e manda, rebaixa-se ou ergue-se e sabe consolar em mil oportunidades, onde a moça só sabe gemer. Enfim, além de todas as vantagens de sua posição, a mulher de trinta anos pode transformar-se em mocinha, desempenhar todos os papéis, ser pudica e até se embelezar com a desgraça. Entre as duas encontra-se a diferença incomensurável entre o previsível e o imprevisto, a força e a fraqueza. A mulher de trinta anos a tudo satisfaz, e a moça, sob pena de não ser, a nada deve satisfazer. Essas ideias desenvolvem-se no coração de um jovem e nele compõem a mais forte das paixões, pois unem sentimentos fictícios criados pelos costumes aos sentimentos reais da natureza.

A atitude mais capital e decisiva na vida das mulheres é precisamente a que uma mulher sempre considera a mais insignificante. Casada, ela deixa de se pertencer, é a rainha e a escrava do lar. A santidade da mulher é inconciliável com os deveres e as liberdades da sociedade. Emancipar as mulheres é corrompê-las. Conceder a um estranho o direito de entrar no santuário do casal não é colocar-se à sua mercê? Mas uma mulher para lá atraí-lo não é um delito, ou, para ser mais exato, o início de um delito? Deve-se aceitar essa teoria em todo seu rigor ou absolver as paixões. Até o presente, na França, a sociedade conseguiu chegar a um *mezzo termine*: ela zomba das desgraças. Como os espartanos, que só castigavam a falta de jeito, parece admitir o roubo. Mas talvez esse sistema seja muito sensato. O desprezo geral constitui o mais terrível de todos os castigos, já que atinge a mulher no coração. As mulheres insistem e devem todas insistir em ser honradas, pois sem o respeito deixam de existir. Por isso, é o primeiro sentimento que pedem ao amor. A mais corrompida delas exige, antes de mais nada, uma absolvição para o passado, hipotecando o futuro, e trata de fazer seu amante compreender que está trocando as honras que o mundo irá lhe recusar por felicidades irresistíveis. Não existe mulher que, ao receber um jovem pela primeira vez em sua casa e ao se encontrar sozinha com ele, não

reflita sobre algumas dessas coisas. Do mesmo modo, poucos jovens deixam de fundamentar certos desejos secretos sobre uma das mil ideias que justificam seu amor inato pelas mulheres belas, inteligentes e infelizes, como era a senhora d'Aiglemont. Por isso, a marquesa, quando ouviu lhe anunciarem o senhor de Vandenesse, ficou perturbada; e ele quase teve vergonha, apesar da segurança, que nos diplomatas é de certa forma um hábito. A marquesa, porém, logo assumiu aquele ar afetuoso sob o qual as mulheres se protegem das interpretações da vaidade. Esse comedimento exclui qualquer segunda intenção e faz, por assim dizer, as vezes do sentimento, temperando-o com as formas da polidez. As mulheres se mantêm então o tempo que quiserem nessa posição equívoca, como em uma encruzilhada que pode levar igualmente ao respeito, à indiferença, à surpresa ou à paixão. Só aos trinta anos uma mulher conhece os recursos dessa situação. Sabe rir dela, brincar, enternecer-se sem se comprometer. Possui nessa fase o tato necessário para atingir todas as cordas sensíveis de um homem e para estudar os sons que delas tira. Seu silêncio é tão perigoso quanto a palavra. O homem jamais adivinha se, nessa idade, ela é fraca ou falsa, se está zombando, ou demonstra boa-fé em suas confissões. Após ter-lhe dado o direito de lutar com ela, de repente, por uma palavra, por um olhar, por um desses gestos cujo poder lhe é conhecido, ela encerra o combate, abandona-o e permanece senhora de seu segredo, livre para imolar o homem com uma brincadeira, livre para dele se ocupar, igualmente protegida pela fraqueza dela e pela força dele. Embora a marquesa tenha se colocado durante essa primeira visita em terreno neutro, soube conservar uma alta dignidade de mulher. Suas dores secretas continuaram planando sobre sua alegria falsa como uma nuvem leve que esconde imperfeitamente o sol. Vandenesse saiu após ter sentido nessa conversa deleites desconhecidos; mas permaneceu convencido de que a marquesa era daquelas mulheres cuja conquista custa caro demais para que se possa tentar amá-las.

— Seriam — disse ele, indo embora — sentimentos a perder de vista, uma correspondência de cansar um subalterno ambicioso! No entanto, se eu quisesse... — Esse fatal *se eu quisesse* já perdeu muitas vezes os obstinados. Na França, o amor-próprio leva à paixão. Charles voltou à casa da senhora d'Aiglemont e acreditou perceber que ela tinha prazer em sua conversa. Em vez de entregar-se ingenuamente à felicidade de amar, quis então desempenhar um papel duplo. Tentou parecer apaixonado e em seguida analisar com frieza o andamento da intriga, ser amante e diplomata; mas era jovem e generoso, esse exame deveria conduzi-lo a um amor ilimitado; porque, artificiosa ou natural, a marquesa continuava sendo mais forte do que ele. Toda vez que saía da casa da senhora d'Aiglemont, Charles persistia em sua desconfiança e submetia as situações progressivas pelas quais sua alma passava a uma análise severa, que matava suas próprias emoções.

— Hoje — disse a si mesmo, quando da terceira visita —, ela me deu a entender que era muito infeliz e solitária na vida, que, não fosse sua filha, desejaria ardentemente a morte. Sua resignação era perfeita. Ora, não sou seu irmão, nem seu confessor, por que me confiou seus pesares? Ela me ama.

Dois dias depois, ao partir, apostrofava os costumes modernos.

— O amor adquire o tom de cada século. Em 1822, é doutrinário. Em vez de provar-se, como em outros tempos, por fatos, é discutido, dissertamos sobre ele, o transformamos em discurso de tribuna. As mulheres estão reduzidas a seus três meios: primeiro, questionam nossa paixão, recusam-nos o poder de amar tanto quanto amam. Faceirice! A marquesa me propôs um verdadeiro desafio esta noite. Depois elas se fazem de muito infelizes para excitar nossas generosidades naturais ou nosso amor-próprio. Um jovem não se sente lisonjeado de consolar um grande infortúnio? Finalmente, têm a mania de virgindade! Ela deve ter pensado que a achava novinha em folha. Minha boa-fé pode-se tornar uma excelente especulação.

Um dia, porém, após ter esgotado seus pensamentos de desconfiança, perguntou-se se a marquesa era sincera, se tantos sofrimentos podiam ser simulados, por que fingia resignação? Ela vivia em profunda solidão e, em silêncio, devorava as dores que mal transpareciam em um tom mais ou menos reprimido de uma interjeição. A partir daquele momento, Charles ficou extremamente interessado pela senhora d'Aiglemont. No entanto, ao comparecer ao encontro habitual que se tornara necessário para ambos, hora reservada por um instinto mútuo, Vandenesse achou novamente sua amada mais hábil do que verdadeira, e sua última palavra foi: — Decididamente, essa mulher é muito hábil. — Entrou, viu a marquesa em sua atitude favorita, atitude plena de melancolia; ela ergueu os olhos para Vandenesse sem fazer um único movimento e lançou-lhe um daqueles olhares expressivos que se parecem com sorriso. A senhora d'Aiglemont exprimia confiança, amizade verdadeira, mas não amor. Charles sentou-se e nada conseguiu dizer. Estava comovido por uma dessas sensações para as quais falta linguagem.

— O que o senhor tem? — disse ela, a voz enternecida.

— Nada. Bem, sim — tornou —, estou pensando em uma coisa sobre a qual até agora não falamos.

— O quê?

— Bem, o congresso acabou...

— Ah — disse ela —, então o senhor tinha de ir ao congresso?

Uma resposta direta seria a declaração mais eloquente e delicada; mas Charles não a deu. A fisionomia da senhora d'Aiglemont atestava uma candura de amizade que destruía todos os cálculos da vaidade, todas as esperanças do amor, todas as desconfianças do diplomata; ela ignorava ou parecia ignorar por completo que era

amada; e, quando Charles, bem confuso, se voltou para si mesmo, foi obrigado a confessar que nada fizera, nem nada dissera que autorizasse aquela mulher a pensar no amor. O senhor de Vandenesse encontrou durante aquela noite a marquesa tal como sempre era: simples e afetuosa, verdadeira em sua dor, feliz por ter um amigo, orgulhosa por encontrar uma alma que entendesse a sua; não ia além e não supunha que uma mulher pudesse deixar-se seduzir duas vezes; mas ela conhecera o amor e ainda o conservava sangrando no fundo do coração; ela não imaginava que a felicidade pudesse trazer sua embriaguez duas vezes a uma mulher, pois não acreditava apenas no espírito, mas também na alma; e, para ela, o amor não era uma sedução, comportava todas as seduições nobres. Naquele momento, Charles tornou a ser um jovem, foi subjugado pelo brilho de um caráter tão grande e quis ser iniciado em todos os segredos daquela existência fenecida mais pelo acaso do que pelo delito. A senhora d'Aiglemont lançou apenas um olhar a seu amigo quando ele quis saber sobre o excesso de dor que transmitia à sua beleza todas as harmonias da tristeza; mas aquele olhar profundo foi como o selo de um contrato solene.

— Não me faça mais perguntas assim — disse. — Há três anos, em um dia como este, aquele que me amava, o único homem à cuja felicidade sacrificaria até meu amor-próprio, morreu, e morreu para salvar minha honra. Esse amor foi interrompido jovem, puro, cheio de ilusões. Antes de me entregar a uma paixão para a qual uma fatalidade única me empurrou, fui seduzida por aquilo que perde tantas moças, por um homem nulo, mas de formas agradáveis. O casamento desfolhou minhas esperanças, uma a uma. Hoje perdi a felicidade legítima e a felicidade que se chama criminosa, sem ter conhecido a felicidade. A mim nada resta. Se não soube morrer, pelo menos devo permanecer fiel a minhas lembranças.

Ao proferir essas palavras, não chorou, baixou os olhos e torceu levemente os dedos, que cruzara em seu gesto habitual. Falou com simplicidade, mas o tom de sua voz era o tom de um desespero tão profundo quanto seu amor parecia ser e não deixava nenhuma esperança a Charles. Essa vida pavorosa traduzida em três frases e comentada por uma torção de mão, essa dor forte em uma mulher frágil, esse abismo em um rosto bonito, enfim, as melancolias, as lágrimas do luto de três anos fascinaram Vandenesse, que permaneceu em silêncio e sentindo-se pequeno diante daquela mulher grande e nobre: dela não via mais as belezas materiais tão extraordinárias, tão rematadas, mas a alma tão eminentemente sensível. Finalmente encontrava o ser ideal tão fantasticamente sonhado, chamado com tanto vigor por todos os que entregariam a vida a uma paixão, procuram-na com ardor e muitas vezes morrem sem poder usufruir todos os seus tesouros sonhados.

Ao ouvir esse linguajar e diante daquela beleza sublime, Charles achou suas ideias estreitas. Na impotência de igualar com suas palavras a grandeza da cena, ao mesmo

tempo tão simples e tão sublime, respondeu por lugares-comuns sobre o destino das mulheres.

— Senhora, deve-se saber esquecer as dores, ou senão cavar uma sepultura — disse.

Mas a razão sempre é mesquinha ao lado do sentimento; a primeira é naturalmente limitada, como tudo o que é positivo, o segundo é infinito. Raciocinar quando se deve sentir é típico das almas sem alcance. Vandenesse permaneceu portanto em silêncio, contemplou a senhora d'Aiglemont por muito tempo e saiu. Tomado por ideias novas que lhe engrandeciam a mulher, parecia-se com um pintor que, após ter-se inspirado em modelos vulgares em seu ateliê, conhecesse de repente a *Mnemosine* do Museu, a estátua antiga mais bela e menos apreciada. Charles ficou profundamente enamorado. Amou a senhora d'Aiglemont com aquela boa-fé da juventude, com aquele fervor que transmite graça inefável às primeiras paixões, com uma candura que o homem só torna a encontrar em ruínas quando mais tarde volta a amar: paixões deliciosas, quase sempre deliciosamente saboreadas pelas mulheres que as fazem nascer, porque nessa bela idade dos trinta anos, culminância poética da vida das mulheres, podem abraçar todo o seu curso e enxergar tão bem o passado quanto o futuro. As mulheres então conhecem toda a valia do amor e dele usufruem com o temor de perdê-lo: nessa fase, a alma delas ainda tem o encanto da juventude que as abandona, e sua paixão se reforça com um futuro que as amedronta.

— Estou amando — disse desta feita Vandenesse, quando deixava a marquesa — e, para minha desgraça, encontro uma mulher presa às suas recordações. É difícil lutar com um morto que não está mais aqui, que não pode fazer besteiras, que jamais desagrada e de quem só se vêem as belas qualidades. Não seria querer destronar a perfeição tentar matar os encantos da memória e as esperanças que sobrevivem de um amado perdido, precisamente porque ele só despertou desejos, tudo o que o amor tem de mais belo e sedutor?

Essa triste reflexão, devida ao desânimo e ao temor de não ser bem-sucedido, pelos quais todas as paixões verdadeiras começam, foi o último cálculo de sua diplomacia agonizante. A partir daquele momento, deixou de ter segundas intenções, tornou-se o brinquedo do amor da senhora d'Aiglemont e perdeu-se nas nada dessa felicidade inexplicável, que se alimenta de uma palavra, de um silêncio, de uma vaga esperança. Quis amar platonicamente, ia todos os dias respirar o ar que a senhora d'Aiglemont respirava, quase se incrustou em sua casa e acompanhava-a por toda parte com a tirania de uma paixão que mescla seu egoísmo à dedicação mais absoluta. O amor tem seu instinto, sabe encontrar o caminho do coração, como o inseto mais frágil caminha para sua flor com uma vontade irresistível que nada assusta. Por isso, quando um sentimento é verdadeiro, seu destino não é

duvidoso. Uma mulher não é lançada em todas as angústias do terror se vier a pensar que sua vida depende de mais ou de menos verdade, força, persistência que seu amado vai colocar em seus desejos?

Ora, é impossível a uma mulher, a uma esposa, a uma mãe, proteger-se do amor de um jovem; a única coisa que está em seu poder é deixar de vê-lo no momento em que adivinha esse segredo do coração que uma mulher sempre adivinha. Mas essa opção parece decisiva demais para que uma mulher possa fazê-la numa idade em que o casamento pesa, entedia e cansa, em que a afeição conjugal é mais do que morna, se é que seu marido ainda não a abandonou. Feias, as mulheres sentem-se lisonjeadas por um amor que as embeleza; jovens e encantadoras, a sedução deve estar à altura de suas seduições, é imensa; virtuosas, um sentimento terrenamente sublime leva-as a encontrar qualquer absolvição na própria grandeza dos sacrifícios que fazem pelo amado e da glória nessa luta difícil. Tudo é armadilha. Por isso, nenhuma lição é forte o suficiente para tentações tão fortes. A reclusão à qual outrora se condenavam as mulheres na Grécia, no Oriente e que se tornou moda na Inglaterra, é a única salvaguarda da moral doméstica; mas sob o domínio desse sistema, as diversões da sociedade perecem: o convívio, a polidez, a elegância dos costumes deixam de ser possíveis. As nações têm de optar.

Assim, alguns meses após o primeiro encontro, a senhora d'Aiglemont viu sua vida estreitamente ligada à de Vandenesse; surpreendeu-se sem demasiada confusão e quase com certo prazer compartilhando seus gostos e pensamentos. Assumira as ideias de Vandenesse, ou Vandenesse desposara seus menores caprichos? Ela nada analisou. Já arrebatada pela torrente da paixão, a adorável mulher disse a si mesma com a falsa boa-fé do medo:

— Oh, não, vou ser fiel àquele que morreu por mim.

Pascal disse: “Duvidar de Deus é acreditar nele”. Da mesma forma, uma mulher só se debate quando é apanhada. No dia em que a marquesa confessou a si mesma que era amada, flutuou entre mil sentimentos contrários. As superstições da experiência falaram sua linguagem. Seria feliz? Conseguiria encontrar a felicidade fora das leis sobre as quais a Sociedade, com ou sem razão, constrói sua moral? Até então, a vida só lhe vertera amargura. Haveria um desfecho feliz possível para os laços que unem dois seres separados pelas convenções sociais? E a felicidade, custa alguma vez demais? Além disso, aquela felicidade desejada com tanto ardor, e que é tão natural buscar, talvez a encontrasse finalmente! A curiosidade sempre pleiteia a causa dos amantes. No meio dessa discussão secreta, Vandenesse chegou. Sua presença fez o fantasma metafísico da razão desaparecer.

Se estas são as sucessivas transformações pelas quais passa um sentimento, mesmo rápido, em um jovem e em uma mulher de trinta anos, existe um momento em que

as nuances se fundem, em que os raciocínios são abolidos em uma única, uma última reflexão que se confunde com o desejo e que o corrobora. Quanto mais longa tiver sido a resistência, mais poderosa então é a voz do amor. Aqui se interrompe esta lição, ou melhor, este estudo feito sobre o *esfolado*, se for permitido se inspirar em uma das expressões mais pitorescas da pintura: pois essa história explica os perigos e os mecanismos do amor mais do que o descreve. Porém, a partir daquele momento, cada dia acrescentou cores a esse esqueleto, recobriu-o com as graças da juventude, reavivou suas carnes, animou seus movimentos, devolveu-lhe o brilho, a beleza, as seduções do sentimento e as atrações da vida.

Charles encontrou a senhora d'Aiglemont pensativa; e, depois de dizer com o tom insinuante que as doces magias do coração tornaram persuasivo: — O que a senhora tem? —, ela evitou responder. Essa pergunta deliciosa acusava perfeito entendimento de almas; e, com o maravilhoso instinto feminino, a marquesa compreendeu que queixas ou a expressão de sua infelicidade seriam de certa forma avanços. Se já cada uma dessas palavras tinham um significado entendido pelos dois, que abismo ela não pisaria? Leu-o, em si mesma com um olhar lúcido e claro, calou-se, e seu silêncio foi imitado por Vandenesse.

— Estou me sentindo mal — disse enfim, assustada com o grande alcance de um momento em que a linguagem dos olhos complementou por inteiro a impotência do discurso.

— Senhora — respondeu Charles, a voz afetuosa, mas violentamente comovida —, a alma e o corpo são um conjunto. Se estivesse feliz, estaria jovem e viçosa. Por que a senhora recusa pedir ao amor tudo de que o amor a privou? Acredita estar sua vida terminada onde, para a senhora, ela está começando. Entregue-se aos cuidados de um amigo. É tão doce ser amado!

— Já estou velha — disse —, nada portanto me escusaria de continuar a sofrer como no passado. Aliás, é preciso amar, o senhor disse? Bem, não devo, nem posso. Além do senhor, cuja amizade lança certa doçura em minha vida, ninguém me agrada, ninguém poderia apagar minhas lembranças. Aceito um amigo, fugiria de um amante. Ademais, seria generoso de minha parte dar um coração ferido a um coração jovem, acolher ilusões que não posso mais compartilhar, causar uma felicidade na qual não acreditaria ou que tremeria de medo de perder? Talvez respondesse com egoísmo à dedicação e fizesse cálculos quando ele estivesse sentindo; minha memória ofenderia a vivacidade de seus prazeres. Não, como vê, um primeiro amor jamais é substituído. Afinal, que homem pagaria esse preço por meu coração?

Essas palavras, marcadas por terrível faceirice, foram o último esforço de sensatez. — Se ele desanimar, muito bem! Permanecerei solitária e fiel. — Esse pensamento

atingiu o coração daquela mulher e foi para ela o que é o galho de salgueiro frágil demais que o nadador agarra antes de ser arrastado pela correnteza.

Ao ouvir esse decreto, Vandenesse estremeceu involuntariamente, estremecimento que foi mais poderoso para o coração da marquesa do que todas as suas assiduidades passadas. O que mais toca as mulheres não é encontrar em nós delicadezas graciosas, sentimentos extraordinários como os seus? Pois nelas a graça e a delicadeza são indícios do *verdadeiro*. O gesto de Charles revelava um amor verdadeiro. A senhora d'Aiglemont reconheceu a força da afeição de Vandenesse pela força de sua dor. O jovem disse com frieza: — Talvez a senhora tenha razão. Novo amor, nova dor. — Em seguida, mudou de assunto e conversou sobre coisas indiferentes; porém estava visivelmente comovido, olhava a senhora d'Aiglemont com uma atenção concentrada como se a visse pela última vez. Finalmente, deixou-a, dizendo-lhe com emoção: — Adeus, senhora.

— Até logo — disse ela, com aquela faceirice sutil que só as mulheres de elite têm. Ele não respondeu e saiu.

Quando Charles já se fora, quando sua cadeira vazia passou a falar por ele, a marquesa sentiu muito remorso e atribuiu-se culpas. A paixão progride demais em uma mulher no momento em que acredita ter agido com pouca generosidade ou ter ferido uma alma nobre. Nunca se deve furtar aos maus sentimentos no amor, eles são muito saudáveis; as mulheres só sucumbem sob o golpe de uma virtude. *De boas intenções o inferno está cheio* não é um paradoxo de pregador. Vandenesse não apareceu por alguns dias. Todas as noites, na hora do encontro habitual, a marquesa esperava-o com uma impaciência cheia de remorsos. Escrever seria uma confissão; além disso, seu instinto dizia-lhe que ele voltaria. No sexto dia, foi anunciado pelo camareiro. Nunca ouviu aquele nome com tanto prazer. Sua alegria assustou-a.

— O senhor me castigou bastante! — disse-lhe ela.

Vandenesse olhou-a siderado.

— Castiguei-a! — repetiu. — Por quê?

Charles compreendia bem a marquesa; mas queria se vingar dos sofrimentos dos quais fora vítima e dos quais ela bem suspeitava.

— Por que não veio me visitar? — perguntou sorrindo.

— A senhora não esteve com ninguém? — disse ele, para não dar uma resposta direta.

— O senhor de Ronquerolles e o senhor de Marsay, o pequeno d'Esgrignon estiveram aqui, um ontem, outro esta manhã, por cerca de duas horas. Também acredito ter visto a senhora Firmiani e sua irmã, a senhora de Listomère.

Outro sofrimento! Dor incompreensível para aqueles que não amam com o despotismo invasor e feroz cujo menor efeito é um ciúme monstruoso, um desejo

perpétuo de arrebatador o ser amado a qualquer influência alheia ao amor.

— O quê? — disse Vandenesse para si mesmo — ela recebeu, viu seres contentes, falou com eles, enquanto eu ficava só, infeliz!

Enterrou sua dor e jogou seu amor no fundo do coração, como um esquife no mar. Seus pensamentos eram do tipo que não se exprimem; têm a rapidez dos ácidos que matam evaporando. Entrementes, sua fronte recobriu-se de nuvens, e a senhora d'Aiglemont obedeceu ao instinto de mulher compartilhando aquela tristeza sem concebê-la. Ela não era cúmplice do mal que provocava, e Vandenesse percebeu. Falou de sua situação e de seu ciúme, como se fosse uma dessas hipóteses que os apaixonados gostam de discutir. A marquesa compreendeu tudo e ficou tão tocada que não conseguiu conter as lágrimas. A partir daquele momento, penetraram nos céus do amor. O céu e o inferno são dois grandes poemas que formulam os dois únicos pontos sobre os quais gira nossa existência: a alegria e a dor. O céu não é, não será em nenhuma ocasião uma imagem do infinito de nossos sentimentos que sempre só será descrito em seus detalhes, porque a felicidade é una; e o inferno não representa as torturas infinitas de nossas dores que podemos transformar em poesia porque são todas dessemelhantes?

Uma noite, os dois apaixonados estavam sozinhos, sentados um perto do outro, em silêncio, ocupados em contemplar uma das mais belas fases do firmamento, um desses céus puros nos quais os últimos raios do sol lançam tons fracos de ouro e púrpura. Naquele momento do dia, as degradações lentas da luz parecem despertar os sentimentos doces; nossas paixões vibram, frouxas, e saboreamos os tumultos de alguma violência em meio à calma. Mostrando-nos a felicidade por imagens vagas, a natureza convida-nos a dela usufruir quando está perto de nós e faz-nos lamentá-la depois que fugiu. Nesses instantes férteis de encantos, sob a abóbada desse clarão no qual as harmonias ternas se unem a seduçções íntimas, é difícil resistir aos anseios do coração, que têm então tanta magia! Então a aflição se atenua, a alegria inebria, e a dor oprime. As pompas da noite são o sinal para as confissões e estimulam-nas. O silêncio torna-se mais perigoso do que as palavras, comunicando aos olhos todo o poder do infinito dos céus que refletem. Quando se fala, a menor palavra adquire um poder irresistível. Não há nesse momento luz na voz, púrpura no olhar? O céu não está como que dentro de nós, ou não parece que estamos no céu? Entrementes, Vandenesse e Juliette, pois fazia alguns dias que ela se deixava chamar assim, com familiaridade, por aquele a quem lhe agradava chamar Charles; ambos, portanto, falavam, mas o assunto primitivo de sua conversa estava longe deles; e, se haviam se esquecido do sentido de suas palavras, escutavam, em deleite, os pensamentos secretos que recobriam. A mão da marquesa repousava na de Vandenesse, e ela abandonava-a ao amado sem acreditar que fosse um favor.

Inclinaram-se juntos para ver uma daquelas paisagens majestosas cheias de neve, de geleiras, de sombras cinzentas que tingem os flancos de montanhas fantásticas; um desses quadros plenos de oposições bruscas entre as chamas vermelhas e os tons negros que decoram os céus com inimitável e fugaz poesia; magníficos lençóis nos quais renasce o sol, bela mortalha onde expira. Naquele momento, os cabelos de Juliette roçaram as faces de Vandenesse; ela sentiu aquele leve contato, também estremeceu violentamente, ele ainda mais; pois ambos haviam chegado aos poucos a uma daquelas crises inexplicáveis quando a calma comunica aos sentidos uma percepção tão fina que o menor choque faz verter lágrimas e transbordar a tristeza se o coração está perdido na melancolia; ou proporciona-lhe prazeres inefáveis se estiver perdido nas vertigens do amor. Juliette apertou quase que involuntariamente a mão do amigo. Aquela pressão persuasiva deu coragem à timidez do apaixonado. As alegrias daquele momento e as esperanças do futuro, tudo fundiu-se em uma emoção, a de uma primeira carícia, do beijo modesto e casto que a senhora d'Aiglemont deixou que ele apanhasse em seu rosto. Quanto mais fraca a concessão, mais poderosa e perigosa é. Para o infortúnio de ambos, não havia nela dissimulações ou falsidade. Foi o entendimento de duas belas almas, separadas por todas as leis, unidas por todas as seduições da natureza. Naquele momento, o general d'Aiglemont entrou.

— O ministério foi mudado — disse. — Seu tio faz parte do novo gabinete. Assim, o senhor tem boas chances de ser embaixador, Vandenesse.

Charles e Julie olharam-se, corando. Aquela pudor mútuo foi mais um laço. Ambos pensaram a mesma coisa, sentiram o mesmo remorso; laço tão terrível e forte entre dois bandidos que acabam de assassinar um homem quanto entre dois apaixonados culpados de um beijo. Era preciso responder ao marquês.

— Não quero mais sair de Paris — disse Charles Vandenesse.

— Sabemos por quê — replicou o general, fingindo a sutileza de um homem que descobre um segredo.— O senhor não quer abandonar seu tio, para que ele lhe declare herdeiro de seu título de par.

A marquesa fugiu para o quarto, alimentando este pensamento terrível a respeito do marido: — Ele também é idiota além da conta!

O Dedo de Deus

Entre a barreira d'Italie e a barreira da Santé, no bulevar interno que leva ao Jardin-des-Plantes, existe uma perspectiva digna de encantar o artista ou o viajante mais indiferente no que diz respeito aos prazeres da visão. Se o leitor alcançar a leve eminência a partir da qual o bulevar, sombreado por grandes árvores frondosas, faz uma curva graciosa como a de uma alameda de floresta verde e silenciosa, vai ver diante dele, a seus pés, um vale profundo, povoado de manufaturas meio aldeãs, iluminadas de verde, regadas pelas águas castanhas do Bièvre ou dos Gobelins.

Na vertente oposta, alguns milhares de tetos, comprimidos como as cabeças de uma multidão, escondem as misérias do *faubourg* Saint-Marceau. A cúpula magnífica do Panthéon, o domo terno e melancólico do Val-de-Grâce dominam orgulhosamente toda uma cidade em anfiteatro cujas bancadas são desenhadas de forma estranha por ruas tortuosas. Dali, as proporções dos dois monumentos parecem gigantescas; esmagam as moradas frágeis e os maiores choupos do valezinho.

À esquerda, o Observatoire, através de cujas janelas e galerias o dia passa produzindo fantasias inexplicáveis, aparece como um espectro negro e descarnado. Ao longe, a lanterna elegante dos Invalides flameja entre as massas azuladas do Luxembourg e as torres cinzentas de Saint-Sulpice. Vistas dali, essas linhas arquitetônicas mesclam-se a folhagens, a essas sombras, ficam submetidas aos caprichos de um céu que muda todo o tempo de cor, de luz ou de aspecto. Longe de nós, os edifícios mobiliam os ares; a nosso redor, serpenteiam árvores ondulantes, trilhas campestres. À direita, em um grande recorte nessa paisagem singular, vemos o longo lençol branco do canal Saint-Martin, emoldurado de pedras avermelhadas, enfeitado com suas tílias, margeado pelas construções genuinamente romanas dos Celeiros de Abundância. Ao longe, no último plano, as colinas vaporosas de Belleville, carregadas de casas e moinhos, confundem seus acidentes com os das nuvens. No entanto, existe uma cidade que não se vê, entre a fileira de tetos que margeia o valezinho e esse horizonte vago como uma lembrança de infância; cidade imensa, perdida como em um precipício entre os cimos da Pitié e o topo do cemitério de l'Est, entre o sofrimento e a morte. Dela ressoa um murmúrio surdo, semelhante ao do oceano que ruga atrás de uma falésia como que para dizer: — Estou aqui.

Se o céu lança suas ondas de luz sobre essa face de Paris, se torna suas linhas fluidas, depura-as; se nela ilumina alguns vidros, se alegra suas telhas, abrasa as cruzes douradas, embranquece as paredes e transforma a atmosfera em um véu de gaze; se cria contrastes ricos com as sombras fantásticas; se o céu é azul e a terra trememente, se os sinos falam, então dali admiramos uma daquelas magias eloquentes de que a imaginação jamais se esquece, das quais seremos idólatras loucos, como de um aspecto maravilhoso de Nápoles, de Istambul ou das Flóridas. Nenhuma harmonia falta a esse concerto. Ali murmuram o ruído do mundo e a poética paz da solidão, a voz de um milhão de seres e a voz de Deus, ali jaz uma capital deitada sob os tranquilos ciprestes do Père-Lachaise.

Em uma manhã de primavera, no momento em que o sol fazia todas as belezas daquela paisagem brilharem, eu as admirava, encostado em um grande olmo que entregava suas flores amarelas ao vento. Diante desses quadros ricos e sublimes, pensava amargamente no desprezo que professamos, até em nossos livros, por nosso país de hoje. Amaldiçoava os pobres ricos que, desgostosos com nossa bela França, vão comprar a preço de ouro o direito de desdenhar de sua pátria visitando a galope, examinando com lunetas, os sítios dessa Itália que se tornou tão vulgar. Contemplava com amor a Paris moderna, sonhava, quando de repente o ruído de um beijo perturbou minha solidão e afugentou a filosofia.

Na alameda que coroa a inclinação rápida no sopé da qual se arrepiam as águas e olhando para além da ponte dos Gobelins, descobri uma mulher que me pareceu ainda bastante jovem, vestida com a simplicidade mais elegante e cuja fisionomia suave parecia refletir a felicidade alegre da paisagem. Um belo jovem colocava no chão o menininho mais bonito que é possível ver, de modo que jamais soube se o beijo ressoara nas faces da mãe ou nas da criança. Um mesmo pensamento, terno e vivo, eclodia nos olhos, nos gestos, no sorriso dos dois jovens. Entrelaçaram seus braços com uma prontidão tão satisfeita e aproximaram-se com tão maravilhosa harmonia de movimento que, completamente voltados para si, não perceberam minha presença. Mas uma outra criança, chateada, amuada, e que lhes dava as costas, lançou-me olhares marcados por uma expressão palpitante. Deixando o irmão correr sozinho, ora atrás ora na frente da mãe e do jovem, essa criança, vestida como a outra, tão graciosa quanto a outra, mas de formas mais suaves, permaneceu muda, imóvel, na atitude de uma serpente encantada. Era uma menininha. O passeio da bonita mulher e de seu companheiro tinha algo de maquinal. Contentando-se, talvez por distração, em percorrer o pequeno espaço entre a pontezinha e um carro parado no desvio do bulevar, repetiam todo o tempo seu percurso limitado, parando, olhando-se, rindo ao acaso dos caprichos de uma conversa, ora animada ora definhante, ora louca ora grave.

Escondido pelo grande olmo, eu admirava aquela cena deliciosa, e provavelmente teria respeitado seus mistérios se não surpreendesse no rosto da menininha sonhadora e taciturna os vestígios de um pensamento mais profundo do que sua idade comportava. Quando sua mãe e o jovem viravam as costas após ter caminhado até ela, em geral inclinava, dissimulada, a cabeça e lançava sobre eles e sobre o irmão um olhar furtivo realmente extraordinário. Mas nada conseguiria expressar a sutileza aguda, a ingenuidade maliciosa, a atenção selvagem que animava aquele rosto infantil com os olhos levemente pisados, quando a bela mulher e seu companheiro acariciavam os cachos louros, apertavam delicadamente o pescoço viçoso, o colarinho branco do menininho, nos momentos em que, por brincadeira, ele tentava caminhar com o casal.

Havia decerto uma paixão de homem na fisionomia infeliz daquela menininha estranha. Sofria ou pensava. Ora, quem profetiza com mais segurança a morte nessas criaturas em flor? O sofrimento alojado no corpo ou o pensamento apressado devorando suas almas que mal germinaram? Uma mãe talvez saiba isso. Quanto a mim, não conheço nada de mais horrível que um pensamento de velho em uma frente de criança: a blasfêmia nos lábios da virgem é ainda menos monstruosa.

Por isso, a atitude quase estúpida daquela menina já pensativa, a raridade de seus gestos, tudo me interessou. Examinei-a com curiosidade. Por uma fantasia natural dos observadores, comparei-a ao irmão, buscando surpreender as relações e diferenças entre ambos. A primeira tinha cabelos castanhos, olhos negros e uma robustez precoce, que formavam uma rica oposição com a cabeleira loura, os olhos verde-mar e a fragilidade graciosa do mais jovem. A mais velha teria de sete a oito anos; o outro, apenas seis. Estavam vestidos da mesma maneira. No entanto, ao prestar mais atenção, observei nos colarinhos de suas camisas uma diferença bastante frívola, mas que mais tarde me revelou todo um romance no passado, todo um drama no futuro. Era pouca coisa. Havia uma simples bainha no colarinho da menininha morena, enquanto bonitos bordados ornavam o do caçula e traíam um segredo do coração, uma predileção tácita que as crianças lêem na alma das mães, como se o espírito de Deus nelas residisse.

Despreocupado e alegre, o louro parecia-se com uma menininha, tanto sua pele branca era fresca, seus movimentos graciosos, sua fisionomia doce; enquanto a mais velha, apesar de sua robustez, da beleza dos traços e do brilho da tez, parecia-se com um menininho doente. Seus olhos vivos, despojados daquele vapor úmido que tanto encanto proporciona aos olhares das crianças, pareciam ter sido, como os das cortesãs, secos por um fogo interior. Finalmente, sua brancura tinha uma certa nuança opaca, azeitonada, sintoma de um caráter vigoroso.

Por duas vezes, seu jovem irmão viera lhe oferecer, com uma graça tocante, com

um lindo olhar, com um rosto expressivo que encantaria Charlet, a pequena corneta de caça que soprava de vez em quando; porém, a cada vez, ela só respondera por um olhar feroz a essa frase: — Pegue, Hélène, quer? — dita com uma voz acariciante. E, sombria e terrível sob o rosto aparentemente apático, a menininha estremecia e até enrubescia bastante quando o irmão se aproximava; mas o caçula não parecia perceber o péssimo humor da irmã, e sua indiferença, com uma pitada de interesse, acabava de acentuar o contraste entre o caráter verdadeiro da infância e o saber preocupado do homem, já inscrito no rosto da menininha e que já o obscurecia com suas nuvens escuras.

— Mamãe, Hélène não quer brincar — exclamou o menino, que aproveitou um momento em que a mãe e o jovem ficaram em silêncio na ponte dos Gobelins para se queixar.

— Deixe-a, Charles. Você sabe que ela está sempre de mau humor.

Aquelas palavras, pronunciadas ao acaso pela mãe, que em seguida se voltou bruscamente com o jovem, arrancaram lágrimas de Hélène. Ela devorou-as em silêncio, lançou sobre o irmão um daqueles olhares profundos que me pareciam inexplicáveis e contemplou, primeiro com inteligência sinistra, o talude no topo do qual estava, depois o Bièvre, a ponte, a paisagem e a mim.

Temí ser visto pelo casal alegre, cuja conversa eu provavelmente perturbaria; afastei-me discretamente e fui refugiar-me atrás de uma sebe de sabugueiros cuja folhagem me escondia por completo dos olhares de todos. Sentei-me tranquilamente no alto do talude, contemplando em silêncio e alternadamente as belezas cambiantes do local e a menininha selvagem que ainda entrevia pelos interstícios da sebe e o pé dos sabugueiros sobre os quais minha cabeça repousava, quase no nível do bulevar. Quando saí de seu raio de visão, Hélène pareceu inquieta; seus olhos negros procuraram-me longe na alameda, atrás das árvores, com uma curiosidade impossível de definir. O que eu representava para ela? Naquele momento, as risadas ingênuas de Charles ressoaram no silêncio como o canto de pássaros. O belo rapaz, louro como ele, fazia-o dançar em seus braços e beijava-o, prodigalizando-lhe aquelas palavras sem nexo e desviadas de seu verdadeiro sentido com que falamos amigavelmente com as crianças. A mãe sorria com as brincadeiras e de vez em quando dizia, provavelmente em voz baixa, palavras vindas do coração; pois seu companheiro parava, bem feliz, e contemplava-a, os olhos azuis cheios de fogo, de idolatria. Suas vozes misturadas com a da criança tinham algo de acariciante. Os três eram encantadores. A cena deliciosa, no meio daquela paisagem magnífica, espalhava uma suavidade incrível. Uma mulher, bela, alva, risonha, um filho do amor, um homem de juventude encantadora, um céu puro, enfim, todas as harmonias da natureza combinavam-se para deleitar a alma. Surpreendi-me

sorrindo, como se aquela felicidade fosse minha. O belo rapaz ouviu soarem as nove horas. Após ter beijado com ternura sua companheira, que ficara séria e quase triste, voltou então para seu tálburi, que avançava lentamente conduzido por um velho criado. O balbuciar da criança querida misturou-se aos últimos beijos que o jovem lhe deu. Depois de o homem ter subido no veículo e a mulher, imóvel, ouvir o tálburi rodar, acompanhando o rastro marcado na poeira que se erguia em nuvens na alameda verde do bulevar, Charles correu para a irmã perto da ponte e ouvi-o dizer, com uma voz argêntea: — Por que não foi despedir-se de meu bom amigo?

Ao ver o irmão na vertente do talude, Hélène lançou-lhe o olhar mais horrível que jamais iluminou os olhos de uma criança e empurrou-o com um movimento de raiva. Charles escorregou pela encosta inclinada, nela encontrou raízes que o atiraram violentamente contra as pedras cortantes do muro; ali feriu a testa e, em seguida, sangrando, caiu nas águas lamacentas do rio. A água afastou-se em mil jatos escuros sob sua linda cabeça loura. Ouvi os gritos agudos do pobre menino; porém logo sua voz se perdeu abafada no lodo, onde ele desapareceu emitindo um som pesado como o de uma pedra que cai no abismo. Um raio não é mais rápido do que foi aquela queda. Levantei-me depressa e desci por uma trilha. Estupefata, Hélène dava gritos agudos:

— Mamãe! Mamãe!

A mãe estava ali, perto de mim. Voara como um pássaro. Mas nem os olhos da mãe nem os meus conseguiram reconhecer o local preciso onde a criança submergira. A água negra borbulhava em grande extensão. O leito do Bièvre tem dez pés de lama naquele local. O menino ali deveria perecer, era impossível salvá-lo. Naquela hora, em um domingo, tudo estava em repouso. No Bièvre não havia barcos nem pescadores. Não vi varas para sondar o riacho fétido, nem ninguém ao longe. Por que então falei desse acidente sinistro ou contei o segredo dessa desgraça? Talvez Hélène tivesse vingado o pai. Seu ciúme provavelmente era o gládio de Deus. Contudo, senti um arrepio ao contemplar a mãe. A que interrogatório terrível seu marido, seu juiz eterno, iria submetê-la? E ela carregava consigo uma testemunha incorruptível. A infância tem a fronte transparente, a tez diáfana. E nela a mentira é como uma luz que lhe avermelha até o olhar. A pobre mulher ainda não estava pensando no suplício que a aguardava em casa. Olhava o Bièvre.

Semelhante acontecimento tem repercussões terríveis na vida de uma mulher, e este foi um dos ecos mais terríveis que de tempos em tempos perturbaram os amores de Juliette.

Dois ou três anos depois, uma noite, após o jantar, na casa do marquês de Vandenesse, então de luto por seu pai e na necessidade de regularizar uma herança, encontrava-se um tabelião. Esse tabelião não era o insignificante tabelião de Sterne,

mas um tabelião grande e gordo de Paris, desses homens respeitáveis que fazem uma tolice com cautela, pisam pesadamente uma ferida ignorada e perguntam por que se queixam disso. Se, por acaso, ficam sabendo o porquê de sua besteira criminosa, dizem: — Juro que nada sabia! — Enfim, era um tabelião honestamente estúpido que só via *escrituras* na vida. Ao lado do diplomata, estava a senhora d'Aiglemont. O general fora embora polidamente antes do final do jantar, para levar seus dois filhos a um espetáculo nos bulevares, no Ambigu-Comique ou na Gaieté. Embora os melodramas excitem por demais os sentimentos, em Paris são considerados compreensíveis para as crianças e inofensivos, porque neles a inocência sempre triunfa. O pai saíra sem aguardar a sobremesa, de tanto que a filha e o filho o haviam atormentado para chegar ao espetáculo antes que as cortinas se erguessem.

O tabelião, o imperturbável tabelião, incapaz de se perguntar por que a senhora d'Aiglemont estava mandando seus filhos e marido ao teatro sem acompanhá-los, estava, desde o jantar, como que aparafusado à cadeira. Uma conversa fizera a sobremesa arrastar-se, e os criados demoravam para servir o café. Esses incidentes, que devoravam um tempo decerto precioso, arrancavam gestos de impaciência da bela mulher: era possível compará-la a um cavalo de raça batendo os cascos antes da corrida. O tabelião, que nada entendia de cavalos ou de mulheres, achava a marquesa simplesmente uma mulher viva e irrequieta. Encantado por estar na companhia de uma dama da moda e de um político célebre, o tabelião soltava frases espirituosas; considerava como aprovação o sorriso amarelo da marquesa, a quem impacientava muito, e continuava a falar. O dono da casa, cúmplice da companheira, permitiu-se ficar em silêncio por várias vezes nos momentos em que o tabelião esperava resposta elogiosa; porém, durante aqueles intervalos significativos, o diabo do homem contemplava o fogo procurando anedotas. Depois, o diplomata recorreu ao relógio. Finalmente, a bela mulher pusera o chapéu para sair, mas não saiu. O tabelião nada percebia, nada entendia; estava encantado consigo mesmo e seguro de que interessava à marquesa, já que ela permanecia plantada ali. — Decerto terei essa mulher como cliente — dizia-se.

A marquesa ficava de pé, colocava as luvas, torcia os dedos e olhava ora para o marquês de Vandenesse, que compartilhava sua impaciência, ora para o tabelião, que atirava suas historietas espirituosas. A cada pausa que o digno homem fazia, o bonito casal respirava, dizendo-se por sinais: — Finalmente ele vai embora! — Mas nada. Era um pesadelo moral que acabaria por irritar as duas pessoas apaixonadas, para as quais o tabelião desempenhava o papel da serpente diante dos pássaros, e por obrigá-las a alguma indelicadeza. Bem no meio de uma história sobre os meios ignóbeis pelos quais du Tillet, um homem de negócios então muito comentado, construíra sua fortuna e cujas infâmias eram escrupulosamente detalhadas pelo

tabelião espirituoso, o diplomata ouviu o pêndulo bater nove horas. Viu que seu tabelião era decididamente um imbecil que era preciso simplesmente despachar, e interrompeu-o com um gesto.

— O senhor deseja as pinças para o açúcar, senhor marquês? — perguntou o tabelião, apresentando-as a seu cliente.

— Não, senhor, sou obrigado a despedir-me do senhor. A senhora quer ir encontrar os filhos e vou ter a honra de acompanhá-la.

— Já são nove horas! O tempo passa como a sombra na companhia de pessoas agradáveis — disse o tabelião, que falava sozinho havia uma hora.

Procurou seu chapéu, veio plantar-se diante da lareira, conteve com dificuldade um soluço e disse a seu cliente, sem perceber os olhares fulminantes que a marquesa lhe lançava.

— Em suma, senhor marquês, os negócios antes de mais nada. Amanhã, enviaremos uma intimação a seu irmão para fazê-lo decidir; procederemos ao inventário e depois...

O tabelião compreendera tão mal as intenções de seu cliente que entendera o problema ao contrário das instruções que o marquês acabara de lhe dar. O caso era delicado demais para que Vandenesse não retificasse involuntariamente as ideias do desajeitado tabelião, e seguiu-se uma discussão que levou um certo tempo.

— Escute — disse afinal o diplomata, depois do sinal que a jovem senhora lhe fez —, o senhor está-me confundindo, volte amanhã às nove horas com meu advogado.

— Permita-me contudo observar, senhor marquês, que não temos certeza de conseguir encontrar o senhor Desroches amanhã e, se a intimação não for feita até o meio-dia, o prazo expira e...

Naquele momento, um carro entrou no pátio e, com o barulho que fez, a pobre mulher virou-se depressa para esconder as lágrimas que lhe subiram aos olhos. O marquês tocou a campainha para mandar dizer que saíra; porém, o general, que voltara inesperadamente da Gaieté, precedeu o criado e apareceu, dando a mão à filha, de olhos vermelhos, e a outra ao menininho mal-humorado e zangado.

— O que aconteceu, afinal? — perguntou a mulher ao marido.

— Digo-lhe mais tarde — respondeu o general, dirigindo-se a uma saleta contígua, cuja porta estava aberta e onde viu os jornais.

A marquesa, aborrecida, jogou-se desesperada em um canapé.

O tabelião, que acreditou ter a obrigação de ser gentil com as crianças, assumiu tom afetado para dizer ao menino:

— Então, meu filho, como chamava o espetáculo no teatro?

— *La vallée du torrent* — respondeu Gustave resmungando.

— Que coisa — disse o tabelião —, hoje em dia os autores são uns loucos! O vale

da torrente! Por que não “A torrente do vale”? É possível um vale não ter torrente, e dizendo “A torrente do vale”, os autores acusariam algo nítido, preciso, característico, compreensível. Mas vamos deixar isso de lado. Agora, como é possível encontrar um drama em uma torrente e em um vale? Os senhores irão me responder que hoje a principal atração desse tipo de espetáculo é o cenário, e o título indica um belo cenário. Divertiu-se bastante, filhinho? — acrescentou, sentando-se ao lado do menino.

No momento em que o tabelião perguntou que drama seria possível encontrar no fundo de uma torrente, a filha da marquesa virou-se devagar e começou a chorar. A mãe estava tão contrariada que não percebeu o movimento da filha.

— Ah, sim, senhor, eu estava me divertindo muito — respondeu o garoto. — Na peça havia um menininho bem bonzinho que estava sozinho no mundo porque seu papai não podia ser seu pai. Quando ele chega no alto de uma ponte sobre a torrente, um grande malvado barbudo, todo vestido de preto, joga-o na água. Então Hélène começou a chorar e a soluçar; a sala inteira gritou conosco, e meu pai tirou-nos de lá bem depressa...

O senhor de Vandenesse e a marquesa ficaram ambos estupefatos e como se tivessem sido arrebatados por um mal que lhes tirava a força de pensar e agir.

— Gustave, cale-se — gritou o general. — Proibi-o de falar sobre o que aconteceu no espetáculo e já está se esquecendo de minhas recomendações!

— Que Sua Senhoria me perdoe, senhor marquês — disse o tabelião —, não devia ter feito perguntas, mas ignorava a gravidade de...

— Ele não deveria responder — disse o pai, olhando o filho com frieza.

A marquesa e o diplomata pareciam conhecer muito bem o motivo do regresso brusco das crianças e do pai. A mãe olhou para a filha, viu-a em prantos e levantou-se para ir em sua direção, mas então seu rosto se contraiu com violência e ofereceu sinais de uma severidade que nada moderava.

— Chega, Hélène — disse ela —, vá secar suas lágrimas na saleta.

— O que ela fez, afinal, essa pobre menina? — perguntou o tabelião, que quis acalmar ao mesmo tempo a raiva da mãe e o choro da filha. — Ela é tão bonita, que deve ser a criatura mais boazinha do mundo. Tenho certeza, senhora, de que ela só lhe dá alegria. Não é verdade, queridinha?

Hélène olhou para a mãe tremendo, enxugou as lágrimas, tratou de compor um rosto calmo e refugiou-se na saleta.

— E, com certeza — dizia o tabelião, que não parava de falar —, a senhora é uma mãe boa demais para não amar seus dois filhos do mesmo modo. Além disso, é demasiado virtuosa para ter essas tristes preferências cujos efeitos funestos revelam-se mais especialmente a nós, os tabeliões. A sociedade passa por nossas mãos. Por

isso, vemos as paixões sob sua forma mais pavorosa, o interesse. Em um caso, a mãe quer deserdar os filhos de seu marido em proveito dos filhos que prefere; por outro lado, o marido quer às vezes reservar a fortuna ao filho que mereceu o ódio da mãe. Seguem-se brigas, temores, citações, intimações, vendas simuladas de fideicomissos. Enfim, uma confusão lamentável, lamentável, palavra de honra! Em outro caso, os pais passam a vida deserdando seus filhos, roubando os bens de suas mulheres... É, roubando é o termo certo. Falávamos de drama. Ah, garanto-lhes que, se pudéssemos contar o segredo de certas doações, nossos autores as transformariam em terríveis tragédias burguesas. Não sei que poder as mulheres usam para fazer o que querem; porque, apesar das aparências e de sua fragilidade, são sempre elas que dominam. Ah, mas elas não me enganam, a mim não enganam. Sempre adivinho o motivo dessas predileções que na sociedade são polidamente qualificadas de indefiníveis! Os maridos, porém, jamais as adivinham, sou obrigado a convir. Os senhores vão me responder que é graças...

Hélène, que voltara com o pai à sala, escutava atentamente o tabelião e compreendia-o tão bem, que lançou sobre a mãe um olhar amedrontado, pressentindo com todo o instinto da pouca idade que essa circunstância agravaria a severidade que pairava sobre ela. A marquesa empalideceu, mostrando a Vandenesse, com um gesto de terror, seu marido, que contemplava, pensativo, as flores do tapete. Naquele momento, apesar de sua habilidade social, o diplomata não se conteve mais e lançou um olhar fulminante sobre o tabelião.

— Venha cá, senhor — disse-lhe, dirigindo-se depressa para o cômodo que precedia a sala.

O tabelião acompanhou-o tremendo e sem terminar a frase.

— Senhor — falou-lhe então com uma raiva concentrada o marquês de Vandenesse, que fechou com violência a porta da sala onde deixou a mulher e o marido —, desde o jantar, o senhor só cometeu trapalhadas e disse tolices. Por Deus! Vá embora! O senhor acabará provocando as maiores desgraças. Se é um excelente tabelião, fique em seu gabinete; mas, se, por acaso, se encontrar em sociedade, tente ser mais circunspecto...

Depois voltou para a sala, deixando o tabelião sem dele se despedir. Este permaneceu por um momento completamente estupefato, paralisado, sem saber onde estava. Quando os zumbidos em seus ouvidos cessaram, acreditou ouvir gemidos, vaivéns na sala, sinetas tocando com violência. Teve medo de voltar a ver Vandenesse e recuperou o movimento das pernas para fugir pela escadaria. À porta dos apartamentos, porém, deparou com criados que corriam para receber ordens de seu patrão.

— Esses grandes senhores são todos assim — disse consigo mesmo, quando

finalmente se viu na rua à procura de um cabriolé — eles fazem-nos falar, convidam-nos a falar com cumprimentos; achamos que estamos divertindo-os, mas qual o quê! Fazem-nos impertinências, colocam-nos a distância e acabam nos jogando na rua sem se perturbar. Bem, fui bastante espirituoso; nada disse que não fosse sensato, ajuizado e conveniente. Que coisa, ele aconselha-me mais circunspecção, sou tão circunspecto! Ah, diabos, sou tabelião e membro de minha câmara. Bah! É capricho de embaixador, nada é sagrado para essa gente. Amanhã vai-me explicar como só fiz besteiras e disse tolices na sua casa. Vou pedir satisfações, ou melhor, vou perguntar-lhe a razão... Em suma, talvez tenha feito alguma coisa errada... Que coisa, para que quebrar a cabeça? O que isso me importa?

O tabelião voltou para casa e submeteu o enigma à sua tabeliã, contando-lhe cada detalhe dos acontecimentos da noite.

— Meu caro Crottat, Sua Excelência tem toda a razão em dizer que só fez asneiras e disse tolices.

— Por quê?

— Meu querido, se eu lhe dissesse, isso não o impediria de fazer a mesma coisa amanhã. Só lhe recomendo mais uma vez que só fale de negócios em sociedade.

— Se não me disser, vou perguntar amanhã para...

— Meu Deus, as pessoas mais simples tratam de esconder essas coisas, e você acha que um embaixador vai contá-las! Por favor, Crottat, nunca o vi dizer algo tão sem sentido.

— Obrigado, querida!

Os Dois Encontros

Um ex-oficial às ordens de Napoleão, a quem chamaremos apenas de marquês ou general e que sob a Restauração acumulou grande fortuna, fora passar os dias bonitos em Versalhes, em uma casa de campo situada entre a igreja e a barreira de Montreuil, no caminho que conduz à avenida Saint-Cloud. Seu serviço na corte não lhe permitia afastar-se de Paris.

Erguido em outros tempos para servir de abrigo aos amores passageiros de algum grande senhor, o pavilhão tinha vastas dependências. Os jardins em meio aos quais se localizava afastavam-no igualmente à direita e à esquerda das primeiras casas de Montreuil e das cabanas construídas nos arredores da barreira; assim, sem ficarem isolados demais, os donos dessa propriedade usufruíam, bem perto da cidade, todos os prazeres da solidão. Por estranha contradição, a fachada e a porta de entrada da casa davam direto para o caminho que talvez outrora fosse pouco frequentado. Essa hipótese parece verossímil se pensarmos que este termina no delicioso pavilhão edificado por Luís XV para a senhorita Romans e que, antes de ali chegar, os curiosos reconheciam, aqui e a ali, mais de um *casino* cujo interior e decoração traíam as libertinagens espirituais de nossos ancestrais, que, para as licenças de que são acusados, procuravam, de qualquer forma, a sombra e o mistério.

Em uma noite de inverno, o marquês, sua mulher e seus filhos encontravam-se sozinhos na casa deserta. Seus criados haviam obtido a autorização de ir celebrar em Versalhes o casamento de um deles; e, presumindo que a solenidade do Natal, somada a essa circunstância, lhes oferecia uma desculpa válida junto aos patrões, não tiveram escrúpulo em consagrar à festa um pouco mais tempo do que sua categoria de criados lhes permitiria. No entanto, sendo o general conhecido como homem que jamais deixara de cumprir sua palavra com uma probidade inflexível, os retardatários dançaram com um pouco mais de remorso quando o momento de voltar expirou. Acabavam de soar onze horas, e nenhum criado chegara.

O profundo silêncio que reinava no campo permitia ouvir de vez em quando a nortada assobiando entre os ramos negros das árvores, mugindo em torno da casa ou engolfando-se nos longos corredores. A geada purificara tanto o ar, endurecera tanto a terra e tomara de tal forma os pavimentos, que tudo tinha aquela sonoridade seca cujos fenômenos continuam nos surpreendendo. O andar pesado de um ébrio atrasado ou o ruído de um fiacre voltando de Paris repercutiam com mais força e

eram ouvidos de mais longe do que de costume. As folhas mortas, que dançavam com os turbilhões repentinos, estremeciam nas pedras do pátio de modo a proporcionar uma voz à noite, quando ela gostaria de emudecer. Em suma, era uma daquelas noites duras que arrancam de nosso egoísmo lamento estéril em favor do pobre ou do viajante e que tornam a lareira tão cheia de volúpia.

Naquele momento, a família reunida na sala não se preocupava nem com a ausência dos criados nem com as pessoas sem teto, nem com a poesia que faísca em uma vigília de inverno. Sem filosofias fora de propósito e confiantes na proteção de um ex-soldado, mulheres e crianças entregavam-se às delícias que a vida dentro de casa gera quando os sentimentos aí não são perturbados, quando a afeição e a franqueza animam as conversas, os olhares e as brincadeiras.

O general estava sentado, ou melhor, enterrado em uma *bergère* alta e espaçosa, no canto da lareira, onde brilhava um fogo bem alimentado, que espalhava esse calor picante, sintoma de frio excessivo lá fora. Apoiada no encosto e levemente inclinada, a cabeça desse bom pai permanecia em pose cuja indolência descrevia uma calma perfeita, um desabrochar suave de alegria. Seus braços, meio adormecidos, jogados frouxamente para fora da *bergère*, acabavam de exprimir um pensamento de felicidade. Contemplava seu filho menor, um menino de apenas cinco anos, que, seminu, recusava-se a ser despido pela mãe. O menininho fugia da camisa ou da touca de dormir com a qual a marquesa às vezes o ameaçava; conservava seu colarinho bordado, ria para a mãe quando ela o chamava, percebendo que ela própria ria daquela rebelião infantil; tornava então a brincar com a irmã, também ingênua, mas mais maliciosa, e que já falava com mais distinção do que ele, cujas palavras vagas e ideias confusas mal eram inteligíveis para seus pais. A pequena Moína, dois anos mais velha, provocava com faceirices já femininas risadas intermináveis, que partiam como foguetes e pareciam não ter motivo; porém, quando se os via rolando diante do fogo, mostrando sem vergonha seus lindos corpos rechonchudos, suas formas brancas e delicadas, confundindo os cachos de suas cabeleiras preta e loura, chocando seus rostos róseos, onde a alegria traçava covinhas ingênuas, com certeza um pai e principalmente uma mãe compreendiam essas pequenas almas, por eles já caracterizadas, por eles já apaixonadas. Esses dois anjos faziam empalidecer pelas cores vivas de seus olhos úmidos, de suas faces brilhantes, de sua tez branca, as flores do tapete macio, palco de suas brincadeiras, no qual caíam, derrubavam-se, lutavam e rolavam sem perigo.

Sentada em uma conversadeira do outro lado da lareira, diante do marido, a mãe estava cercada de roupas espalhadas e permanecia, com um sapato vermelho na mão, em atitude cheia de displicência. Sua severidade indecisa morria no doce sorriso gravado nos lábios. Com cerca de trinta e seis anos, conservava uma beleza devida à

rara perfeição de traços de seu rosto, ao qual o calor, a luz e a felicidade daquele momento proporcionavam um brilho sobrenatural. Muitas vezes deixava de contemplar os filhos para levar os olhos acariciantes para o rosto grave do marido; e, às vezes, ao se encontrarem, os olhos dos dois esposos trocavam prazeres mudos e reflexões profundas. O rosto do general estava fortemente bronzado. Sua testa alta e pura era rasgada por algumas mechas de cabelos grisalhos. Os raios másculos de seus olhos azuis, a bravura inscrita nas rugas de suas faces murchas, anunciavam que conquistara arduamente a fita vermelha que brotava da botoeira de seu paletó. Naquele momento, as alegrias inocentes que seus dois filhos exprimiam refletiam-se em sua fisionomia vigorosa e firme, onde transparecia uma bonomia e uma candura indizíveis. Esse velho capitão voltara a ser criança sem muitos esforços. Não há sempre um pouco de amor pela infância nos soldados que experimentam as desgraças da vida para saber reconhecer as misérias da força e os privilégios da fraqueza?

Adiante, à frente de uma mesa redonda iluminada por lâmpadas astrais, cujas luzes vivas lutavam com os pálidos clarões das velas sobre a lareira, estava um menino de treze anos que virava rapidamente as páginas de um livro grande. Os gritos de seu irmão ou de sua irmã não o distraíam, e seu rosto acusava a curiosidade da juventude. Essa preocupação profunda era justificada pelas maravilhas sedutoras das *Mil e uma noites* e por um uniforme de estudante de liceu. Permanecia imóvel, em uma atitude de meditação, um cotovelo sobre a mesa e a cabeça apoiada em uma das mãos, os dedos brancos riscando a cabeleira castanha. A claridade caía direto sobre seu rosto, e o resto do corpo, por estar na escuridão, parecia um daqueles retratos negros em que Rafael se representou atento, recurvado, pensando no futuro.

Entre aquela mesa e a marquesa, uma bela moça alta trabalhava, sentada diante de um bastidor de tapeçaria sobre o qual inclinava e do qual afastava, alternadamente, a cabeça, cujos cabelos de ébano artisticamente penteados refletiam a luz. Hélène era por si só um espetáculo. Sua beleza distinguia-se por um raro caráter de força e elegância. Embora erguida de modo a desenhar traços vivos em torno da cabeça, a cabeleira era tão abundante que, rebelde aos dentes do pente, frisava-se com energia no alto do pescoço. Suas sobrancelhas, muito espessas e plantadas com regularidade, contrastavam com a brancura de sua testa pura. Tinha no lábio superior até alguns sinais de coragem, que desenhavam leve tom de bistre sob um nariz grego cujos contornos eram de uma extraordinária perfeição. Porém, o cativante arredondado das formas, a expressão cândida dos outros traços, a transparência de uma carnção delicada, a moleza voluptuosa dos lábios, o acabamento do oval descrito pelo rosto e sobretudo a santidade de seu olhar virgem, imprimiam naquela beleza vigorosa a suavidade feminina, a modéstia encantadora que pedimos a esses anjos de paz e de

amor. Não havia contudo nada de frágil nessa moça, e seu coração devia ser tão doce, sua alma tão forte quanto suas proporções eram magníficas e seu rosto atraente. Imitava o silêncio de seu irmão estudante de liceu e parecia presa de uma daquelas fatais meditações de moça, muitas vezes impenetráveis para a observação de um pai ou até para a sagacidade das mães; de modo que era impossível saber se era o caso de se atribuir ao jogo da luz ou a pesares secretos as sombras caprichosas que passavam por seu rosto como leves nuvens em um céu puro.

O marido e a mulher haviam naquele momento se esquecido por completo dos dois primogênitos. No entanto, várias vezes, o relance interrogativo do general abarcara a cena muda, que, em segundo plano, oferecia uma realização graciosa das esperanças escritas nos tumultos infantis colocados à frente desse quadro doméstico. Explicando a vida humana por gradações insensíveis, essas figuras compunham uma espécie de poema vivo. O luxo dos acessórios que decoravam a sala, a diversidade de atitudes, as oposições devidas a trajes de cores bem diversas, os contrastes desses rostos tão caracterizados por idades diferentes e pelos contornos que as luzes realçavam, espalhavam nessas páginas humanas todas as riquezas que se exigem dos escultores, dos pintores, dos escritores. Enfim, o silêncio e o inverno, a solidão e a noite emprestavam sua majestade a essa composição ingênua e sublime, efeito delicioso da natureza. A vida conjugal está cheia dessas horas sagradas cujo encanto indefinível talvez se deva a alguma lembrança de um mundo melhor. Os raios celestes decerto recaem sobre esse tipo de cena, destinada a compensar o homem por parte de seus pesares, a fazê-lo aceitar a existência. Parece que o universo está ali, diante de nós, sob uma forma encantadora, que ele desenvolve suas grandes ideias de ordem, que a vida social pleiteia por suas leis falando do futuro.

Entretanto, apesar do olhar enternecido de Hélène a Abel e Moína quando eclodia uma de suas alegrias, apesar da felicidade estampada em seu rosto lúcido quando contemplava furtivamente o pai, um sentimento de melancolia profunda marcava seus gestos, sua atitude e sobretudo seus olhos velados por longas pálpebras. Suas mãos brancas e fortes, através das quais a luz passava transmitindo-lhes uma vermelhidão diáfana e quase fluida, bem, suas mãos tremiam. Uma única vez, sem se provocarem mutuamente, seus olhos e os da marquesa se chocaram. As duas mulheres compreenderam-se então, por um olhar morno, frio, respeitoso em Hélène, sombrio e ameaçador na mãe. Hélène baixou imediatamente a vista para a tela, puxou a agulha com presteza e por muito tempo não tornou a erguer a cabeça, que parecia ter-se tornado pesada demais. A mãe era demasiado severa com a filha e julgava a severidade necessária? Tinha ciúmes da beleza de Hélène, com a qual ainda podia rivalizar, mas desdobrando todos os prestígios da toalete? Ou a filha surpreendera, como muitas filhas quando se tornam clarividentes, segredos que

aquela mulher, em aparência tão religiosamente fiel a seus deveres, acreditava ter enterrado em seu coração tão profundamente quanto em um túmulo?

Hélène chegara à idade em que a pureza da alma leva a tipos de rigidez que ultrapassam a medida certa na qual os sentimentos devem permanecer. Em alguns espíritos, os erros adquirem as proporções do crime; a imaginação reage sobre a consciência; muitas vezes, então, as moças exageram o castigo em virtude da extensão que dão aos crimes. Hélène parecia não se considerar digna de ninguém. Um segredo de sua vida anterior, talvez um acidente, a princípio não compreendido, mas desenvolvido pelas suscetibilidades de sua inteligência, sobre a qual influíam as ideias religiosas, ao que parece havia pouco tempo a tinham degradado romanescamente a seus próprios olhos. Essa mudança na sua conduta começara no dia em que lera, na recente tradução dos teatros estrangeiros, a bela tragédia de *Guilherme Tell*, de Schiller. Após ter ralhado com a filha por ter deixado o volume cair, a mãe observara que os danos provocados por essa leitura na alma de Hélène provinham da cena em que o poeta estabelece uma espécie de fraternidade entre Guilherme Tell, que derrama o sangue de um homem para salvar todo um povo, e João Parricida. Tendo se tornado humilde, devota e reclusa, Hélène não quis mais ir a bailes. Nunca fora tão afetuosa com o pai, principalmente quando a marquesa não era testemunha dessas ternuras. No entanto, se existia um resfriamento na afeição de Hélène pela mãe, era expresso com tanta sutileza que o general não perceberia, por mais cioso que fosse da união que reinava na família. Nenhum homem teria perspicácia suficiente para sondar a profundidade desses dois corações femininos: um jovem e generoso, o outro sensível e ativo; o primeiro, tesouro de indulgência, o segundo, cheio de sutileza e amor. Se a mãe entristecia a filha por um despotismo hábil de mulher, isto só era sensível para a vítima. De resto, só os acontecimentos deram origem a essas conjecturas, todas insolúveis. Até aquela noite, nenhuma luz de acusação escapara das duas almas; mas entre elas e Deus, certamente erguia-se algum mistério sinistro.

— Vamos, Abel — exclamou a marquesa, aproveitando um momento em que, silenciosos e cansados, Moína e o irmão permaneceram imóveis —, vamos, venha, meu filho, está na hora de dormir.

E, lançando-lhe olhar imperioso, pegou-o com força no colo.

— Como — disse o general —, são dez e meia, e nenhum de nossos criados voltou? Ah, que espertalhões! Gustave — acrescentou, voltando-se para o filho —, só lhe dei esse livro com a condição de que o largaria às dez horas; você deveria fechá-lo sozinho na hora combinada e ir para a cama como prometeu. Se quer ser um homem de respeito, deve transformar sua palavra em segunda religião e a ela se apegar como à sua honra. Fox, um dos grandes oradores da Inglaterra, destacou-se

principalmente pela grandeza de seu caráter. A fidelidade aos compromissos era a sua principal qualidade. Quando era criança, seu pai, inglês de velha estirpe, deu-lhe uma lição bem vigorosa, que impressionou para sempre o espírito do menino. Quando tinha a sua idade, Fox passava as férias na casa do pai, que dispunha, como todas as moradas de ingleses ricos, de um parque bastante considerável. Nesse parque havia um velho pavilhão, que seria derrubado e reconstruído em um lugar onde havia uma vista magnífica. As crianças gostam muito de ver demolições. O pequeno Fox quis gozar de mais alguns dias de férias para assistir à queda do pavilhão; mas seu pai exigia que voltasse ao colégio no dia estabelecido para o recomeço das aulas; briga entre pai e filho. A mãe, como todas as mães, apoiou o pequeno Fox. O pai então prometeu solenemente ao filho que esperaria as próximas férias para demolir o pavilhão. Fox voltou ao colégio. O pai acreditou que um menininho distraído com os estudos esqueceria o caso, mandou derrubar o pavilhão e o reconstruiu em outro lugar. O menino obstinado só pensava no pavilhão. Quando voltou à casa do pai, sua primeira preocupação foi ir ver a velha construção; mas voltou bem triste para o desjejum, e disse ao pai:

— O senhor me enganou.

O velho fidalgo inglês replicou, com uma confusão cheia de dignidade:

— É verdade, meu filho, mas repararei meu erro. Devemos ser mais apegados à palavra do que à fortuna; pois cumprir nossa palavra nos traz a fortuna, e todas as fortunas não apagam a mácula na consciência de uma falta de palavra.

O pai mandou reconstruir o velho pavilhão como era; após tê-lo reconstruído, ordenou que o derrubassem diante do filho. Que isto, Gustave, lhe sirva de lição.

Gustave, que ouvira o pai com atenção, fechou o livro no mesmo instante. Houve um momento de silêncio, durante o qual o general pegou Moïna, que se debatia contra o sono, e a colocou suavemente no colo. A menininha deixou a cabeça oscilante cair no peito do pai e ali adormeceu, envolvida nos cachos dourados de sua linda cabeleira. Naquele instante, passos rápidos ressoaram na rua, na terra; e, de repente, três batidas à porta despertaram os ecos da casa. Aquelas batidas prolongadas tinham um tom tão fácil de compreender quanto o grito de um homem em perigo de vida. O cão de guarda latiu, furioso. Hélène, Gustave, o general e sua mulher estremeceram; mas Abel, que sua mãe acabara de agasalhar, e Moïna, não acordaram.

— Esse aí está com pressa — exclamou o militar depositando a filha na *bergère*.

Saiu bruscamente da sala sem ouvir a súplica da mulher:

— Meu amigo, não vá...

O marquês passou por seu dormitório, pegou um par de pistolas, acendeu a lanterna, correu para a escada, desceu com a rapidez do raio e logo se encontrou à

porta da casa, seu filho seguindo-o intrepidamente.

— Quem está aí? — perguntou.

— Abra — respondeu uma voz quase sufocada pela respiração ofegante.

— O senhor vem em paz?

— Venho, amigo.

— Está sozinho?

— Estou, mas abra, *eles* estão vindo.

Um homem esgueirou-se pelo átrio na fantástica velocidade de uma sombra assim que o general entreabriu a porta; e, sem que este conseguisse evitar, o desconhecido obrigou-o a soltá-la com um vigoroso pontapé, nela se encostando com decisão, como que para impedir que tornasse a ser aberta. O general, que de repente ergueu a pistola e a lanterna para o peito do estranho a fim de mantê-lo sob controle, viu um homem de estatura mediana embrulhado em uma peliça forrada, traje de ancião, ampla e arrastando no chão, que parecia não ter sido feita para ele. Prudência ou acaso, a testa do fugitivo estava completamente recoberta por um chapéu que lhe caía sobre os olhos.

— Senhor — disse ao general —, abaixe o cano de sua pistola. Não pretendo ficar em sua casa sem seu consentimento; mas, se sair, a morte me espera na barreira. E que morte! O senhor seria responsável por ela perante Deus. Peço-lhe hospitalidade por duas horas. Pense bem, senhor, por mais que eu suplique, devo ordenar com o despotismo da necessidade. Quero a hospitalidade da Arábia. Que eu seja sagrado para o senhor. Senão, abra e irei morrer. Necessito de sigilo, abrigo e água. Ah, água! — repetiu, a voz agonizante.

— Quem é o senhor? — perguntou o general, surpreso com a volubilidade febril com que o desconhecido falava.

— Ah, quem sou? Bem, abra, vou-me embora — respondeu o homem com uma ironia infernal.

Apesar da habilidade com que o marquês manobrava os raios da lanterna, só via a parte de baixo do rosto, e nada nele pleiteava em favor de uma hospitalidade exigida com tanta singularidade: as faces tremiam, lívidas, os traços terrivelmente contraídos. Na sombra projetada pela borda do chapéu, os olhos desenhavam-se como dois clarões que quase fizeram empalidecer a luz já pálida da lanterna. Era preciso dar uma resposta.

— Senhor — disse o general —, sua linguagem é tão extraordinária que em meu lugar, o senhor...

— O senhor dispõe de minha vida — exclamou o estranho em tom de voz horrível, interrompendo seu anfitrião.

— Duas horas — disse o marquês, indeciso.

— Duas horas — repetiu o homem.

Mas, de repente, ele empurrou o chapéu em gesto de desespero, descobriu a testa e lançou, como se quisesse fazer uma última tentativa, um olhar cuja limpidez vívida penetrou a alma do general. Esse jorro de inteligência e vontade parecia um relâmpago e foi esmagador como o raio; pois existem momentos em que os homens são investidos de poder inexplicável.

— Tudo bem, quem quer que o senhor seja, estará seguro sob meu teto — tornou com gravidade o dono da morada, que acreditou estar obedecendo a um desses movimentos instintivos que o homem nem sempre sabe explicar.

— Deus lhe pague — acrescentou o desconhecido, deixando escapar um profundo suspiro.

— O senhor está armado? — perguntou o general.

Como resposta, o estranho, mal dando-lhe tempo de relancear sua peliça, abriu-a e tornou a fechá-la depressa. Aparentemente não portava armas e usava trajes de um rapaz que acaba de sair do baile. Embora o exame do militar desconfiado tenha sido rápido, o general viu o suficiente para exclamar:

— Por todos os diabos, como o senhor conseguiu se enlamear assim com um tempo tão seco?

— Mais perguntas! — respondeu o desconhecido, um ar de altivez.

Naquele momento, o marquês viu o filho e lembrou-se da lição que acabara de lhe ministrar sobre o cumprimento rígido da palavra dada; ficou tão contrariado com o fato que disse, em tom encolerizado:

— Como, seu atrevido, você está aí em vez de estar na cama?

— Achei que poderia ser útil para o senhor em caso de perigo — respondeu Gustave.

— Vá para o quarto — ordenou o pai, enternecido com a resposta do filho. — E o senhor — disse, dirigindo-se ao desconhecido —, acompanhe-me.

Ficaram em silêncio como dois jogadores que desconfiam um do outro. O general começou até a ter pressentimentos sinistros. O desconhecido já lhe pesava no coração como um pesadelo; mas, dominado pela fé na palavra dada, conduziu-o pelos corredores, pelas escadarias da casa e fez com que entrasse em um grande cômodo situado no segundo andar, precisamente acima da sala. O cômodo não habitado servia para secar roupa no inverno, não tinha comunicação com nenhum apartamento e sua única decoração nas quatro paredes amareladas era um péssimo espelho deixado sobre a lareira pelo proprietário anterior e outro grande espelho que, como o marquês não achasse utilidade para ele quando se mudou, foi colocado diante da lareira. O assoalho da vasta mansarda jamais fora varrido, a temperatura era glacial, e duas cadeiras desempalhadas constituíam toda a mobília. Após ter

pousado a lanterna no consolo da lareira, o general disse ao desconhecido:

— Sua segurança exige que esta mansarda miserável lhe sirva de abrigo. E, como o senhor tem minha palavra quanto ao segredo, vai me permitir que o tranque aqui.

O homem abaixou a cabeça em sinal de assentimento.

— Só lhe pedi abrigo, segredo e água — acrescentou.

— Vou trazer-lhe água — respondeu o marquês, que fechou a porta com cuidado e foi tateando até a sala para ali pegar um castiçal, a fim de ir ele mesmo buscar a garrafa de água na despensa.

— Ei, senhor, o que está acontecendo? — perguntou animadamente a marquesa ao marido.

— Nada, minha querida — respondeu o general com um ar frio.

— Mas ouvimos muito bem, o senhor acaba de conduzir alguém lá para cima.

— Hélène — tornou o general, olhando para a filha, que ergueu a cabeça em sua direção —, pense que a honra de seu pai repousa em sua discrição. Você não ouviu nada.

A moça respondeu por um movimento de cabeça significativo. A marquesa ficou desconcertada e irritada pela maneira como o marido acabara de lhe impor silêncio. O general foi pegar a garrafa, um copo e tornou a subir ao quarto onde estava o prisioneiro: encontrou-o de pé, encostado na parede perto da lareira, sem chapéu; jogara-o sobre uma das cadeiras. O estranho decerto não esperava ver-se tão iluminado. Sua fronte enrugou-se, e seu rosto mostrou preocupação quando seus olhos encontraram os olhos penetrantes do general; mas acalmou-se e assumiu uma fisionomia graciosa para agradecer a seu protetor. Quando este colocou o copo e a garrafa no consolo da lareira, o desconhecido, após ter-lhe lançado mais um olhar flamejante, rompeu o silêncio.

— Senhor — disse com uma voz suave, que não mais apresentava as convulsões guturais de antes, mas que ainda acusava tremor interno —, estou lhe parecendo estranho. Desculpe os caprichos necessários. Se ficar aqui, peço-lhe que não me olhe enquanto eu estiver bebendo.

Contrariado por ter sempre de obedecer a um homem que lhe desagradava, o general virou-se com brusquidão. O estranho tirou um lenço branco do bolso e com ele enrolou a mão direita; depois pegou da garrafa e bebeu de uma só vez seu conteúdo. Sem a intenção de infringir seu juramento tácito, o marquês olhou maquinalmente o espelho; então a correspondência dos dois espelhos permitiu abarcar o desconhecido por inteiro, e ele viu o lenço avermelhar-se de repente em contato com as mãos cheias de sangue.

— Ah, o senhor me olhou — exclamou o homem depois de beber e enrolar-se na peleja, examinando o general com ar desconfiado. — Estou perdido. *Eles* estão

vindo, estão chegando!

— Não estou ouvindo nada — disse o marquês.

— O senhor não está interessado, como eu, em ouvir no ar.

— O senhor então travou um duelo, para estar assim coberto de sangue? — perguntou o general, bastante impressionado ao distinguir a cor das grandes manchas que maculavam os trajes de seu hóspede.

— Sim, foi um duelo, como o senhor disse — repetiu o estranho, deixando um sorriso amargo vagar em seus lábios.

Naquele momento, o som de muitos cavalos a galope ressoou ao longe; mas o ruído era fraco como os primeiros clarões da manhã. O ouvido aguçado do general reconheceu a marcha de cavalos disciplinados pelo regime do esquadrão.

— São os gendarmes — disse.

Lançou sobre seu prisioneiro um olhar de natureza a dissipar as dúvidas que pudessem ter surgido de sua indiscrição involuntária, pegou a lanterna e voltou à sala. Mal colocou a chave da mansarda no consolo da lareira, o fragor produzido pela cavalaria aumentou e aproximou-se do pavilhão com uma rapidez que o fez estremecer. De fato, os cavalos detiveram-se à porta da casa. Após trocar algumas palavras com os colegas, um cavaleiro desceu, bateu rudemente e obrigou o general a ir abrir. Este não conseguiu dominar um receio secreto diante de seis gendarmes cujos chapéus bordados de prata reluziam à luz da lua.

— O senhor — perguntou-lhe um brigadeiro — não ouviu há pouco um homem correndo em direção à barreira?

— Em direção à barreira? Não.

— Não abriu a porta a ninguém?

— Será que tenho o hábito de eu mesmo abrir a porta?

— Perdão, general, nesse momento, parece-me que...

— Ah, é isso — exclamou o marquês em tom encolerizado —, o senhor está brincando comigo? O senhor tem o direito...

— Não, não, senhor — tornou mansamente o brigadeiro. — Desculpe nosso cuidado. Sabemos que um par de França não se expõe a receber um assassino a essa hora da noite; mas o desejo de obter informações...

— Um assassino! — exclamou o general. — E quem foi...

— O barão de Mauny acaba de ser morto por uma machadada — tornou o gendarme. — Mas o assassino está sendo perseguido. Temos certeza de que está nos arredores e vamos pegá-lo. Desculpe, general.

O gendarme falava enquanto tornava a montar, de modo que felizmente não lhe foi possível ver o rosto do general. Habitado a supor tudo, o brigadeiro talvez concebesse suspeitas pelo aspecto daquela fisionomia aberta onde apareciam com

tanta fidelidade os movimentos da alma.

— Sabe-se o nome do assassino? — perguntou o general.

— Não — respondeu o cavaleiro. — Deixou a escrivãzinha cheia de ouro e de notas de dinheiro sem tocar nelas.

— É uma vingança — disse o marquês.

— Bah, contra um velho? Não, não, esse malandro não teve tempo de dar o golpe.

E o gendarme juntou-se a seus companheiros, que já galopavam longe. O general permaneceu por um momento presa de perplexidades fáceis de compreender. Logo ouviu os criados voltando e brigando com uma espécie de ardor: suas vozes ressoavam na encruzilhada de Montreuil. Quando chegaram, sua cólera, que procurava um pretexto para se exprimir, recaiu sobre eles como um raio. Sua voz fez os ecos da casa tremarem. Em seguida, acalmou-se de repente, quando o mais ousado, o mais jeitoso, seu camareiro, desculpou-se pelo atraso deles dizendo-lhe que haviam sido detidos à entrada de Montreuil por gendarmes e policiais em busca de um assassino. O general calou-se. Depois, lembrando-se por essas palavras dos deveres de sua posição singular, ordenou secamente a todo seu pessoal que fosse se deitar imediatamente, deixando-os surpresos com a facilidade com que aceitara a mentira do camareiro.

Porém, enquanto esses acontecimentos ocorriam no pátio, um incidente aparentemente sem importância alterara a situação dos outros personagens dessa história. Mal o marquês saiu, sua mulher, relanceando alternadamente a chave da mansarda e Hélène, acabou dizendo em voz baixa, inclinando-se sobre a filha:

— Hélène, seu pai deixou a chave no consolo da lareira.

A moça, surpresa, ergueu a cabeça e olhou timidamente a mãe, cujos olhos crepitavam de curiosidade.

— E então, mamãe? — respondeu, a voz aflita.

— Gostaria de saber o que está acontecendo lá em cima. Se há alguém, ainda não se mexeu. Vá...

— Eu? — disse a moça com uma espécie de temor.

— Está com medo?

— Não, senhora, mas acho que ouvi os passos de um homem.

— Se eu mesma pudesse ir, não lhe pediria que subisse. Hélène — tornou a mãe com um tom de dignidade fria —; se seu pai voltar e não me encontrar, talvez vá me procurar, mas não vai perceber sua ausência.

— Mamãe — respondeu Hélène —, se a senhora me ordenar, obedecerei; mas perderei a consideração de meu pai...

— O quê! — disse a marquesa em tom de ironia. — Como está levando a sério o que não passava de brincadeira, agora ordeno que vá ver quem está lá em cima. Aqui

está a chave, filha. Embora nos tenha recomendado silêncio sobre o que está acontecendo neste momento em sua casa, seu pai não nos proibiu de subir àquele quarto. Vá e saiba que uma mãe jamais deve ser julgada pela filha...

Após pronunciar estas últimas palavras com toda a severidade de uma mãe ofendida, a marquesa pegou a chave e entregou-a a Hélène, que se levantou sem nada dizer e saiu da sala.

— Minha mãe sempre conseguirá obter seu perdão; mas eu estarei perdida diante de meu pai. Será que ela quer me privar da ternura que ele tem por mim, expulsar-me de sua casa?

Essas ideias fermentaram de repente em sua imaginação, enquanto caminhava no escuro ao longo do corredor, no fundo do qual se encontrava a porta do quarto misterioso. Quando ali chegou, a desordem de seus pensamentos apresentou algo de fatal. Essa espécie de meditação confusa serviu para extravasar mil sentimentos até então contidos dentro de seu coração. Talvez já não acreditando em um futuro feliz, ela acabou, naquele momento pavoroso, por perder as esperanças na vida. Tremeu convulsivamente ao aproximar a chave da fechadura, e sua emoção tornou-se tão forte a ponto de ela parar por um instante para pousar a mão sobre o coração, como se tivesse o poder de acalmar seus batimentos profundos e sonoros. Finalmente abriu a porta.

O ranger das dobradiças atingiu decerto em vão os ouvidos do assassino. Embora tivesse bom ouvido, ele permaneceu quase colado à parede, imóvel e como que perdido em seus pensamentos. O círculo de luz projetado pela lanterna iluminava-o debilmente, e ele parecia-se, naquela área de claro-escuro, com as estátuas sombrias de cavaleiros sempre de pé no canto de alguma sepultura negra sob as capelas góticas. Gotas de suor frio sulcavam sua fronte larga e amarelada. Uma audácia incrível brilhava naquele rosto fortemente contraído. Seus olhos de fogo, fixos e secos, pareciam contemplar um combate na escuridão diante dele. Pensamentos tumultuosos passavam depressa por aquele semblante, cuja expressão firme e precisa indicava uma alma superior. Seu corpo, sua atitude, suas proporções combinavam com seu gênio selvagem. Aquele homem era todo poder e força, e encarava as trevas como imagem visível de seu futuro.

Habituação a ver os rostos enérgicos dos gigantes que se comprimiam em torno de Napoleão e preocupado por uma curiosidade moral, o general não prestara atenção nas singularidades físicas daquele homem extraordinário; mas, sujeita, como todas as mulheres, às impressões exteriores, Hélène foi arrebatada pela mescla de luz e sombra, de grandiosidade e paixão, por um caos poético que proporcionava ao desconhecido a aparência de Lúcifer erguendo-se de sua queda. De repente, a tempestade impressa naquele rosto acalmou-se como que por mágica, e o domínio

indefinível de que aquele estranho era, talvez sem saber, o princípio e o efeito, espalhou-se em torno dele com a rapidez progressiva de uma inundação. Uma torrente de pensamentos emanaram de sua fronte no momento em que seus traços readquiriram as formas naturais. *Enfeitiçada* pela estranheza desse encontro ou pelo mistério no qual penetrava, a moça pôde então admirar uma fisionomia doce e cheia de interesse. Por um certo tempo, ela permaneceu em prestigioso silêncio e presa de perturbações até então desconhecidas de sua alma jovem. Mas logo, por ter Hélène deixado escapar uma exclamação, ou por ter feito um movimento; ou porque o assassino, retornando do mundo ideal ao mundo real, ouviu outra respiração além da sua, virou a cabeça em direção à filha do dono da casa e viu com nitidez na escuridão o rosto sublime e as formas majestosas de uma criatura que deve ter confundido com um anjo, por estar imóvel e turva como uma aparição.

— Senhor! — ela disse, a voz palpitante.

O assassino estremeceu.

— Uma mulher! — exclamou com suavidade. — Será possível? Afaste-se — tornou. — Não reconheço a ninguém o direito de me lamentar, de me absolver ou condenar. Devo viver só. Vá, criança — acrescentou com um gesto de soberano —, demonstraria pouca gratidão ao dono desta casa se deixasse um único de seus habitantes respirar o mesmo ar que eu. Devo me sujeitar às leis da sociedade.

Esta última frase foi pronunciada em voz baixa. Acabando de compreender com sua profunda intuição as misérias que essa ideia melancólica despertou, lançou sobre Hélène um olhar de serpente e remexeu no coração da moça singular um mundo de pensamentos ainda adormecidos nela. Foi como uma luz que lhe houvesse iluminado regiões desconhecidas. Sua alma foi fulminada, subjugada, sem que ela encontrasse forças para se defender do poder magnético daquele olhar, que no entanto fora derramado involuntariamente. Envergonhada e tremendo, saiu e só voltou à sala um instante antes do regresso de seu pai, de modo que nada pôde dizer à mãe.

O general, bem preocupado, passeava em silêncio, os braços cruzados, indo em um passo uniforme das janelas que davam para a rua às janelas do jardim. Sua mulher cuidava de Abel, que adormecera. Moína, pousada na *bergère* como um pássaro em seu ninho, dormia, indiferente. A irmã mais velha tinha uma bolota de seda na mão, uma agulha na outra, e contemplava o fogo. O profundo silêncio que reinava na sala, fora e dentro da casa, só era interrompido pelos passos arrastados dos criados, que um a um foram se deitar com algumas risadas abafadas, última repercussão de sua alegria e das bodas; em seguida, pelas portas dos respectivos quartos, no momento em que as abriram para conversar uns com os outros e quando as fecharam. Alguns ruídos surdos ainda ressoaram junto a suas camas. Uma cadeira

caiu. A tosse de um velho cocheiro repetiu-se e calou-se. Mas logo a majestade sombria que eclode na natureza adormecida à meia-noite predominou por toda parte. Só as estrelas brilhavam. O frio apoderara-se da terra. Nenhum ser falava, nem se mexia. Só o fogo sussurrava, como para que se compreendesse a profundidade do silêncio. O relógio de Montreuil deu uma hora. Nesse momento, passos extremamente leves ressoaram, fracos, no andar superior. O marquês e a filha, certos de terem trancado o assassino do senhor de Mauny, atribuíram esses movimentos a uma das mulheres e não ficaram surpresos ao ouvir abrirem-se as portas do cômodo que precedia o salão. De repente, o criminoso surgiu no meio deles. O estupor do marquês, a viva curiosidade da mãe e o pasmo da filha, tendo permitido que avançasse quase até o meio da sala, ele disse ao general com uma voz singularmente calma e melodiosa:

— Meu senhor, as duas horas vão expirar.

— O senhor aqui! — exclamou o general. — Como?

E, com um olhar terrível, interrogou a mulher e os filhos. Hélène ficou vermelha como o fogo.

— O senhor — tornou o militar em tom compenetrado —, o senhor no meio de nós! Um assassino coberto de sangue aqui! O senhor macula esse quadro! Saia, saia! — acrescentou, num tom furioso.

Ao ouvir a palavra assassino, a marquesa deu um grito. Quanto a Hélène, a palavra pareceu decidir sua vida, seu rosto não acusou o menor espanto. Parecia estar à espera daquele homem. Seus pensamentos tão vastos adquiriram um sentido. Cintilava a punição que os céus haviam reservado para seus delitos. Acreditando-se tão criminosa quanto aquele homem, a moça olhou-o, serena: era sua companheira, sua irmã. Para ela, uma ordem de Deus manifestava-se. Alguns anos depois, a razão prevaleceria sobre o remorso, mas naquele momento ele a tornava insensata. O estranho permaneceu imóvel e frio. Um sorriso de desdém desenhou-se em seus traços e em seus grossos lábios vermelhos.

— Reconhece mal a nobreza de meu procedimento com relação ao senhor — disse lentamente. — Nem quis tocar com minhas mãos o copo no qual o senhor me deu água para matar minha sede. Nem mesmo pensei em lavar minhas mãos cobertas de sangue sob o seu teto e dele saio só deixando a ideia de meu crime (a estas palavras, seus lábios se comprimiram), tentando passar aqui sem deixar rastros. Finalmente, nem mesmo deixei que sua filha...

— Minha filha! — exclamou o general, olhando horrorizado para Hélène. — Ah, infeliz, saia, ou mato-o.

— As duas horas não expiraram. O senhor não pode me matar ou me entregar sem perder seu próprio respeito e... o meu.

Ao ouvir esta última frase, o militar, estupefato, tentou contemplar o criminoso; foi obrigado porém a baixar os olhos, sentia-se sem condições de sustentar o brilho insuportável de um olhar que lhe desorganizava a alma pela segunda vez. De novo temeu fraquejar, reconhecendo que sua vontade já estava se debilitando.

— Matar um velho! O senhor jamais viu uma família? — disse então, mostrando-lhe com um gesto paternal sua mulher e filhos.

— Sim, um velho — repetiu o desconhecido, cuja fronte se contraiu levemente.

— Fuja! — exclamou o general sem ousar fitar o hóspede. — Nosso pacto está rompido. Não o matarei. Não! Jamais serei o provedor do cadafalso. Mas saia, o senhor me dá horror.

— Eu sei — respondeu o criminoso, resignado. — Não existe lugar na França onde eu possa pisar com segurança. Porém, se a justiça soubesse como Deus julgar com imparcialidade, se ela se dignasse a investigar quem é o monstro, se o assassino ou a vítima, eu permaneceria orgulhosamente entre os homens. O senhor não adivinha crimes anteriores em um homem que alguém acaba de matar a machadadas? Transformei-me em juiz e carrasco, substituí a justiça humana impotente. Foi esse meu crime. Adeus, senhor. Apesar da amargura em sua hospitalidade, conservarei essa lembrança. Ainda terei na alma um sentimento de gratidão por um homem no mundo, esse homem é o senhor... Mas gostaria que fosse mais generoso.

Ele foi até a porta. Naquele momento, a moça inclinou-se para a mãe e disse-lhe algo no ouvido.

— Ah!...

O grito de sua mulher fez o general estremecer, como se ele tivesse visto Moïna morta. Hélène estava de pé, e o assassino virara-se instintivamente, mostrando no rosto uma espécie de preocupação por aquela família.

— O que você tem, querida? — perguntou o marquês.

— Hélène quer acompanhá-lo — disse ela.

O assassino corou.

— Como minha mãe traduz tão mal uma exclamação quase involuntária — disse Hélène em voz baixa —, vou realizar seus desejos.

Após ter relanceado a seu redor com arrogância quase selvagem, a moça abaixou os olhos e permaneceu em uma admirável atitude de modéstia.

— Hélène — disse o general —, você foi lá em cima, ao quarto onde eu o tranquei?...

— Fui, meu pai.

— Hélène — inquiriu, com a voz alterada por um tremor convulsivo —, foi a primeira vez que viu esse homem?

— Sim, meu pai.

— Então, não é natural ter a intenção de...

— Se não é natural, pelo menos é verdadeira, meu pai.

— Ah, minha filha! — disse a marquesa em voz baixa, mas de maneira que o marido ouvisse. — Hélène, você está desobedecendo a todos os princípios de honra, de modéstia e de virtude que tentei desenvolver em seu coração. Se você só foi mentira até esta hora fatal, não há por que a lastimar. É a perfeição moral desse desconhecido que a tenta? Seria o tipo de poder necessário às pessoas que cometem um crime?... Respeito-a demais para supor...

— Ah, suponha tudo, senhora — respondeu Hélène em um tom frio.

Porém, apesar da força de caráter que demonstrava naquele momento, o fogo de seus olhos absorvia com dificuldade as lágrimas que lhe rolavam pelas faces. O estranho adivinhou a linguagem da mãe pelo pranto da moça e lançou seu olhar de águia sobre a marquesa, que foi obrigada, por um poder irresistível, a encarar aquele terrível sedutor. Ora, quando os olhos dessa mulher encontraram os olhos claros e brilhantes do homem, ela sentiu um arrepio semelhante à comoção que o aspecto de um réptil provoca em nós, ou quando tocamos em uma garrafa de Leyde.

— Meu amigo — gritou ao marido —, ele é um demônio! Ele adivinha tudo...

O general ergueu-se para agarrar o cordão da campainha.

— Ele vai perdê-lo — disse Hélène ao assassino.

O desconhecido sorriu, deu um passo, deteve o braço do marquês, obrigou-o a suportar um olhar que o deixou estupefato e o despojou de sua energia.

— Vou pagar sua hospitalidade — disse ele — e estaremos quites. Vou poupar-lhe uma desonra entregando-me eu mesmo. Afinal, o que faria agora na vida?

— O senhor pode arrepender-se — respondeu Hélène, dirigindo-lhe uma dessas esperanças que só brilham nos olhos de uma moça.

— Jamais me arrependerei — disse o assassino com uma voz sonora e erguendo a cabeça com altivez.

— As mãos dele estão tintas de sangue! — disse o pai à filha.

— Vou limpá-las — respondeu ela.

— Mas — retomou o general sem ousar apontar-lhe o desconhecido —, você ao menos sabe se ele a quer?

O assassino dirigiu-se a Hélène, cuja beleza, embora casta e recolhida, parecia iluminada por uma luz interior cujos reflexos coloriam e realçavam, por assim dizer, os menores traços e as linhas mais delicadas; após ter lançado sobre a criatura encantadora um olhar doce, cuja chama ainda era terrível, disse, traindo a vívida emoção:

— Não seria amá-la pelo que é e saldar as duas horas de existência que seu pai me

vendeu, se recusar sua dedicação?

— O senhor também me rejeita! — exclamou Hélène em um tom que dilacerou os corações. — Adeus a todos, vou morrer!

— O que isso quer dizer? — disseram-lhe ao mesmo tempo o pai e a mãe.

Ela permaneceu silenciosa e baixou os olhos após ter interrogado a marquesa com um relance eloquente. Desde o momento em que o general e a mulher tentaram combater pela palavra ou pela ação o estranho privilégio que o desconhecido se arrogava permanecendo no meio deles e em que o último lhes lançara a luz inesperada que jorrava de seus olhos, ele haviam caído em um torpor inexplicável; e sua razão entorpecida ajudava-os mal a rejeitar o poder sobrenatural sob o qual sucumbiam. Para eles, o ar tornara-se pesado, e eles respiravam com dificuldade, sem poder acusar aquele que assim os oprimia, embora uma voz interior não os deixasse ignorar que aquele homem mágico era o princípio de sua impotência. Em meio a essa agonia moral, o general adivinhou que seus esforços deveriam ter como objetivo influenciar a razão vacilante da filha; pegou-a pela cintura e transportou-a para o vão de uma janela, longe do assassino.

— Minha filha querida — disse-lhe em voz baixa —, se algum amor estranho nasceu de repente em seu coração, sua vida cheia de inocência, sua alma pura e piedosa deram-me provas demais de caráter para que eu acredite que não tenha a energia necessária para dominar um movimento de loucura. Sua conduta esconde um mistério. Bem, meu coração é um coração cheio de indulgência, você pode confiar-lhe tudo; mesmo que o dilacere, saberei, minha filha, calar meus sofrimentos e manter um silêncio fiel quanto à sua confissão. Será que tem ciúmes de nossa afeição por seus irmãos e por sua irmãzinha? Pesa em sua alma alguma desilusão amorosa? Sente-se infeliz aqui? Fale, explique-me os motivos que a levam a abandonar sua família, a deixá-la, a privá-la de seu maior encanto, a sair de perto de sua mãe, de seus irmãos, de sua irmãzinha.

— Meu pai — respondeu —, não estou nem com ciúmes, nem apaixonada por alguém, nem sequer por seu amigo diplomata, o senhor de Vandenesse.

A marquesa empalideceu, e a filha, que a observava, calou-se.

— Mais cedo ou mais tarde não irei viver sob a proteção de um homem?

— É verdade.

— Será que alguma vez sabemos — continuou — a quem ligaremos nosso destino? Eu acredito nesse homem.

— Filhinha — disse o general erguendo a voz —, você não está pensando em todos os sofrimentos que podem atingi-la.

— Penso nos dele...

— Que vida! — disse o pai.

— Uma vida de mulher — murmurou a filha.
— Você é bem sensata — exclamou a marquesa, recuperando a voz.
— Senhora, as perguntas me ditam respostas; porém, se quiser, falarei com mais clareza.

— Diga tudo, filha, sou sua mãe.

Neste ponto, a filha olhou para a mãe, e esse olhar fez a marquesa interromper seu discurso.

— Hélène, se tem alguma crítica a me fazer, prefiro aceitá-la a vê-la acompanhar um homem de quem todos fogem horrorizados.

— A senhora bem vê que, sem mim, ele vai ficar sozinho.

— Chega, senhora — exclamou o general. — Agora só temos uma filha!

E contemplou Moïna, que continuava dormindo.

— Vou trancá-la em um convento — acrescentou, virando-se para Hélène.

— Tudo bem, meu pai — respondeu com uma calma desesperadora. — Morrerei em um convento. O senhor será responsável por minha vida e pela alma *dele* perante Deus.

Um profundo silêncio sucedeu de repente essas palavras. Os espectadores desta cena, em que tudo feria os sentimentos vulgares da vida social, não ousavam olhar-se. De repente, o marquês viu suas pistolas, pegou uma, armou-a depressa e apontou-a para o estranho. Com o ruído que o gatilho fez, o desconhecido virou-se, lançou seu olhar calmo e penetrante sobre o general, cujo braço, entorpecido por uma moleza invencível, pendeu pesadamente, e a pistola escorregou para o tapete...

— Minha filha — disse então o pai, abatido por aquela luta terrível —, você está livre. Dê um beijo em sua mãe, se ela permitir. Quanto a mim, não quero mais vê-la, nem ouvir falar de você...

— Hélène — disse a mãe à jovem —, pense que ficará na miséria.

Uma espécie de estertor, saído do peito largo do criminoso, atraiu os olhares para ele. Em seu rosto, esboçara-se uma expressão de desdém.

— A hospitalidade que dei ao senhor está me custando muito! — exclamou o general levantando-se. — Há pouco o senhor matou um velho; agora, assassina uma família inteira. O que quer que aconteça, a infelicidade reinará nesta casa.

— E se sua filha for feliz? — perguntou o assassino, fixando o militar.

— Se for feliz com o senhor — respondeu o pai fazendo um esforço incrível —, não vou lamentá-la.

Hélène ajoelhou-se timidamente diante do pai, e disse-lhe, a voz afetuosa:

— Ó, meu pai, amo e venero o senhor, quer me prodigalize os tesouros de sua bondade, quer os rigores da condenação. Mas suplico-lhe que suas últimas palavras não sejam de raiva.

O general não ousou contemplar a filha. Naquele momento, o estranho avançou e, lançando sobre Hélène um sorriso em que havia ao mesmo tempo algo de infernal e celeste:

— Anjo de misericórdia, que não se apavora com um assassino, venha, já que insiste em confiar-me seu destino — disse.

— Inconcebível! — exclamou o pai.

A marquesa lançou sobre a filha um olhar extraordinário e abriu-lhe os braços. Hélène precipitou-se neles chorando.

— Adeus — disse ela —, adeus, minha mãe!

Hélène ousadamente fez um sinal ao estranho, que estremeceu. Após ter beijado a mão do pai e precipitadamente, mas sem prazer, Moïna e o pequeno Abel, desapareceu com o criminoso.

— Para onde irão? — exclamou o general, ouvindo os passos dos dois fugitivos. — Senhora — continuou, dirigindo-se à mulher —, acho que estou sonhando; essa aventura esconde um mistério para mim. A senhora deve sabê-lo.

A marquesa estremeceu.

— Há algum tempo — respondeu —, sua filha tornou-se extraordinariamente romanesca e singularmente exaltada. Apesar de meus cuidados para combater essa tendência de seu caráter...

— Isso não é claro...

Porém, imaginando ouvir no jardim os passos da filha e do estranho, o general parou de falar para abrir a janela precipitadamente.

— Hélène! — gritou.

A voz perdeu-se na noite como uma profecia vã. Pronunciando esse nome, ao qual nada mais respondia no mundo, o general rompeu, como por magia, o encantamento ao qual um poder diabólico o submetera. Um novo colorido subiu-lhe às faces. Viu com clareza a cena que acabara de acontecer e amaldiçoou sua fraqueza, que ele não compreendia. Um arrepio quente percorreu-lhe o coração, a cabeça, os pés, tornou a ser ele mesmo, terrível, e faminto por vingança, deu um grito horrível:

— Socorro! Socorro!

Correu para os cordões das campainhas, puxou-os até quase rompê-los depois de fazê-los tocar em sons estranhos. Todos os criados acordaram sobressaltados. Quanto a ele, sempre gritando, abriu as janelas da rua, chamou os gendarmes, encontrou suas pistolas, atirou com elas para acelerar a chegada dos cavaleiros, o despertar de seus criados e a vinda dos vizinhos. Os cães então reconheceram a voz de seu dono e latiram, os cavalos relincharam e bateram os cascos no chão. Foi um terrível tumulto no meio da noite calma. Descendo as escadas para correr atrás da

filha, o general viu seus criados assustados chegando de todos os lados.

— Minha filha! Hélène foi raptada. Procurem no jardim!

Vigiem a rua! Abram para os gendarmes! Peguem o assassino!

De imediato, em esforço raivoso, quebrou a corrente que prendia o grande cão de guarda.

— Hélène! Hélène! — disse-lhe.

O cão pulou como um leão, latiu com fúria e correu tão rápido pelo jardim, que o general não conseguiu acompanhá-lo. Naquele momento, o galope dos cavalos ressoou na rua, e o general tratou de abrir, ele mesmo.

— Brigadeiro — exclamou —, interrompa a fuga do assassino do senhor de Mauny. Eles estão em meus jardins. Rápido, cerque os caminhos do outeiro de Picardie, vou dar uma batida em todas as terras, parques, casas. Os senhores — disse a seus criados —, vigiem a rua e a linha desde a barreira até Versalhes. Vamos, todos!

Ele pegou um fuzil que seu camareiro lhe trouxe e correu para os jardins, gritando ao cão:

— Procure!

Latidos terríveis responderam-lhe ao longe, e ele foi na direção de onde pareciam vir os arquejos do cão.

Às sete horas da manhã, as buscas dos gendarmes, do general, de sua gente e dos vizinhos revelaram-se inúteis. O cão não voltara. Esgotado e já envelhecido pela dor, o marquês retornou à sala, deserta para ele, embora lá estivessem seus três outros filhos.

— A senhora foi bem fria com sua filha — disse, encarando a mulher. — Olhe o que nos resta dela! — acrescentou, mostrando-lhe o bastidor onde se via uma flor começada. — Estava aqui há pouco e agora está perdida, perdida!

Chorou, escondeu a cabeça entre as mãos e permaneceu silencioso por um momento, não ousando mais contemplar aquela sala que há pouco lhe oferecera o quadro mais suave da felicidade doméstica.

Os clarões da aurora lutavam com as lâmpadas agonizantes; as velas queimavam seus festões de papel, tudo combinava com o desespero daquele pai.

— Seria bom destruir isso — disse, após um momento de silêncio e mostrando o bastidor. — Não poderei ver mais nada do que a lembre para nós...

A terrível noite de Natal, durante a qual o marquês e sua mulher tiveram a infelicidade de perder sua filha mais velha sem conseguir se opor ao domínio estranho exercido por seu raptor involuntário, foi como um aviso do destino. A falência de um agente de câmbio arruinou o marquês. Ele hipotecou os bens da mulher para tentar uma especulação cujos lucros deveriam restituir a fortuna à família; mas esse empreendimento acabou de arruiná-lo. Levado pelo desespero a

tentar tudo, o general expatriou-se. Seis anos se haviam passado desde a sua partida. Embora a família raramente recebesse notícias suas, alguns dias antes do reconhecimento da independência das repúblicas americanas pela Espanha, anunciara sua volta.

Portanto, em uma linda manhã, alguns negociantes franceses, impacientes por voltar à pátria com as riquezas conquistadas à custa de árduos trabalhos e viagens perigosas no México ou na Colômbia, encontravam-se a algumas léguas de Bordeaux, em um brigue espanhol. Um homem, mais envelhecido pelo cansaço ou pela dor do que pelos anos, estava encostado na amurada e parecia insensível ao espetáculo que se oferecia aos olhos dos passageiros reunidos no convés. Tendo escapado dos perigos da navegação e convidados pela beleza do dia, todos haviam subido à ponte, como que para cumprimentar a terra natal.

A maioria deles queria ver de qualquer modo, ao longe, os faróis, os edifícios da Gascogne, a torre de Cordouan, mesclados com as criações fantásticas de algumas nuvens brancas que se erguiam no horizonte.

Sem a franja prateada que flutuava diante do brigue, sem a longa esteira apagada rapidamente que traçava atrás de si, os viajantes poderiam acreditar-se imóveis no meio do oceano, tanto o mar estava calmo. A pureza do céu era arrebatadora. A cor mais escura de sua abóbada chegava, por degradações insensíveis, a confundir-se com a cor das águas azuladas, marcando o seu ponto de união por uma linha cuja claridade cintilava com tanta vivacidade quanto a das estrelas. O sol fazia faiscar milhões de facetas na imensa extensão do mar, de modo que as vastas planícies de água talvez estivessem mais luminosas que os campos do firmamento. Todas as velas do brigue estavam enfunadas por um vento de suavidade maravilhosa, e esses panos tão brancos quanto a neve, esses pavilhões amarelos flutuantes, esse dédalo de cordas, desenhavam-se com uma precisão rigorosa contra o fundo brilhante do ar, do céu e do oceano, sem receber outras cores que não a das sombras projetadas pelas nuvens vaporosas. Um belo dia, um vento fresco, a visão da pátria, um mar tranquilo, um murmúrio melancólico, um belo brigue solitário deslizando pelo oceano, como uma mulher que voa para um encontro, era um quadro cheio de harmonias, uma cena onde a alma humana podia abarcar espaços imutáveis, partindo de um ponto onde tudo era movimento. Havia surpreendente oposição de solidão e vida, de silêncio e ruído, sem que se pudesse saber onde estava o ruído e a vida, o nada e o silêncio; nem uma voz humana rompia o encanto celeste. O capitão espanhol, seus marinheiros, os franceses estavam sentados ou de pé, todos mergulhados em um êxtase religioso cheio de lembranças. Havia preguiça no ar. Os rostos exuberantes acusavam esquecimento completo dos males passados, e esses homens balançavam sobre esse navio suave como em um sonho de ouro.

Entretanto, de tempos em tempos, o velho passageiro, encostado na amurada, olhava o horizonte com uma espécie de inquietação. Havia desconfiança do destino em todos os seus traços, e ele parecia temer não chegar a tempo à terra francesa. Esse homem era o marquês. A sorte não fora surda aos gritos e esforços de seu desespero. Após cinco anos de tentativas e trabalhos penosos, tornara-se proprietário de uma fortuna considerável. Em sua impaciência de voltar a seu país e levar a felicidade à sua família, seguira o exemplo de alguns negociantes franceses de Havana, embarcando com eles em uma nau espanhola cujo destino era Bordeaux. Sua imaginação, cansada de prever o mal, traçava-lhe as imagens mais deliciosas da felicidade passada. Ao ver ao longe a linha castanha esboçada pela terra, acreditava contemplar sua mulher e os filhos. Estava em seu lugar, em casa, e sentia-se abraçado, acariciado. Imaginava Moína bela, crescida, imponente como uma moça. Quando esse quadro fantástico adquiriu uma espécie de realidade, lágrimas caíram-lhe dos olhos; então, para esconder a comoção, fitou o horizonte úmido, oposto à linha brumosa que anunciava a terra.

— É ele — disse —, está nos seguindo.

— Quem? — perguntou o capitão espanhol.

— Um navio — continuou o general em voz baixa.

— Já o havia visto ontem — respondeu o capitão Gomez.

Ele contemplou o francês como que o interrogando.

— Ele sempre nos persegue — disse então no ouvido do general.

— E não sei por que jamais nos alcançou — tornou o velho militar —, pois é um veleiro melhor que seu maldito Saint-Ferdinand.

— Deve ter sofrido avarias, um rombo.

— Está nos alcançando! — exclamou o francês.

— É um corsário colombiano — disse-lhe o capitão ao ouvido. — Estamos ainda a seis léguas da terra, e o vento está enfraquecendo.

— Ele não navega, voa, como se soubesse que daqui a duas horas sua presa vai escapar. Que ousadia!

— Ele? — exclamou o capitão. — Ah, não é por acaso que se chama Othello. Há pouco afundou uma fragata espanhola e não tem mais de trinta canhões! Só dele eu tinha medo, pois não ignorava que andava pelas Antilhas... Ah! Ah — tornou, após uma pausa durante a qual contemplou as velas de sua nau —, o vento está voltando. Vamos chegar. Temos que chegar, o parisiense não vai ter piedade.

— Ele também está chegando! — respondeu o marquês.

O Othello estava a menos de três léguas. Embora a tripulação não tivesse ouvido a conversa do marquês com o capitão Gomez, o aparecimento do veleiro levava a maioria dos marinheiros e passageiros para o local onde os dois interlocutores

estavam; contudo, quase todos, considerando o brigue uma embarcação de comércio, viam-no aproximar-se com interesse, quando de repente um marinheiro exclamou de modo enérgico:

— Por São Tiago! Estamos fritos, é o capitão parisiense.

A esse nome terrível, o terror se espalhou pelo brigue, e foi uma confusão que nada conseguiria exprimir. O capitão espanhol incutiu com suas palavras energia momentânea em seus marinheiros; e, nesse perigo, querendo alcançar a terra a qualquer preço, tentou içar todas as velas de cutelo, altas e baixas, a boreste e bombordo, para apresentar ao vento toda a superfície de tecido que guarnecia suas vergas. Mas as manobras só foram realizadas com grande dificuldade; faltava-lhes naturalmente aquela ação conjunta admirável que tanto seduz em uma nau de guerra. Embora o Othello voasse como uma andorinha, graças à orientação de suas velas, aparentemente avançava tão pouco que os pobres franceses ainda acalentavam doces ilusões. De repente, no momento em que, após esforços inauditos, o Saint-Ferdinand conquistava novo impulso após hábeis manobras das quais o próprio Gomez participou com os gestos e a voz, por uma manobra errada no leme, provavelmente voluntária, o timoneiro colocou o brigue de través. As velas, batidas de lado pelo vento, drapejaram então tão bruscamente que os botalós se quebraram, e o navio ficou completamente desarvorado. Uma raiva inexprimível fez com o capitão ficasse mais branco do que suas velas. De um salto, pulou sobre o timoneiro, tentando atingi-lo com tanta fúria com seu punhal que não o acertou, mas precipitou-o no mar; em seguida pegou o leme e tratou de remediar a desordem terrível que revolucionara seu navio bravo e corajoso. Lágrimas de desespero escorriam-lhe pelas faces; pois sentimos mais dor com uma traição que acaba com um resultado do nosso talento do que com a morte iminente. Porém, quanto mais o capitão blasfemava, menos conseguia reparar os danos. Ele próprio puxou o canhão de alarme, esperando ser ouvido na costa. Naquele momento, o corsário, que chegava a uma velocidade desesperadora, respondeu por um canhonaço cuja bala veio expirar a dez toesas do Saint-Ferdinand.

— Com mil raios! — exclamou o general. — Que pontaria! Suas caronadas parecem feitas sob encomenda.

— Oh, esse aí, o senhor sabe, quando fala, é bom a gente se calar — respondeu um marinheiro. — O parisiense não temeria nem mesmo uma nau inglesa.

— Cale-se! — exclamou o capitão, em tom de desespero: tendo assestado seu telescópio, nada distinguiu do lado da terra. — Estamos mais longe da França do que eu acreditava.

— Para que se afligir? — tornou o general. — Todos os seus passageiros são franceses, fretaram sua embarcação. Esse corsário é um parisiense, como o senhor

disse; bem, ize a bandeira branca e...

— E ele vai nos afundar — respondeu o capitão. — De acordo com as circunstâncias, não somos tudo o que é necessário se ele quiser se apropriar de uma presa rica?

— Ah, se for um pirata...

— Pirata! — proferiu o marinheiro, arredio. — Ah, está sempre conforme as regras, ou sabe arranjar as coisas.

— Bem — exclamou o general erguendo os olhos para o céu —, então temos de nos resignar.

E ainda teve força suficiente para conter as lágrimas.

Assim que terminou de falar, um segundo canhão, mais bem visado, enviou sobre o casco do Saint-Ferdinand uma bala que o atravessou.

— Vamos nos pôr de capa — disse o capitão, com um ar triste.

E o marinheiro que defendera a honestidade do parisiense ajudou com muita inteligência essa manobra desesperada. A tripulação esperou uma mortal meia hora, presa da consternação mais profunda. O Saint-Ferdinand carregava quatro milhões de piastras que formavam a fortuna de cinco passageiros, a do general sendo de mil e cem francos. Finalmente, o Othello, que se encontrava então a dez tiros de fuzil, mostrou com distinção as bocas ameaçadoras de doze canhões prontos para atirar. Parecia ser carregado por um vento que o diabo soprava de propósito para ele; porém, o olho de um marinheiro hábil adivinhava com facilidade o segredo daquela velocidade. Bastava contemplar por um momento o impulso do brigue, sua forma alongada, sua estreiteza, a altura de sua mastreação, o corte das velas, a leveza admirável da enxárcia e a facilidade com a qual seu mundo de marinheiros, unidos como um único homem, manobrava a orientação perfeita da superfície branca apresentada por suas velas. Tudo anunciava uma incrível segurança de potência naquela criatura esbelta de madeira, tão rápida, tão inteligente quanto um corcel ou alguma ave de rapina. A tripulação do corsário estava silenciosa e pronta, em caso de resistência, para devorar a pobre embarcação mercante que, felizmente para ela, manteve-se imóvel, como um estudante a quem o mestre pega fazendo algo errado.

— Temos canhões! — exclamou o general apertando a mão do capitão espanhol.

Este lançou ao velho militar um olhar cheio de coragem e desespero:

— E os homens?

O marquês olhou a tripulação do Saint-Ferdinand e estremeceu. Os quatro negociantes estavam pálidos, tremiam; os marinheiros, agrupados em torno de um deles, pareciam combinar optar pelo Othello; contemplavam o corsário com uma curiosidade cúpida. O contramestre, o capitão e o marquês eram os únicos a trocar, entreolhando-se, pensamentos generosos.

— Ah, capitão Gomez, em outros tempos despedi-me de meu país e de minha família, o coração cheio de amargura; será necessário abandoná-los de novo no momento em que trago a alegria e a felicidade a meus filhos?

O general virou-se para lançar ao mar uma lágrima de raiva e ali avistou o timoneiro nadando em direção ao corsário.

— Desta vez — respondeu o capitão —, provavelmente o senhor irá despedir-se para sempre.

O francês espantou o espanhol pelo olhar estúpido que lhe dirigiu. Naquele momento, os dois barcos estavam quase lado a lado; e, pelo aspecto da tripulação inimiga, o general acreditou na profecia fatal de Gomez. Havia três homens em torno de cada peça de artilharia. Com sua postura atlética, seus traços angulosos, seus braços nus e nervosos, pareciam estátuas de bronze. A morte assassiná-los-ia sem derrubá-los. Os marinheiros, bem armados, ativos, desenvoltos e vigorosos, permaneciam imóveis. Todos aqueles rostos enérgicos estavam bem queimados de sol, endurecidos pelos trabalhos. Os olhos brilhavam como tantas pontas de fogo e anunciavam inteligências enérgicas, alegrias infernais. O profundo silêncio que reinava no tombadilho, preto de homens e chapéus, acusava a disciplina implacável sob a qual uma vontade forte curvava esses demônios humanos. O chefe estava ao lado do grande mastro, de pé, os braços cruzados, sem armas; a seus pés só havia um machado. Na cabeça, para se proteger do sol, usava um chapéu de feltro de abas grandes, cuja sombra lhe escondia o rosto. Como cães deitados diante de seus donos, canhoneiros, soldados e marinheiros voltavam alternadamente os olhos para o capitão e para o navio mercante. Quando os dois brigues se tocaram, o abalo arrancou o corsário de seu devaneio, e ele falou algo ao ouvido de um jovem oficial que se mantinha a dois passos dele.

— Os arpéus de abordagem! — gritou o imediato.

E o Saint-Ferdinand foi enganchado pelo Othello em velocidade milagrosa. De acordo com as ordens dadas em voz baixa pelo corsário e repetidas pelo imediato, os homens designados para cada serviço foram, como seminaristas caminhando para a missa, para o tombadilho da presa amarrar as mãos dos marinheiros, dos passageiros, e apoderar-se dos tesouros. Em um minuto, tonéis cheios de piastras, os víveres e a tripulação do Saint-Ferdinand foram transportados para a ponte do Othello. O general sentiu estar sonhando quando se viu com as mãos amarradas e jogado sobre um balote, como se ele próprio fosse uma mercadoria. Houvera uma conversa entre o corsário, seu imediato e um dos marinheiros que parecia cumprir as funções de contramestre. Quando a discussão, que durou pouco, terminou, o marinheiro assobiou para seus homens; a partir de uma ordem que ele lhes deu, os marujos saltaram para o Saint-Ferdinand, escalaram os cordames, começaram a despojá-lo de

suas vergas, velas, aprestos, com tanta presteza quanto um soldado que no campo de batalha despe um colega morto cujos sapatos e capote eram objeto de sua cobiça.

— Estamos perdidos — disse friamente ao marquês o capitão espanhol, que espiara os gestos dos três chefes durante a deliberação e os movimentos dos marinheiros que procediam à pilhagem regular de seu brigue.

— Como? — perguntou o general com frieza.

— O que o senhor quer que façam conosco? — respondeu o espanhol. — Decerto acabam de reconhecer que venderiam o Saint-Ferdinand com dificuldade nos portos da França ou da Espanha e vão afundá-lo para que o barco não os incomode. Quanto a nós, o senhor acha que vão tratar de alimentar-nos se não sabem em que porto abordar?

Mal o capitão acabara de falar, o general ouviu um clamor horrível, seguido do ruído surdo provocado pela queda de vários corpos no mar. Virou-se e não viu mais os quatro negociantes. Oito canhoneiros, os rostos cruéis, ainda estavam com os braços levantados quando o militar os olhou com terror.

— Eu lhe avisei — observou com frieza o capitão espanhol.

O marquês ergueu-se com brusquidão, o mar retornara à sua calma, nem mesmo conseguiu ver o lugar onde seus pobres companheiros haviam sido engolidos, rolavam naquele momento, pés e punhos amarrados, sob as ondas, se é que os peixes já não os haviam devorado. A alguns passos dele, o pérfido timoneiro e o marinheiro do Saint-Ferdinand que louvara há pouco o poder do capitão parisiense confraternizavam com os corsários, apontando os marinheiros do brigue que eles reconheciam como dignos de serem incorporados à tripulação do Othello; quanto aos outros, dois grumetes amarravam-lhes os pés, apesar das terríveis blasfêmias. Terminada a triagem, os oito canhoneiros pegaram os condenados e lançaram-nos sem cerimônia ao mar. Os corsários olhavam com uma curiosidade maliciosa as diferentes maneiras como aqueles homens caíam, suas caretas, sua última tortura; seus rostos porém não traíam nem zombaria, nem surpresa, nem piedade. Para eles, era um acontecimento bem simples, ao qual pareciam acostumados. Os mais velhos preferiam contemplar, com um sorriso sombrio e fixo, os tonéis cheios de piastras depostos ao pé do mastro principal. O general e o capitão Gomez, sentados em um balote, consultavam-se em silêncio por um olhar quase inexpressivo. Logo constataram que eram os únicos sobreviventes da tripulação do Saint-Ferdinand. Os sete marujos escolhidos pelos dois espiões entre os marinheiros espanhóis já se haviam metamorfoseado alegremente em peruanos.

— Que patifes atrozes! — exclamou de repente o general, em quem uma indignação leal e generosa fez calar a dor e a prudência.

— Estão obedecendo à necessidade — respondeu Gomez com frieza. Se o senhor

encontrasse um desses homens, não os traspassaria com a espada?

— Capitão — disse o imediato, voltando-se para o espanhol —, o parisiense ouviu falar do senhor. Ele diz que o senhor é o único homem que conhece bem os canais das Antilhas e as costas do Brasil. O senhor gostaria...

O capitão interrompeu o jovem imediato com uma exclamação de desprezo e respondeu:

— Vou morrer como marinheiro, como espanhol fiel, como cristão, está ouvindo?

— Ao mar! — gritou o jovem.

A essa ordem, dois canhoneiros agarraram Gomez.

— Os senhores são uns covardes! — exclamou o general, detendo os dois corsários.

— Meu velho — disse-lhe o imediato —, não se irrite demais. Se sua fita vermelha impressionou um pouco nosso capitão, a mim pouco importa... Daqui a pouco também teremos nossa conversinha.

Naquele momento, um ruído surdo, ao qual não se mesclou nenhuma queixa, fez com que o general compreendesse que o bom Gomez morrera como marinheiro.

— Minha fortuna ou a morte! — gritou em um terrível acesso de cólera.

— Ah, o senhor é razoável — respondeu-lhe o corsário brincando. — Agora tem certeza de obter algo de nós.

A um sinal do imediato, dois marinheiros trataram de amarrar os pés do francês; mas este, repelindo-os com audácia imprevista, arrancou, com um gesto que ninguém esperava, o sabre que o imediato carregava ao lado e começou a utilizá-lo com a desenvoltura de velho general de cavalaria que conhece sua profissão.

— Ah, bandidos, não vão jogar ao mar um veterano de Napoleão como uma ostra.

Os tiros de pistola, disparados quase à queima-roupa, sobre o francês recalcitrante, chamaram a atenção do parisiense, então ocupado em supervisionar o transporte dos aprestos que ele ordenou tomar do Saint-Ferdinand. Sem comoção, veio pegar por trás o corajoso general, ergueu-o depressa e arrastou-o para a amurada, disposto a jogá-lo na água como um refugo. Neste momento, o general encontrou o olhar selvagem do raptor de sua filha. Pai e genro reconheceram-se de imediato. Dando a seu impulso movimento contrário ao que imprimira, como se o marquês nada pesasse, em vez de precipitá-lo no mar, o capitão colocou-o de pé junto ao grande mastro. Um murmúrio ergueu-se no tombadilho; mas então o corsário lançou um único olhar à sua gente, e de repente reinou o mais profundo silêncio.

— É o pai de Hélène — disse o capitão, a voz clara e firme. — Infeliz daquele que não o respeitar.

Um trovão de aclamações alegres ressoou no tombadilho e subiu aos céus como cântico religioso, como o primeiro brado do *Te Deum*. Os grumetes balançaram nos cordames, os marinheiros jogaram seus bonés para cima, os canhoneiros bateram os pés no chão, todos agitaram-se, gritaram, assobiaram, blasfemaram. A expressão fanática daquela alegria deixou o general inquieto e sombrio. Atribuindo esse sentimento a algum mistério horrível, quando recuperou a voz, seu primeiro grito foi:

— Minha filha, onde está?

O corsário lançou sobre o general um daqueles olhares profundos que, sem que se consiga adivinhar por quê, sempre transtornam as almas mais intrépidas; fez o marquês calar-se, para grande satisfação dos marinheiros, encantados por verem o poder de seu chefe exercer-se sobre todas as criaturas, conduziu-o a uma escada, fez com que descesse e postou-o diante da porta de uma cabine que empurrou energicamente, dizendo:

— Ei-la.

Depois desapareceu, deixando o velho militar mergulhado em uma espécie de estupor diante do quadro que se ofereceu a seus olhos. Ao ouvir abrirem a porta do quarto com brusquidão, Hélène levantara-se do divã no qual repousava; avistou o marquês e deu um grito de surpresa. Estava tão mudada que só os olhos de um pai a reconheceriam. O sol dos trópicos havia embelezado seu rosto branco com um tom moreno, de colorido maravilhoso, que lhe dava expressão poética, e dele transpirava um ar de grandeza, uma firmeza majestosa, um sentimento profundo com o qual a alma mais grosseira ficaria impressionada. Sua cabelosa longa e abundante, caindo em grandes caracóis pelo seu pescoço cheio de nobreza, acrescentava imagem de força à altivez daquele rosto. Em sua postura, em seus gestos, Hélène deixava transparecer a consciência que tinha de seu poder. Uma satisfação triunfal inflava levemente suas narinas róseas, e a felicidade tranquila estava impressa em todos os desenvolvimentos de sua beleza. Nela havia ao mesmo tempo algo da suavidade de uma virgem e essa espécie de orgulho peculiar das bem-amadas. Escrava e soberana, queria obedecer porque podia reinar. Estava vestida com uma magnificência plena de encanto e de elegância. A musselina das Índias constituía toda a sua toalete; mas seu divã e suas almofadas eram de caxemira, embora um tapete persa enfeitasse o assoalho da vasta cabine e seus quatro filhos brincassem a seus pés construindo castelos estranhos com colares de pérolas, joias preciosas, objetos de valor. Alguns vasos de porcelana de Sèvres, pintados pela senhora Jaquotot, continham flores raras perfumadas: eram jasmims do México, camélias, entre as quais pequenos pássaros da América esvoaçavam, domesticados, e pareciam ser de rubis, safiras, ouro animado. Havia um piano fixado naquele salão, e, em suas paredes de madeira, revestidas de

seda amarela, viam-se aqui e ali quadros pequenos, mas dos melhores pintores: um pôr do sol, de Gudín, encontrava-se ao lado de um Terburg; uma Virgem de Rafael lutava em poesia com um esboço de Girodet; um Gérard Dow eclipsava um Drolling. Na mesa em laca da China encontrava-se uma travessa de ouro cheia de frutos deliciosos. Em suma, Hélène parecia ser a rainha de um grande império naquele *boudoir*, no qual seu amante coroadado reuniu os objetos mais elegantes da terra. As crianças fixaram no avô olhos de vivacidade penetrante; e, habituados que estavam a viver em meio a combates, tempestades e tumultos, pareciam aqueles pequenos romanos curiosos por guerra e sangue que David pintou em seu quadro de Brutus.

— Como é possível? — exclamou Hélène, agarrando o pai, como que para ter certeza da realidade daquela visão.

— Hélène!

— Meu pai!

Caíram nos braços um do outro, e o abraço do velho não foi o mais forte, nem o mais afetuoso.

— O senhor estava naquele barco?

— Estava — respondeu, o ar triste, sentando-se no divã e olhando as crianças que, reunidas a seu redor, consideravam-no com uma atenção ingênua. — Eu estaria morto, não fosse...

— Não fosse meu marido — disse ela, interrompendo-o —, já adivinhei.

— Ah — exclamou o general —, por que foi necessário que eu tornasse a encontrá-la assim, minha Hélène, a você, por quem tanto chorei! Deverei continuar gemendo por seu destino.

— Por quê? — perguntou ela sorrindo. — O senhor não fica contente em saber que sou a mulher mais feliz do mundo?

— Feliz! — exclamou ele, com um sobressalto de surpresa.

— Sim, meu pai — tornou Hélène, pegando suas mãos, beijando-as, apertando-as em seu seio palpitante e acrescentando a essa carícia um movimento com a cabeça que seus olhos crepitantes de prazer tornaram ainda mais significativo.

— Como? — perguntou ele, curioso por saber da vida da filha, e esquecendo-se de tudo diante daquela fisionomia resplandecente.

— Escute, meu pai — respondeu ela —, meu amante, meu esposo, meu criado, meu senhor é um homem cuja alma é vasta como esse mar sem limites, fértil em doçuras como o céu, um deus, em suma! Em sete anos, jamais lhe escapou uma palavra, um sentimento, um gesto que produzisse dissonância com a harmonia divina de seus discursos, de suas carícias e de seu amor. Sempre me contemplou com um sorriso amigo nos lábios e um raio de alegria no olhar. Lá em cima, sua voz

vigorosa domina muitas vezes o urro da tempestade ou o tumulto dos combates; mas aqui é suave e melodiosa como a música de Rossini, cujas obras chegam até mim. Obtenho tudo o que os caprichos de uma mulher podem inventar. Às vezes, meus desejos são até superados. Enfim, reino sobre o mar e aqui sou obedecida como uma soberana. Ah, feliz — continuou, interrompendo a si mesma —, feliz não é uma palavra que consiga exprimir minha felicidade. Desempenho o papel de todas as mulheres! Sentir um amor, uma dedicação imensa por aquele a quem se ama e encontrar no coração *dele* um sentimento infinito em que a alma de uma mulher se perde, e sempre! Diga: é felicidade? Já vivi mil existências. Aqui estou sozinha, aqui comando. Jamais uma criatura de meu sexo pôs os pés nessa nau nobre onde Victor sempre está a alguns passos de mim. Não pode se afastar mais de mim do que da popa à proa — retomou, com uma expressão sutil de malícia. — Sete anos! Um amor que resiste durante sete anos a essa alegria perpétua, a essa prova de todos os instantes, é amor? Não, oh, não, é melhor do que tudo o que conheço da vida... não há palavras na linguagem humana para exprimir uma felicidade celestial.

Uma torrente de lágrimas escapou de seus olhos inflamados. Então, as quatro crianças deram um grito queixoso, acorreram para ela, como filhotes para sua mãe, e o mais velho bateu no general com ar ameaçador.

— Abel — disse ela —, meu anjo, estou chorando de alegria.

Ela pegou-o no colo, a criança acariciou-a com familiaridade, passando seus braços em torno do pescoço majestoso de Hélène, como o leãozinho que quer brincar com a mãe.

— Não se aborrece? — exclamou o general, pasmo com a resposta exaltada da filha.

— Aborreço-me — respondeu —, em terra, quando desembarcamos; e olhe que jamais abandonei meu marido.

— Mas você gostava de festas, bailes, música...

— A música é a voz dele; minhas festas, os adornos que invento para ele. Quando uma toalete lhe agrada, é como se a terra inteira me admirasse! É só por isso que não jogo ao mar esses diamantes, esses colares, esses diademas de pedras, essas riquezas, essas flores, essas obras-primas das artes que ele me dá de presente dizendo-me: “Hélène, como não frequenta a sociedade, quero que a sociedade venha até você”.

— Mas a bordo há homens, homens audaciosos, terríveis, cujas paixões...

— Compreendo o seu ponto de vista, meu pai — disse ela, sorrindo. — Fique tranquilo. Jamais imperatriz no mundo foi cercada de tanta consideração quanto a com que me prodigalizam. Essa gente é supersticiosa; acredita que sou a fada madrinha deste navio, de seus empreendimentos, de seus sucessos. Mas *ele* é que é o deus deles! Um dia, uma única vez, um marinheiro faltou-me com respeito... em

palavras — acrescentou rindo. — Antes que Victor ficasse sabendo, a tripulação lançou-o ao mar, apesar de meu perdão. Gostam de mim como de seu anjo bom, cuido deles em suas doenças, tive a felicidade de salvar alguns da morte, velando-os com uma perseverança de mulher. Essa pobre gente é ao mesmo tempo gigante e criança.

— E quando há combates?

— Estou acostumada — respondeu. — Só tremi com o primeiro. Agora minha alma já se acostumou ao perigo e até... sou sua filha — disse —, eu o amo.

— E se ele morrer?

— Eu morreria também.

— E seus filhos?

— São filhos do oceano e do perigo, compartilham a vida dos pais. Somos um só, não nos cindimos. Todos vivemos a mesma vida, todos estamos inscritos na mesma página, navegamos no mesmo esquite, sabemos disso.

— Você o ama, portanto, a ponto de preferi-lo a tudo?

— A tudo — repetiu. — Mas não sondemos esse mistério. Olhe, essa criança querida, bem, é novamente *ele*!

Apertando Abel com vigor extraordinário, imprimiu-lhe beijos devoradores nas faces, nos cabelos.

— Mas — exclamou o general —, não consigo me esquecer de que ele acaba de mandar jogar nove pessoas ao mar.

— Com certeza, era preciso — retorquiu Hélène —, porque ele é humano e generoso. Derrama o mínimo de sangue possível para conservar os interesses do mundinho que protege e pela causa sagrada que defende. Fale com ele sobre o que lhe parece ruim e vai ver que ele saberá fazê-lo mudar de ideia.

— E seu crime? — disse o general, como se falasse sozinho.

— E se fosse uma virtude? — replicou ela com uma dignidade fria. — Se a justiça dos homens não conseguisse vingá-lo?

— Vingar-se por conta própria! — exclamou o general.

— E o que é o inferno — perguntou ela —, senão uma vingança eterna por alguns delitos de um só dia!

— Ah, você está perdida. Ele enfeitiçou-a, perverteu-a. Você perdeu a sensatez.

— Fique aqui um dia, meu pai, e se quiser escutá-lo, considerá-lo, vai gostar dele.

— Hélène — disse o general com gravidade —, estamos a algumas léguas da França.

Ela estremeceu, olhou pela vigia da cabine, mostrou o mar desenrolando suas imensas savanas de água verde.

— Este é meu país — respondeu, batendo com a ponta do pé no tapete.

— Não virá ver sua mãe, sua irmã, seus irmãos?

— Claro que sim — disse ela, com lágrimas na voz —, se ele quiser e puder me acompanhar.

— Então não tem mais nada, Hélène — tornou severamente o militar —, nem país, nem família?

— Sou a mulher dele — replicou com um ar de orgulho e num tom cheio de nobreza. — Em sete anos, esta é a primeira felicidade que não provém dele — acrescentou, pegando a mão do pai e beijando-a —, e a primeira censura que ouço.

— E sua consciência?

— Minha consciência? É ele.

Naquele momento, estremeceu com violência.

— Está aqui — disse ela. — Mesmo em um combate, entre todos os passos no tombadilho, reconheço o dele.

E, de repente, o rubor avermelhou suas faces, fez seus traços resplandecerem, seus olhos brilharem, e sua tez adquiriu um branco fosco... Havia felicidade e amor em seus músculos, em suas veias azuis, no tremor involuntário de toda a sua pessoa. Aquele movimento de sensitiva comoveu o general.

De fato, um instante depois, o corsário entrou, sentou-se em uma poltrona, pegou o filho mais velho e começou a brincar com ele. Por um momento reinou o silêncio; pois, por um momento, o general, imerso em devaneio comparável ao sentimento vaporoso de um sonho, contemplou aquela cabine elegante, semelhante a um ninho de alcíones, onde aquela família vogava pelo oceano havia sete anos, entre os céus e as vagas, confiando em um homem, conduzida pelos perigos da guerra e das tempestades, como um casal é guiado na vida por um chefe em meio às infelicidades sociais... Ele olhava sua filha com admiração, imagem fantástica de uma deusa marinha, suave de bondade, rica de felicidade e fazendo todos os tesouros que a cercavam empalidecer diante dos tesouros de sua alma, dos clarões de seus olhos e da poesia indescritível impressa em sua pessoa e a seu redor.

A situação oferecia uma estranheza que o surpreendia, uma sublimidade de paixão e de raciocínio que confundia as ideias vulgares. As combinações estreitas e frias da sociedade morriam diante daquele quadro. O velho militar sentiu todas aquelas coisas e compreendeu também que a filha jamais abandonaria uma vida tão ampla, tão fecunda em contrastes, cheia de um amor tão verdadeiro; além disso, se tomara gosto pelo perigo sem sentir medo, não conseguiria mais adaptar-se às pequenas cenas de uma sociedade mesquinha e limitada.

— Estou incomodando? — perguntou o corsário, rompendo o silêncio e olhando para a mulher.

— Não — respondeu o general —, Hélène me disse tudo. Vejo que está perdida

para nós.

— Não — replicou vigorosamente o corsário. — Mais uns anos e a prescrição vai me permitir voltar para a França. Quando a consciência está tranquila e, embora rompendo as leis sociais, um homem obedeceu...

Ele calou-se, acreditando não precisar se justificar.

— E como o senhor pode — disse o general interrompendo-o — não sentir remorsos pelos novos assassinatos que ocorreram diante de meus olhos?

— Não dispúnhamos de víveres — replicou o corsário com calma.

— Mas desembarcando esses homens na costa...

— Eles fariam com que alguma embarcação cortasse nossa retirada e não chegaríamos ao Chile.

— Antes que da França — interrompeu o general —, avisassem o almirantado espanhol...

— Mas a França pode achar ruim que um homem, ainda sujeito a seus tribunais, tenha se apoderado de um brigue fretado por gente de Bordeaux. Além disso, às vezes o senhor não disparou alguns tiros a mais em um campo de batalha?

Intimidado pelo olhar do corsário, o general calou-se; e sua filha contemplou-o com um ar que exprimia tanto triunfo quanto melancolia...

— General — disse o corsário, com uma voz profunda —, transformei em lei para mim jamais desviar algo do butim. Porém, não há dúvida de que a parte que me caberá será mais considerável que a sua fortuna. Permita-me restituí-la de outra maneira...

Tirou de uma gaveta um maço de notas, não contou os pacotes e apresentou um milhão ao marquês.

— O senhor compreende — continuou — que não posso divertir-me contemplando os que passam pela rota de Bordeaux... Ora, a menos que o senhor tenha sido seduzido pelos perigos de nossa vida boêmia, pelos cenários da América do Sul, pelas noites nos trópicos, por nossas batalhas e pelo prazer de fazer a bandeira de uma nova nação, ou o nome de Simon Bolívar, triunfar, o senhor terá de nos deixar... Uma chalupa e alguns homens dedicados aguardam-no. Esperemos que nosso terceiro encontro seja melhor...

— Victor, gostaria de ficar com meu pai mais alguns momentos — disse Hélène em tom amuado.

— Dez minutos a mais ou a menos podem nos colocar diante de uma fragata. Mas tudo bem! Vamos nos divertir um pouco. Nossa gente está se entediando.

— Oh, parta, meu pai — exclamou a mulher do marinheiro. — E leve a minha irmã, a meus irmãos, a... minha mãe — acrescentou —, estas provas de minhas saudades.

Ela pegou um punhado de pedras preciosas, colares, joias, enrolou-os em uma caxemira e entregou-os timidamente ao pai.

— E o que vou dizer-lhes de sua parte? — perguntou o general, parecendo impressionado com a hesitação de sua filha ao proferir a palavra *mãe*.

— Oh, o senhor consegue duvidar de minha alma! Todos os dias desejo a felicidade deles.

— Hélène — tornou o velho senhor, fixando-a atentamente —, será que nunca mais vou vê-la? Jamais saberei a que se deveu sua fuga?

— Esse segredo não me pertence — disse ela em um tom grave. — Embora tivesse o direito de lhe revelar, talvez ainda não lhe contasse. Sofri durante dez anos tormentos inacreditáveis... Ela não prosseguiu e estendeu ao pai os presentes que destinava à família. Acostumado pelos acontecimentos da guerra a ter ideias bastante abertas com respeito ao butim, aceitou os presentes da filha e apeteceu-lhe pensar que, sob a inspiração de uma alma tão pura, tão elevada quanto a de Hélène, o capitão permanecia um homem honesto ao guerrear contra os espanhóis. Sua paixão pelos corajosos prevaleceu. Pensando que seria ridículo comportar-se como um puritano, apertou com vigor a mão do corsário, deu um beijo em Hélène, sua única filha, com aquela efusão peculiar dos militares, e deixou cair uma lágrima naquele rosto, cuja altivez, cuja expressão máscula lhe haviam sorrido mais de uma vez. Muito comovido, o marinheiro pediu-lhe que abençoasse os filhos. Por fim, todos disseram adeus pela última vez por um olhar prolongado, não despojado de ternura.

— Sejam felizes! — exclamou o avô precipitando-se para o tombadilho.

No mar, um espetáculo singular aguardava o general. O Saint-Ferdinand, entregue às chamas, queimava como um imenso palheiro. Empenhados em afundar o brigue espanhol, os marinheiros descobriram que havia a bordo um carregamento de rum, abundante no Othello, e acharam divertido fazer um grande ponche em pleno mar. Era diversão bastante perdoável a pessoas para as quais a aparente monotonia do mar fazia com que aproveitassem todas as oportunidades de animar a vida. Descendo do brigue para a chalupa do Saint-Ferdinand, conduzida por seis marinheiros vigorosos, o general dividia sem querer sua atenção entre o incêndio do Saint-Ferdinand e sua filha, apoiada no corsário, ambos de pé na popa de seu navio. Diante de tantas lembranças, vendo o vestido branco de Hélène flutuar, leve como uma vela a mais; distinguindo no oceano essa figura bela e alta, imponente o bastante para tudo dominar, até o mar, esquecia-se, com a indiferença de um ex-militar, de que vogava sobre o tûmulo do bom Gomez.

Acima dele, uma imensa coluna de fumaça planava como uma nuvem castanha, e os raios de sol, traspassando-a aqui e ali, lançavam nela clarões poéticos. Era um

segundo céu, uma abóbada escura sob a qual brilhavam espécies de lustres e acima da qual planava o azul inalterável do firmamento, que parecia mil vez mais belo com essa oposição efêmera. As cores estranhas daquela fumaça, ora amarela, ora loura, ora vermelha, ora preta, vaporosamente fundidas, cobriam a nau, que crepitava, estalava, gemia. As chamas assobiavam mordendo o cordame e corriam pela embarcação como uma sedição popular voa pelas ruas de uma cidade. O rum produzia chamas azuis que se remexiam, como se o mago dos mares agitasse aquele líquido furibundo, da mesma maneira que a mão de um estudante faz mover-se a flambagem alegre de um ponche em uma orgia. O sol, porém, mais forte em luz, ciumento daquele clarão insolente, mal deixava que se vissem em seus raios as cores do incêndio. Era como uma rede, como uma echarpe que esvoaçasse em meio à torrente de seus raios.

O Othello apanhava, para escapar, o pouco vento que conseguia pinçar naquela nova direção e inclinava-se ora para um lado, ora para o outro, como um papagaio balançando no ar. O belo brigue navegava depressa rumo ao sul; e ora se escondia do general, desaparecendo por trás da coluna ereta cuja sombra se projetava fantasticamente sobre as águas, ora se mostrava, erguendo-se com graça e fugindo. Toda vez que Hélène conseguia avistar o pai, agitava seu lenço para despedir-se de novo. Logo o Saint-Ferdinand naufragou, produzindo um turbilhão que o oceano rapidamente apagou. Restou então, de toda essa cena, apenas uma nuvem balançada pela brisa. O Othello estava longe; a chalupa aproximava-se da terra; a nuvem interpôs-se entre a frágil embarcação e o brigue. A última vez que o general viu a filha foi através de uma fenda da fumaça ondulante. Visão profética! O lenço branco, o vestido eram as únicas coisas que se destacavam do fundo de bistre. Entre a água verde e o céu azul, praticamente não se enxergava mais o brigue. Hélène não passava de um ponto imperceptível, uma linha solta, graciosa, um anjo no céu, uma ideia, uma lembrança.

Após ter recuperado sua fortuna, o marquês morreu, esgotado pelo cansaço. Alguns meses após sua morte, em 1833, a marquesa foi obrigada a levar Moïna a uma estação de águas nos Pirineus. A menina caprichosa quis conhecer as belezas daquelas montanhas. Voltou à estação de águas e, quando regressou, ocorreu essa cena terrível.

— Meu Deus — disse Moïna —, fizemos muito mal, minha mãe, de não ficar mais alguns dias nas montanhas! Estávamos bem melhor lá do que aqui. A senhora ouviu os gemidos contínuos dessa maldita criança e as tagarelices daquela pobre mulher que decerto fala em dialeto, pois não compreendi uma única palavra do que dizia? Que tipo de gente nos deram como vizinhos! Essa noite foi uma das piores que já passei na vida.

— Não ouvi nada — respondeu a marquesa —, mas querida, vou falar com a proprietária, pedir-lhe o quarto contíguo, ficaremos sozinhas nesse apartamento e não teremos mais barulho. Como está hoje? Está cansada?

Dizendo estas últimas palavras, a marquesa levantara-se e fora para junto do leito de Moína.

— Vamos ver — disse ela, buscando a mão da filha.

— Oh, deixe-me, minha mãe — respondeu Moína —, a senhora está fria!

Depois de falar assim, a moça enrolou-se em seu travesseiro em um movimento de amuo, mas tão gracioso que dificilmente ofenderia uma mãe. Naquele momento, um lamento, cujo tom suave e prolongado dilaceraria o coração de uma mulher, ressoou no quarto ao lado.

— Mas se ouviu isso a noite inteira, por que não me acordou? Poderíamos...

Um gemido mais profundo que todos os outros interrompeu a marquesa, que gritou:

— Alguém está morrendo!

E saiu correndo.

— Mande-me Pauline! — gritou Moína —, quero me vestir.

A marquesa desceu depressa e encontrou a proprietária no pátio, em meio a algumas pessoas que pareciam escutá-la com atenção.

— A senhora colocou perto de nosso quarto uma pessoa que parece estar sofrendo muito...

— Nem me fale! — exclamou a dona do hotel. — Acabo de mandar chamar o prefeito. Imagine que é uma mulher, uma pobre infeliz que chegou ontem à noite a pé; veio da Espanha, não tem passaporte, nem dinheiro. Carregava nas costas um menininho moribundo. Não pude evitar recebê-la. Hoje de manhã, fui vê-la pessoalmente; pois ontem, quando desembarcou aqui, fiquei com muita pena dela. Pobrezinha! Estava deitada com o filho, e ambos lutavam contra a morte. “Senhora”, disse-me tirando um anel de ouro do dedo, “só me resta isso, aceite-o como pagamento; será suficiente, pois não pretendo passar muito tempo aqui. Coitadinho! Morreremos juntos”, ela prosseguiu, olhando para o filho. Peguei o anel, perguntei-lhe quem era; mas ela não quis revelar seu nome de jeito nenhum... Acabo de mandar chamar o médico e o senhor prefeito.

— Dê-lhe toda a assistência necessária! — exclamou a marquesa. — Meu Deus, talvez ainda haja tempo para salvá-la! Pago tudo o que ela consumir...

— Ah, senhora, ela parece ser bem orgulhosa e não sei se vai querer...

— Vou até lá.

E imediatamente a marquesa subiu, sem pensar no mal que faria àquela mulher, que diziam moribunda, avistá-la trajando luto. A marquesa empalideceu ao ver a

agonizante. Apesar dos terríveis sofrimentos que haviam alterado a bela fisionomia de Hélène, reconheceu sua filha mais velha. Ao avistar uma mulher vestida de negro, Hélène sentou-se na cama, deu um grito de terror e tornou a cair devagar, quando reconheceu a mãe naquela dama.

— Minha filha! — disse a senhora d'Aiglemont. — De que está precisando? Pauline! Moína!

— Não preciso de mais nada — respondeu Hélène, a voz debilitada. — Esperava rever meu pai. Mas seu luto me anuncia...

Ela não terminou; apertou o filho contra o peito como que para aquecê-lo, beijou sua testa e lançou sobre a mãe um olhar em que ainda se lia a censura, embora temperada pelo perdão. A marquesa não quis ver a censura; esqueceu-se de que Hélène fora uma filha concebida outrora entre lágrimas e desespero, a filha do dever, a filha que provocara suas maiores infelicidades: avançou suavemente em direção à primogênita, lembrando-se apenas de que Hélène fora a primeira a lhe apresentar os prazeres da maternidade. Os olhos da mãe estavam cheios de lágrimas; e, beijando a filha, exclamou:

— Hélène! Minha filha...

Hélène continuava muda. Acabara de absorver o último suspiro de seu último filho.

Naquele momento, Moína, Pauline, sua camareira, a dona do hotel e o médico entraram. A mãe mantinha a mão gelada da filha entre as suas e contemplava-a com um desespero verdadeiro. Exasperada pela desgraça, a viúva do marinheiro, que acabara de escapar de um naufrágio salvando apenas um filho de toda a sua bela família, disse com uma voz horrível à mãe:

— Tudo isso é obra da senhora! Se a senhora tivesse sido para mim o que...

— Moína, saia, saiam todos! — gritou a senhora d'Aiglemont, abafando com o estrondo de sua voz a de Hélène.

— Misericórdia, minha filha — tornou —, não vamos tornar agora aos tristes combates...

— Vou-me calar — respondeu Hélène fazendo um esforço sobre-humano. — Sou mãe, sei que Moína não deve... Onde está meu filho?

Moína voltara a entrar, impelida pela curiosidade.

— Minha irmã — disse a menina mimada —, o médico...

— Tudo em vão! — continuou Hélène —, ah, por que não morri quando tinha dezesseis anos, quando queria me matar! Jamais se encontra a felicidade fora das leis... Moína... você...

Hélène morreu, deixando a cabeça cair sobre a de seu filho, a quem apertava convulsivamente.

— Sua irmã decerto queria lhe dizer, Moïna — retomou a senhora d'Aiglemont, quando regressou a seu quarto, onde caiu em prantos — que a felicidade para uma moça jamais está em uma vida romanesca, à margem das ideias recebidas, e, principalmente, longe de sua mãe.

A Velhice de uma Mãe Culpada

Em um dos primeiros dias do mês de junho de 1844, uma senhora de cerca de cinquenta anos, mas que parecia ainda mais velha do que seria de esperar para sua idade, passeava ao sol, ao meio-dia, por uma alameda no jardim de uma grande mansão da Rue Plumet, em Paris. Após ter dado duas ou três voltas na trilha levemente sinuosa em que permanecia para não perder de vista as janelas de um quarto que aparentemente chamava toda a sua atenção, ela foi sentar-se em uma daquelas poltronas meio rústicas fabricadas com ramos novos de árvore guarnecidos de sua casca. Do lugar em que se encontrava aquele assento elegante, a dama conseguia avistar, por uma das grades, os bulevares interiores, no meio dos quais está a abóbada admirável dos Invalides, que ergue sua cúpula de ouro entre as cabeças de uns mil olmos, paisagem admirável, e o aspecto menos grandioso de seu jardim terminado pela fachada cinzenta de uma das mansões mais belas do *faubourg* Saint-Germain. Lá, tudo estava em silêncio, os jardins vizinhos, os bulevares, os Invalides; pois, naquele bairro nobre, o dia só começa ao meio-dia. A não ser por algum capricho, a não ser que alguma dama queira montar a cavalo, ou algum velho diplomata tenha de refazer algum protocolo, naquela hora, criados e senhores, tudo dorme, ou tudo desperta.

A velha senhora tão matinal era a marquesa d'Aiglemont, mãe da senhora de Saint-Héreen, a quem a bela mansão pertencia. A marquesa dela se privara em favor de sua filha, a quem entregara toda a fortuna, reservando para si apenas uma pensão vitalícia. A condessa Moïna de Saint-Héreen era a última filha da senhora d'Aiglemont. Para fazer de sorte que se casasse com o herdeiro de uma das casas mais ilustres da França, a marquesa tudo sacrificara. Nada mais natural. Perdera sucessivamente dois filhos: um, Gustave, marquês d'Aiglemont, morrera de cólera; o outro, Abel, sucumbira diante de Constantina. Gustave deixou viúva e filhos. Mas a afeição bastante morna da senhora d'Aiglemont pelos dois filhos diluíra-se ainda mais ao passar para os netos. Tratava com bastante polidez a senhora d'Aiglemont, a jovem; mas mantinha-se no sentimento superficial que o bom gosto e as conveniências nos prescrevem testemunhar a nossos próximos.

Com a fortuna dos filhos mortos devidamente distribuída, reservara para sua querida Moïna suas economias e seus próprios bens. Moïna, bela e sedutora desde a infância, sempre fora para a senhora d'Aiglemont o objeto de uma daquelas

predileções inatas ou involuntárias nas mãos de família; simpatias fatais que parecem inexplicáveis ou que os observadores sabem explicar bem demais. A figura encantadora de Moïna, o som da voz daquela filha querida, suas maneiras, sua postura, sua fisionomia, seus gestos, tudo nela despertava na marquesa as emoções mais profundas que podem animar, perturbar ou enfeitiçar o coração de uma mãe. O princípio de sua vida presente, passada e futura concentrava-se no coração daquela jovem mulher, onde jogara todos os seus tesouros. Felizmente Moïna sobrevivera a quatro irmãos mais velhos. A senhora d'Aiglemont perdera, da maneira mais trágica, diziam as pessoas da sociedade, uma menina encantadora cujo destino era praticamente desconhecido e um menininho, levado aos cinco anos por uma catástrofe horrível. A marquesa viu decerto um presságio dos céus no respeito que o destino parecia ter pela filha de seu coração e lembrava-se pouco de seus filhos já desaparecidos, levados pelos caprichos da morte, e que permaneciam no fundo de sua alma, como os túmulos erguidos em um campo de batalha, mas que as flores do campo quase escondem.

A sociedade poderia pedir severas satisfações da marquesa por aquela indiferença e pela predileção; a sociedade de Paris, porém, é arrastada por tal torrente de acontecimentos, modas, ideias novas, que toda a vida da senhora d'Aiglemont acabou sendo de certa forma esquecida. Ninguém pensava em transformar em crime uma frieza, um esquecimento que a ninguém interessava, enquanto sua grande ternura por Moïna interessava a muita gente e tinha toda a respeitabilidade dos preconceitos. Além disso, a marquesa participava pouco da vida social; e, para a maioria das famílias que a conheciam, ela parecia boa, doce, devota, indulgente. Ora, não seria preciso ter um interesse bem forte para ir além dessas aparências com que a sociedade se contenta? Ademais, o que não se perdoa aos velhos quando eles se apagam como sombras e só querem ser uma lembrança? Enfim, a senhora d'Aiglemont era um modelo citado complacentemente pelos filhos aos pais, pelos genros às sogras. Antes do tempo, entregou seus bens a Moïna, contente com a felicidade da jovem condessa, e vivendo só por intermédio dela e para ela. Se os idosos prudentes, os tios melancólicos censuravam aquela conduta dizendo “A senhora d'Aiglemont vai se arrepender um dia de ter abdicado à sua fortuna em favor da filha; pois, se conhece bem o coração da senhora de Saint-Héreen, pode ter tanta certeza assim da moralidade do genro?”, havia contra essas profecias, protestos gerais; e de todos os lados choviam elogios a Moïna.

— Devemos ser justos com a senhora de Saint-Héreen — dizia uma jovem mulher —, nada mudou em torno da mãe dela. A senhora d'Aiglemont mora admiravelmente; tem um carro às suas ordens e pode ir a qualquer lugar na sociedade como antes...

— Exceto nos Italiens — respondia baixinho um velho parasita, uma daquelas pessoas que se acham no direito de esmagar seus amigos com epigramas, sob o pretexto de dar provas de independência. — A viúva só gosta de música, além de sua filha mimada. Foi tão boa musicista em seu tempo! Mas, como o camarote da condessa está sempre cheio de jovens que borboleteiam à sua volta e como ali perturbaria essa pessoazinha de quem já se comenta ser uma grande coquete, a pobre mãe jamais vai aos Italiens.

— A senhora de Saint-Héreen — falava uma moça casadoura — faz saraus maravilhosos para a mãe, um salão onde toda a Paris vai.

— Um salão em que ninguém presta atenção na marquesa — retorquia o parasita.

— A verdade é que a senhora d'Aiglemont jamais está sozinha — comentava um presunçoso, apoiando a tese das jovens damas.

— Pela manhã — replicava o velho observador em voz baixa — pela manhã, a querida Moïna dorme. Às quatro horas, a querida Moïna está no Bois. À noite, a querida Moïna vai ao baile ou às Bouffes... Mas é verdade que a senhora d'Aiglemont consegue ver sua querida filha enquanto ela se veste, ou durante o jantar, quando a querida Moïna janta por acaso com sua querida mãe. Há menos de oito dias — continuou o parasita, pegando pelo braço um tímido preceptor, recém-chegado à casa onde ele se encontrava —, vi a pobre mãe triste e sozinha junto à lareira. “O que a senhora tem?”, perguntei. A marquesa olhou-me sorrindo, mas decerto chorara. “Estava pensando”, disse-me ela, “que é bem estranho estar sozinha depois de ter tido cinco filhos; mas nosso destino é assim! Além disso, fico feliz sabendo que Moïna está se divertindo!” Ela podia fazer-me confidências, a mim, que conheci seu marido. Era um pobre homem e foi bem feliz tendo-a como mulher; com certeza, devia-lhe seu título de par e seu cargo na corte de Carlos X.

Mas tantos erros insinuam-se nas conversas da sociedade, com tanta levandade provocam-se males profundos, que o historiador dos costumes é obrigado a avaliar com sensatez as asserções precipitadamente emitidas por tantos imprudentes. Finalmente, talvez não se deva jamais pronunciar quem tem razão ou não quanto à filha ou à mãe. Entre esses dois corações, há um único juiz possível. Esse juiz é Deus! Deus, que muitas vezes exerce sua vingança dentro das famílias e se serve eternamente dos filhos contra as mães, dos pais contra os filhos, dos povos contra os reis, dos príncipes contra as nações, de tudo contra tudo; substituindo no mundo moral os sentimentos pelos sentimentos como as folhas novas rejeitam as velhas na primavera; agindo conforme uma ordem imutável, um objetivo só por ele conhecido. Provavelmente, tudo vai para seu seio, ou melhor, a ele retorna.

Estes pensamentos religiosos, tão naturais no coração dos idosos, fluíam esparsos na alma da senhora d'Aiglemont; ali permaneciam semivelados, ora

enterrados ora completamente ostentados, como flores atormentadas na superfície das águas durante uma tempestade. Ela sentara-se cansada, enfraquecida por longa meditação, por um daqueles devaneios em meio aos quais toda a vida se ergue, se desenvolve aos olhos dos que pressentem a morte.

A mulher, envelhecida antes do tempo, seria, para algum poeta que passasse pelo bulevar, um quadro curioso. Vendo-a sentada à sombra débil de uma acácia ao meio-dia, todos saberiam ler uma das mil coisas inscritas naquele rosto pálido e frio, mesmo sob os quentes raios do sol. Seu rosto muito expressivo representava algo mais grave ainda do que uma vida em declínio, ou mais profundo do que uma alma abatida pela experiência. Ela era um desses tipos que, entre mil fisionomias desdenhadas por não terem caráter, nos detêm por um momento, nos fazem pensar; como, entre os mil quadros de um museu, ficamos muito impressionados, seja pela cabeça sublime onde Murillo pintou a dor materna, ou pelo rosto de Beatriz Cenci onde Guido soube pintar a inocência mais tocante no fundo do crime mais pavoroso, ou ainda pela face sombria de Filipe II, onde Velásquez imprimiu para sempre o terror majestoso que a realeza deve inspirar. Algumas figuras humanas são imagens despóticas que falam conosco, fazem-nos perguntas, respondem a nossos pensamentos secretos e até elaboram poemas inteiros. O rosto gelado da senhora d'Aiglemont era uma dessas poesias terríveis, dessas faces espalhadas aos milhares na *Divina Comédia* de Dante Alighieri.

Durante a rápida estação em que a mulher permanece em flor, as características de sua beleza servem admiravelmente a dissimulação à qual sua fraqueza natural e nossas leis sociais a condenam. Sob o rico colorido de seu rosto fresco, sob o fogo de seus olhos, sob a rede graciosa de seus traços tão finos, de tantas linhas em profusão, curvas ou retas, mas puras e perfeitamente consolidadas, todas as suas emoções podem permanecer secretas. O rubor então nada revela, colorindo ainda mais cores já vivas; todos os foros íntimos mesclam-se tão bem à luz dos olhos flamejantes de vida que a chama passageira de um sofrimento só aparece ali como uma graça a mais. Por isso, nada é mais discreto do que um rosto jovem, porque nada é mais imóvel. O rosto de uma mulher jovem tem a calma, a polidez, o frescor da superfície de um lago. A fisionomia das mulheres só começa aos trinta anos. Até essa idade, o pintor só encontra em seus rostos o róseo e o branco, sorrisos e expressões que repetem um mesmo pensamento, pensamento de juventude e amor, pensamento uniforme e sem profundidade; mas, na velhice, tudo na mulher fala, as paixões incrustaram-se em seu rosto; foi amante, esposa, mãe; as expressões mais violentas da alegria e da dor acabaram maquiando, torturando seus traços, para ali se demarcar em mil rugas, todas com uma linguagem; e um rosto de mulher torna-se sublime de horror, belo de melancolia, ou magnífico de calma; se for permitido prosseguir essa metáfora

estranha, o lago seco revela então os vestígios de todas as torrentes que o produziram; um rosto de mulher idosa não pertence então mais à sociedade, que, frívola, fica assustada por nele avistar a destruição de todas as ideias de elegância às quais está habituada, nem aos artistas vulgares, que ali nada descobrem; mas, para os verdadeiros poetas, para aqueles que têm o sentimento de uma bela independência de todas as convenções sobre as quais se baseiam tantos preconceitos, ele constitui arte e beleza.

Embora a senhora d'Aiglemont usasse capote da moda sobre a cabeça, era fácil ver que sua cabeleira, outrora negra, embranquecera devido a cruéis emoções; a maneira, porém, como ela a dividia ao meio traía seu bom gosto, revelava os hábitos graciosos da mulher elegante e desenhava perfeitamente sua testa fenecida, enrugada, na forma da qual se encontravam alguns vestígios de seu brilho de outrora. As linhas de seu rosto, a regularidade de seus traços davam uma ideia, na realidade débil, da beleza da qual devia se orgulhar; mas esses indícios denunciavam ainda melhor as dores, que haviam sido agudas o suficiente para escavar aquele rosto, para secar suas têmporas, encovar suas faces, magoar as pálpebras e desgarnecer os cílios, que constituem a graça do olhar. Tudo era silencioso naquela mulher; seu modo de andar e seus movimentos tinham aquela lentidão grave e recolhida que impõe respeito. Sua modéstia, transformada em timidez, parecia ser o resultado do hábito que adquirira há alguns anos de se apagar diante da filha; além disso, pouco falava, e em tom doce, como o de todas as pessoas obrigadas a refletir, a concentrar-se, a viver consigo mesmas. Essa atitude e essa moderação inspiravam um sentimento indefinível, que não era de medo ou compaixão, mas no qual se fundiam misteriosamente todas as ideias que despertam esses vários sentimentos. Por fim, a natureza de suas rugas, a maneira como seu rosto se franzia, a palidez de seu olhar dolorido, tudo testemunhava com eloquência as lágrimas que, devoradas pelo coração, jamais escorrem pelo rosto.

Os infelizes acostumados a contemplar o céu para a ele submeter os males de sua vida reconheceriam com facilidade nos olhos daquela mãe os hábitos cruéis de uma prece feita a cada instante do dia, e os leves vestígios dessas lesões secretas que acabam destruindo as flores da alma e até o sentimento de maternidade. Os pintores dispõem de cores para esses retratos, mas as ideias e as palavras não conseguem traduzi-los com fidelidade; ali se encontram, nos tons da tez, no ar do rosto, fenômenos inexplicáveis que a alma capta pela visão, mas o relato dos acontecimentos aos quais se devem tão terríveis reviravoltas da fisionomia é o único recurso que resta ao poeta para transmiti-los. Esse rosto anunciava uma tormenta calma e fria, um combate secreto entre o heroísmo da dor materna e a imperfeição de nossos sentimentos, que acabaram como nós mesmos e onde nada se encontra de

infinito. Esses sofrimentos sem cessar reprimidos haviam produzido a longo prazo algo de mórbido naquela mulher. Decerto algumas emoções violentas demais haviam alterado fisicamente aquele coração materno, e alguma doença, talvez um aneurisma, ameaçasse lentamente aquela mulher sem que ela soubesse. Os pesares verdadeiros estão aparentemente bem calmos no leito profundo que construíram para si, onde parecem adormecidos, mas onde continuam a corroer a alma como o ácido pavoroso traspassa o cristal! Naquele momento, duas lágrimas sulcaram as faces da marquesa, e ela se levantou como se alguma reflexão mais pungente que todas as outras a ferisse com mais força. Decerto considerara o futuro de Moína. Ora, prevendo as dores que aguardavam a filha, todos os infortúnios de sua própria vida voltaram-lhe ao coração.

A situação dessa mãe será compreendida assim que explicarmos a da filha.

O conde de Saint-Héreen partira havia cerca de seis meses para cumprir uma missão política. Durante aquela ausência, Moína, em quem a todas as vaidades de pequena senhora se acrescentavam as vontades caprichosas da criança mimada, divertira-se, por inconsequência ou para obedecer às mil faceirices da mulher, e talvez para testar seu poder, em brincar com a paixão de um homem hábil, mas sem coração, que se dizia ébrio de amor, daquele amor no qual se combinam todas as ambições sociais e fútuas do pretensioso. A senhora d'Aiglemont, à qual uma longa experiência ensinara a conhecer a vida, a julgar os homens, a temer a sociedade, observara os progressos daquela intriga e pressentia a perdição da filha, vendo-a nas mãos de um homem para o qual nada era sagrado. Não havia para ela algo de pavoroso em encontrar *um libertino* no homem que Moína ouvia com prazer? Sua filha querida encontrava-se, portanto, à beira de um abismo. Tinha uma horrível certeza disso e não ousava detê-la, pois tremia diante da condessa. Sabia de antemão que Moína não ouviria nenhuma de suas advertências sensatas; não tinha nenhum poder sobre aquela alma, de ferro para ela, e toda brandura para os outros. Sua ternura levá-la-ia a interessar-se pelos infortúnios de uma paixão justificada pelas nobres qualidades do sedutor, mas a filha obedecia a um impulso de faceirice; e a marquesa desprezava o conde Alfred de Vandenesse, pois sabia que era um homem que consideraria sua aventura com Moína como uma partida de xadrez. Embora Alfred de Vandenesse horrorizasse a pobre mãe, ela era obrigada a enterrar nos recantos mais profundos de seu coração as razões supremas dessa aversão. Tivera ligações íntimas com o marquês de Vandenesse, pai de Alfred, e essa amizade, respeitável aos olhos da sociedade, autorizava o rapaz a vir com familiaridade à casa da senhora de Saint-Héreen, pela qual fingia uma paixão despertada na infância.

Além disso, seria vão a senhora d'Aiglemont decidir lançar entre a filha e Alfred de Vandenesse palavras terríveis que os separassem; tinha a certeza de fracassar,

apesar do poder dessas palavras, que a desonrariam aos olhos da filha. Alfred era depravado demais, e Moína, muito inteligente para acreditar naquela revelação, e a jovem condessa poderia desdenhá-la considerando-a um ardil de mãe. A senhora d'Aiglemont construíra seu cárcere com as próprias mãos e nele se murara para ali morrer vendo a bela vida de Moína perder-se, aquela vida que se tornara sua glória, sua felicidade e seu consolo, uma existência para ela mil vezes mais preciosa que a sua. Sofrimentos horríveis, incríveis, indefiníveis! Abismos sem fundo!

Esperava com impaciência o despertar da filha e, contudo, o temia, como o pobre condenado à morte, que gostaria de acabar com a vida e que, no entanto, sente arrepios ao pensar no carrasco. A marquesa decidira fazer uma última tentativa; mas talvez temesse menos o fracasso do que outra daquelas punhaladas, tão dolorosas para seu coração, que haviam esgotado toda a sua coragem. Seu amor de mãe chegara a esse ponto: amar a filha, temê-la, ter medo de uma punhalada e ir adiante. O sentimento materno é tão amplo nos corações que amam que, antes de chegar à indiferença, uma mãe morre ou procura apoio em algum grande poder, a religião ou o amor.

Desde seu despertar, a memória fatal da marquesa evocara-lhe muitos desses fatos, aparentemente pequenos, mas que na vida moral são grandes acontecimentos. Com efeito, às vezes um gesto desenvolve todo um drama, o tom de uma palavra dilacera toda uma vida, a indiferença de um olhar mata a paixão mais bem-sucedida. A marquesa d'Aiglemont infelizmente vira gestos assim em demasia, ouvira demais essas palavras, recebera demais esses olhares pavorosos para a alma, para que suas lembranças pudessem lhe dar esperanças. Tudo lhe provava que Alfred a perdera no coração de sua filha, onde ela permanecia, ela, a mãe, menos como um prazer do que como um dever. Mil coisas, até as mais insignificantes, atestavam-lhe a conduta detestável da condessa para com ela, ingratidão que a marquesa talvez considerasse punição. Procurava desculpas para a filha nos desígnios da Providência, a fim de ainda conseguir adorar a mão que a abatia.

Durante aquela manhã, ela lembrou-se de tudo, e tudo a feriu novamente com tanta energia no coração, que sua taça, repleta de amarguras, transbordaria se nela fosse lançada a dor mais leve. Um olhar frio poderia matar a marquesa. É difícil descrever esses incidentes domésticos, mas talvez bastem alguns para indicá-los todos.

Tendo a marquesa ficado um pouco surda, jamais conseguiu que Moína elevasse a voz para ela; e no dia em que, na ingenuidade do ser adoentado, pediu que a filha repetisse uma frase da qual nada ouvira, a condessa obedeceu, mas demonstrando uma má vontade que não permitiu que a senhora d'Aiglemont reiterasse seu pedido humilde. Desde aquele dia, quando Moína contava algum acontecimento, ou falava,

a marquesa tinha o cuidado de se aproximar dela; mas muitas vezes a condessa parecia irritada com a enfermidade pela qual criticava tolamente sua mãe. Todas essas coisas talvez escapassem a um observador, pois eram nuances insensíveis para outros olhos que não os de uma mulher. Assim, tendo a senhora d'Aiglemont um dia dito à filha que a princesa de Cadignan viera visitá-la, Moïna simplesmente exclamou: — Como, ela veio para visitar a senhora! — O ar com que foram ditas as palavras, o tom da condessa, pintavam com cores leves uma surpresa, um desprezo elegante, que fariam os corações sempre jovens e ternos acreditarem ser filantropia o costume dos selvagens de matar seus velhos quando os últimos já não conseguem manter-se agarrados no galho de uma árvore agitada com força. A senhora d'Aiglemont levantou-se, sorriu e foi chorar em segredo. As pessoas bem-educadas e principalmente as mulheres só traem seus sentimentos por toques imperceptíveis, mas que nem por isso deixam de revelar as vibrações de seu coração aos que conseguem encontrar em sua vida situações análogas às dessa mãe magoada. Oprimida por suas lembranças, a senhora d'Aiglemont tornou a encontrar um desses fatos microscópicos tão ferinos, tão cruéis, onde jamais enxergara melhor do que naquele momento o desprezo atroz escondido sob os sorrisos. Mas suas lágrimas secaram-se quando ouviu abrirem-se as persianas do quarto onde a filha dormia. Correu em direção às janelas pela trilha que passava ao longo da grade diante da qual estivera sentada. Enquanto andava, observou com que cuidado particular o jardineiro alisara a areia daquela alameda, bastante maltratada havia algum tempo. No momento em que a senhora d'Aiglemont chegou sob as janelas da filha, as persianas foram fechadas com brusquidão.

— Moïna! — ela chamou.

Ninguém respondeu.

— A senhora condessa está na salinha — disse a camareira de Moïna, quando a marquesa entrou em casa e perguntou se sua filha acordara.

O coração da senhora d'Aiglemont estava oprimido demais e a cabeça preocupada demais para refletir naquele momento sobre circunstâncias tão levianas; foi rapidamente em direção à salinha, onde encontrou a condessa de penhoar, uma touca negligentemente jogada sobre uma cabeleira em desordem, os pés nos chinelos, a chave do quarto na cintura, o rosto marcado por pensamentos quase tempestuosos e cores animadas. Estava sentada em um divã e parecia refletir.

— Por que estão vindo até aqui? — perguntou, a voz dura. — Ah, é a senhora, minha mãe — continuou, com um ar distraído, após interromper a si mesma.

— Sim, minha querida, é sua mãe.

O tom com o qual a senhora d'Aiglemont pronunciou estas palavras exprimia uma efusão do coração e uma emoção íntima de que seria difícil dar ideia sem

empregar o termo santidade. Ela de fato assumira de tal forma o caráter sagrado de uma mãe, que sua filha ficou impressionada e voltou-se para ela com um movimento que exprimia ao mesmo tempo o respeito, a preocupação e o remorso. A marquesa fechou a porta daquela sala, onde ninguém poderia entrar sem fazer barulho nos cômodos precedentes. Aquele afastamento evitaria qualquer indiscrição.

— Minha filha — disse a marquesa —, é meu dever esclarecê-la sobre uma das crises mais importantes de nossa vida de mulher, na qual você talvez se encontre mesmo sem saber, mas da qual venho lhe falar menos como mãe do que como amiga. Ao se casar, você se tornou senhora de seus atos e só tem de prestar contas a seu marido; mas fiz com que sentisse tão pouco a autoridade materna (talvez tenha sido um erro) que me acredito no direito de ser ouvida por você pelo menos uma vez na situação grave em que deve precisar de meus conselhos. Pense, Moïna, que a casei com um homem de grande capacidade, do qual pode ter orgulho, que...

— Minha mãe — exclamou Moïna, interrompendo-a com ar revoltado —, sei o que veio me dizer... A senhora vai fazer um sermão a respeito de Alfred...

— Não adivinharia tão bem, Moïna — tornou com gravidade a marquesa, tentando conter as lágrimas —, se não sentisse...

— O quê? — perguntou, o ar quase altivo. — Mas, minha mãe, realmente...

— Moïna — exclamou a senhora d'Aiglemont fazendo um esforço extraordinário —, você vai ter de ouvir com atenção o que tenho a lhe dizer...

— Estou ouvindo — disse a condessa, cruzando os braços e fingindo uma submissão impertinente. — Permita-me, minha mãe — continuou com um sangue-frio incrível —, chamar Pauline para mandá-la...

Tocou a campainha.

— Minha querida, Pauline não pode ouvir...

— Mamãe — tornou a condessa com um ar sério e que deve ter parecido extraordinário para a mãe —, tenho de...

Ela parou de falar, a camareira estava entrando.

— Pauline, vá *pessoalmente* à loja de Baudran perguntar por que ainda não mandou meu chapéu.

Tornou a sentar-se e encarou a mãe. A marquesa, o coração apertado, os olhos secos, e que então sentia uma daquelas emoções cuja dor só pode ser compreendida pelas mães, tomou a palavra para relatar a Moïna o perigo que corria. Mas, ou porque a condessa se sentisse magoada com as suspeitas de sua mãe com relação ao filho do marquês de Vandenesse, ou porque fosse presa de uma daquelas loucuras incompreensíveis cujo segredo reside na inexperiência de todas as juventudes, aproveitou de uma pausa da mãe para dizer-lhe com um riso forçado:

— Mamãe, achava que só tivesse ciúmes do pai...

Ao ouvir aquilo, a senhora de Aiglemont fechou os olhos, baixou a cabeça e deu o mais leve de todos os suspiros. Lançou seu olhar para o alto, como para obedecer ao sentimento invencível que nos faz invocar Deus nas grandes crises da vida; em seguida, mirou sua filha com uma majestade terrível, os olhos também marcados por uma dor profunda.

— Minha filha — disse, a voz gravemente alterada —, você foi mais impiedosa com sua mãe do que o homem por ela ofendido, mais que Deus talvez será.

A senhora d'Aiglemont levantou-se; porém, chegando à porta, virou-se; viu apenas surpresa nos olhos da filha, saiu e conseguiu ir até o jardim, onde suas forças a abandonaram.

Lá, sentindo fortes dores no peito, caiu em um banco. Seus olhos, que vagavam pela areia, nela avistaram pegadas recentes de homem cujas botas haviam deixado marcas bem reconhecíveis. Sem sombra de dúvida, sua filha estava perdida, acreditou então compreender o motivo da ordem dada a Pauline. Essa ideia cruel foi acompanhada de uma revelação mais odiosa que todo o resto. Supôs que o filho do marquês de Vandenesse destruíra no coração de Moïna o respeito que uma filha deve ter pela mãe. O sofrimento aumentou, ela desmaiou imperceptivelmente e permaneceu como que adormecida.

A jovem condessa achou que a mãe permitira-se uma repreensão um pouco seca e pensou que à noite uma carícia ou algumas atenções seriam suficientes para que tudo voltasse ao normal. Ouvindo um grito de mulher no jardim, debruçou-se com negligência, no momento em que Pauline, que ainda não saíra, pedia socorro e segurava a marquesa em seus braços.

— Não assuste minha filha! — foram as últimas palavras que aquela mãe pronunciou.

Moïna viu transportarem a senhora d'Aiglemont, pálida, desfalecida, respirando com dificuldade, mas agitando os braços como se quisesse lutar ou falar. Aterrada com o espetáculo, acompanhou a mãe, ajudou em silêncio a deitá-la na cama e a despi-la. A culpa deixava-a prostrada. Naquele momento supremo, conheceu a mãe e não podia reparar mais nada. Quis ficar sozinha com ela; e, quando todos saíram do quarto e sentiu o frio daquela mão sempre afetuosa, caiu em prantos. Acordada por aquele choro, a marquesa ainda pôde fitar sua querida Moïna. Depois, ao ruído de seus soluços, que pareciam querer romper aquele peito delicado e confuso, contemplou a filha sorrindo. O sorriso provava à jovem matricida que o coração de uma mãe é um abismo no fundo do qual sempre se encontra o perdão.

Assim que se soube do estado da marquesa, foram enviados criados a cavalo para buscar o médico, o cirurgião e os netos da senhora d'Aiglemont. A jovem marquesa e seus filhos chegaram ao mesmo tempo que os profissionais e formaram uma

assembleia bastante imponente, silenciosa, inquieta, à qual se misturaram os criados. A jovem marquesa, que não ouvia nenhum ruído, foi bater suavemente à porta do quarto. A este sinal, Moína, decerto despertada de sua dor, empurrou com brusquidão os dois batentes, lançou um olhar desvairado sobre aquela assembleia de família e mostrou-se em uma desordem que falava mais alto que a linguagem. Diante daquele remorso vivo, todos permaneceram mudos. Era fácil entrever os pés da marquesa rijos e crispados convulsivamente no leito de morte. Moína encostou-se à porta, fitou os parentes e disse, a voz cava:

— *Perdi minha mãe!*

Paris, 1828-1844.